



Escola Superior de Educação João de Deus
**Mestrado em Ciências da Educação na Especialidade de Educação
Especial no Domínio Cognitivo-Motor**

**O ASPECTO AFETIVO E SUA IMPORTÂNCIA NA
APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS COM NECESSIDADES
EDUCATIVAS ESPECIAIS NA INCLUSÃO DA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

MARIA RITA DE CÁSSIA CUNHA

Lisboa, 2021



Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Ciências da Educação na Especialidade de Educação
Especial no Domínio Cognitivo-Motor

O ASPECTO AFETIVO E SUA IMPORTÂNCIA NA
APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS COM NECESSIDADES
EDUCATIVAS ESPECIAIS NA INCLUSÃO DA EDUCAÇÃO
INFANTIL

MARIA RITA DE CÁSSIA CUNHA

Tese apresentada à Escola Superior João de Deus como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação: Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor, sob a orientação da Professora Doutora Joana Reis Costa.

Lisboa, 2021

DEDICATÓRIA

Às pessoas, exemplos de carinho, paciência e sabedoria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS, aos anjos de luzes, fonte de inspiração Divina e força pela coragem na busca do cumprimento de metas.

Tenho feliz oportunidade de agradecer formalmente a todos aqueles que me ajudaram de alguma forma para a conclusão de mais um passo na minha vida e me sinto lisonjeada por mais essa oportunidade.

Gratidão imensa à minha família, em especial aos meus pais Áurea Duarte da Cunha e Osvaldo Ribeiro da Cunha e aos meus filhos Marcos José Cunha, Lourival Neto e Augusto Gabriel Cunha, pelas orientações e apoio nesta importante jornada. E também aos meus amigos de longas caminhadas e os novos na pessoa de senhora Gabrielle Ribeiro, pelo incentivo na minha decisão de continuar meus estudos. Igualmente, as colegas do curso em nome da estimada Prof.^a Sinara Cristina, um ser de luz, sempre cuidando do outro.

Agradeço aos Professores Doutores do curso de Mestrado em Ciências da Educação na Especialidade de Educação Especial: Domínio Cognitivo Motor da Escola Superior de Educação João de Deus, representados pelos estimados: Prof. Doutor Antónedfc io Ponces de Carvalho e Prof. Doutor Horácio Saraiva. E estendo a todos os funcionários em nome de Dona Judite Marote, uma pessoa elegante e atenciosa e Dona Adelaide Vaz sempre cuidadosa e alegre.

Sou grata à minha apreciada orientadora, a Prof.^a Doutora Joana Reis Costa, pela disponibilidade, paciência em me orientar durante todo período de construção desse trabalho.

Finalmente, mais uma vez, agradeço a tudo e todos que de alguma forma contribuíram neste processo acadêmico.

RESUMO

Considerando que as relações de afeto são essenciais para o desenvolvimento das crianças nos primeiros anos de vida, o conhecimento teórico dos educadores e sua presença nas escolas também é considerado necessário e contribui para o processo de desenvolvimento do ensino. Nesta perspectiva compreendemos que as escolas precisam garantir que, desde a Educação Infantil, uma prática que conduza a um processo de alfabetização agradável e competente. Diante das informações, esta pesquisa qualitativa, bibliográfica e descritiva visa realizar uma reflexão teórica sobre as emoções, enfocando a importância das relações sociais como um dos aspectos básicos do desenvolvimento humano global. Nesta entrevista participaram 32 professores da Educação Infantil, respondendo 15 questionários relacionados às práticas afetivas, para compreender a proposta do tema deste trabalho. Sendo assim, percebemos que, no contexto da educação especial, mais discussões e medidas são necessárias para remover as barreiras existentes entre as várias fases do processo de educação escolar. Portanto, de acordo com os resultados desta pesquisa, reconhece-se a problemática dos alunos com necessidades especiais no âmbito social da escola, verifica-se a realidade atual, teoria e prática, ou seja, legislação e teoria vigentes, paralelas ao cotidiano.

Palavras Chaves: Alfabetização, Educação Inclusiva, Afetividade.

ABSTRACT

Considering that affective relationships are essential for the development of children in the first years of life, the theoretical knowledge of educators and their presence in schools is also considered necessary and contributes to the process of teaching development. In this perspective, we understand that schools need to ensure that, from Kindergarten onwards, a practice that leads to a pleasant and competent literacy process. Given the information, this qualitative, bibliographical and descriptive research aims to carry out a theoretical reflection on emotions, focusing on the importance of social relationships as one of the basic aspects of global human development. In this interview 32 teachers of Kindergarten participated, answering 15 questionnaires related to affective practices, in order to understand the proposal of the theme of this work. Therefore, we realize that, in the context of special education, more discussions and measures are needed to remove the existing barriers between the various phases of the school education process. Therefore, according to the results of this research, the problem of students with special needs in the social sphere of the school is recognized, it is verified the current reality, theory and practice, that is, current legislation and theory, parallel to everyday life.

Key Words: Literacy, Inclusive Education, Affection

RESUMEN

Considerando que las relaciones afectivas son fundamentales para el desarrollo de los niños en los primeros años de vida, el conocimiento teórico de los educadores y su presencia en las escuelas también se considera necesario y contribuye al proceso de desarrollo de la enseñanza. En esta perspectiva, entendemos que las escuelas necesitan asegurar que, desde el jardín de infancia en adelante, una práctica que conduzca a un proceso de alfabetización agradable y competente. Dada la información, esta investigación cualitativa, bibliográfica y descriptiva tiene como objetivo realizar una reflexión teórica sobre las emociones, enfocándose en la importancia de las relaciones sociales como uno de los aspectos básicos del desarrollo humano global. En esta entrevista participaron 32 profesores de Kindergarten, respondiendo 15 cuestionarios relacionados con las prácticas afectivas, con el fin de comprender la propuesta del tema de este trabajo. Por lo tanto, nos damos cuenta de que, en el contexto de la educación especial, se necesitan más debates y medidas para eliminar las barreras existentes entre las diversas fases del proceso educativo escolar. Por tanto, de acuerdo con los resultados de esta investigación, se reconoce la problemática de los estudiantes con necesidades especiales en el ámbito social de la escuela, se verifica la realidad, teoría y práctica actual, es decir, la legislación y teoría actual, paralela a la vida cotidiana.

Palabras clave: Alfabetización, Educación inclusiva, Afectividad.

LISTA DE SIGLAS

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

NEE – Necessidades Educativas Especiais

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Desenvolvimento Teoria Piaget

Quadro 2 – Desenvolvimento Wallon

Quadro 3 – Habilidades da Inteligência Emocional

Quadro 4 – Tipos de Necessidades Educativas Especiais

Quadro 5 - Princípios da Afetividade

Quadro 6 – Resultado da 10ª questão

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Identificação Social - Entrevista

Figura 2 – Resultado da 1º questão

Figura 3 – Resultado da 2º questão

Figura 4 – Resultado da 3º questão

Figura 5 – Resultado da 4º questão

Figura 6 – Resultado da 5º questão

Figura 7 – Resultado da 6º questão

Figura 8 – Resultado da 7º questão

Figura 9 – Resultado da 8º questão

Figura 10 – Resultado da 9º questão

Figura 11 – Resultado da 10º questão

Figura 12 – Resultado da 11º questão

Figura 13 – Resultado da 12º questão

Figura 14 – Resultado da 13º questão

Figura 15 – Resultado da 14º questão

ÍNDICE GERAL

1º CAPÍTULO.....	14
Introdução.....	15
PARTE I - Revisão da Literatura.....	18
2º CAPÍTULO: Teoria: Desenvolvimento Afetivo na Aprendizagem.....	19
2.1 Afetividade: Reflexões.....	20
2.2 A Aprendizagem e Afetividade na Visão de Jean Piaget.....	21
2.3 A Aprendizagem e Afetividade na Visão de Lev Vygotsky.....	23
2.4 A Aprendizagem e Afetividade na Visão de Henri Wallon.....	26
2.5 Inteligência Emocional, Aprendizagem e a Afetividade.....	28
3º CAPÍTULO: Sobre Afetividade das Crianças com NEE.....	34
3.1 Breve Abordagem sobre as Necessidades Educativas Especiais.....	35
3.2 A Importância da Afetividade na Educação Inclusiva.....	35
3.3 A Afetividade na Família.....	36
4º. CAPÍTULO: Essa Afetividade na Inclusão com Criança NEE na Educação Infantil.....	39
4.1 Inclusão Escolar: Algumas Características - Contexto Histórico.....	40
4.2 Afetividade: Um dos Possíveis Caminhos para a Inclusão Escolar.....	47
4.3 O Professor Afetivo.....	56
4.4 A Ludicidade como Caminho para Aprendizagem.....	60
PARTE II – Enquadramento Prático	
1º CAPÍTULO – Metodologia.....	68
1.1 Caracterização do Caso	69
1.2 Caracterização da Investigação e Objetivos.....	69
1.3 Caracterização da População-Alvo.....	70
1.4 Opções Metodológicas.....	70
1.5 Técnicas de Recolhas de Dados.....	71
2º CAPÍTULO - Análise dos Resultados.....	74
2.1 Análise dos Resultados.....	75
2.2 Apresentação dos Resultados.....	75
3º CAPÍTULO - Observações.....	92
3.2 Análise da Interpretação.....	93
4º CAPÍTULO - Considerações Finais.....	
4.1 Conclusão.....	98
4.2 Bibliografia.....	100
Anexos.....	106

CAPÍTULO I

Introdução

INTRODUÇÃO

É importante saber que a afetividade é um sentimento extremamente essencial para a saúde mental de todas as pessoas, pois afeta os desenvolvimentos geral e cognitivo e o comportamento. Como todos sabemos, o alicerce identitário adotado na vida adulta se estabelece na infância, e os adultos que convivem com crianças tornam-se referência de comportamento, moralidade e modelo a seguir. Considerando que as relações de afeto são essenciais para o desenvolvimento das crianças nos primeiros anos de vida, o conhecimento teórico dos educadores e sua presença nas escolas também é visto como necessário e contribui para o processo de progresso do ensino.

Portanto, neste trabalho, pretendemos enfatizar que as relações afetivas são a base da vida humana. Na infância, primeira fase da vida, o comportamento humano é formulado por estimulação emocional, interna ou externa, que ajuda as crianças e o desenvolvimento da interação com o mundo em torno delas e também afeta suas vidas inteiras.

Vários estudiosos fizeram grandes contribuições para a importância e o impacto das emoções, incluindo Henri Wallon, Jean Piaget e Lev Vygotsky. É importante que os educadores tenham essas ideias em mente ao desenvolver suas práticas de ensino, porque eles entendiam as emoções além dos sentimentos, gestos, abraços, beijos, incluindo muitos aspectos cognitivos e emocionais.

Vale ressaltar que a afetividade se desenvolve toda a vida, não apenas os aspectos relacionados às esferas pessoais e às relações interpessoais. Especialistas em educação, como Jean Piaget e Lev Vygotsky, acreditavam que a maneira como uma pessoa se conecta com o mundo e os outros tem uma grande influência em seu processo de aprendizagem e crescimento.

Nesta perspectiva, percebe-se que a inserção das pessoas com deficiência no ambiente social e educacional mudou ao longo do tempo, e as pesquisas e aplicações melhoraram, mas ainda há muito trabalho a ser feito no desenvolvimento da educação especial. Portanto, há uma grande necessidade de estudar métodos que auxiliem o processo de ensino, como analisar o papel das emoções estabelecidas entre professores e alunos neste processo, para que o aluno realmente entenda o que vai escrever sobre este tema, e possa interagir com o professor e o conteúdo interativo abordado, podendo até conectá-lo ao seu dia a dia. Em resposta a este problema, decidiu-se analisar como professores e alunos desenvolvem sentimentos para construir conhecimento.

Os professores estão dispostos a proporcionar situações diversificadas na sala de aula e dar espaço para a participação de todos os alunos, o que revela o processo afetivo de ensino e aprendizagem. O processo de aprendizagem precisa fornecer às crianças diferentes possibilidades de escolha das atividades que mais lhes interessam. As pessoas nascem com afeto, pode-se dizer que a escola tem um papel fundamental na relação professor-aluno, no processo de ensino e aprendizagem. O professor é o vínculo que promove a formação do aluno como um todo, e ele tem a responsabilidade de refletir e questionar suas práticas de ensino, e de criar a possibilidade de estabelecer amizade, respeito, confiança, sinceridade e outras relações interativas com os alunos.

A ideia de aprofundar os estudos sobre o tema "O Aspecto Afetivo e sua Importância na Aprendizagem das Crianças com Necessidades Educativas Especiais na Inclusão da Educação Infantil", surgiu baseado em experiências profissionais, através das quais pude perceber e vivenciar as dificuldades que as crianças, com distintas necessidades, enfrentavam, como: falta de acessibilidade e adaptações nos ambientes e profissionais mais afetivos para lidar com as mesmas. Essas experiências me acompanharam quase todo período escolar, principalmente nos primeiros anos e sempre me incomodaram profundamente.

Inclusive, tive experiências próprias sobre a falta de afetividade nos profissionais da Educação Infantil, pois era uma criança muito introvertida e sensível, chorava frequentemente ao sentir a rispidez das professoras para comigo e/ou com meus colegas de sala. Diante desse cenário, ao qual me recordo até os dias atuais, e durante dois trabalhos realizados em duas instituições diferentes, através das disciplinas: Intervenção Precoce, ministrada pelo Prof.º Doutor Paulo Sequeira e Desenvolvimento Motor e suas Perturbações com Prof.º Doutor Nuno Mateus, meu desejo de realizar um estudo sobre essa grande questão se intensificou, e, dessa maneira, poder contribuir de alguma forma para o crescimento das pessoas, em termo de conhecimentos e práticas acerca desse tema tão importante.

Um dos maiores desafios da educação no Brasil é a falta de vínculo e afeto entre as pessoas envolvidas no processo de ensino. Atualmente, a desconexão entre professores e alunos dificulta diretamente o sucesso da aquisição de conhecimento. Este trabalho será desenvolvido através do estudo da emocionalidade entre professores e alunos, o ambiente escolar, e o campo social geral de cada pessoa, e como esses aspectos afetam o processo de ensino. Também reflete sobre os conceitos sociais e familiares envolvidos na formação da sociedade estudantil e as possíveis relações afetivas em sala de aula e sua importância no processo de ensino.

Desde a promulgação da Constituição (1988) e a aprovação da LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a educação infantil passou a ser reconhecida como direito da criança e da família, obrigação do Estado e primeira etapa da educação básica para garantir creches na pré-escola. A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e tem como objetivo capacitar crianças menores de 6 anos de idade, desenvolver os âmbitos físico, mental, intelectual e social integral, complementando as ações da família e da comunidade. O processo de inclusão da educação infantil não foge à regra: as escolas de educação infantil precisam proporcionar uma aprendizagem de forma ampla e colaborativa, para promover oportunidades iguais e estratégias, a fim de que todos possam trabalhar seu potencial.

Portanto, no âmbito desta discussão, estudaremos as questões de pesquisa: o aspecto afetivo e sua importância na aprendizagem das crianças com necessidades educacionais especiais na inclusão da educação infantil.

Assim, este estudo teve como objetivo analisar práticas de afetividade voltadas aos alunos da Educação Infantil e suas contribuições com as aprendizagens dos mesmos com necessidades educacionais especiais. Acreditamos que uma prática diferenciada, que vise o contexto de afeto alinhado a metodologia de inteligência emocional, desde a Educação Infantil, proporcionaria às crianças avanços na compreensão do mundo social e acadêmico, uma vez que a educação é um processo contínuo e a educação especial e inclusiva não é exceção.

A cada dia que passa, novos espaços foram conquistados, as ideias mudaram do papel para a prática, precisamos nos unir e lutar pelo benefício de cada vez mais pessoas com necessidades educacionais especiais. A escola precisa ser, desde a Educação Infantil, um lugar amigável, os alunos podem se sentir confortáveis e bem-vindos na sala de aula, e o professor é uma figura querida, compreensiva e inspiradora, o qual valoriza as ideias e as vitórias, dando atenção às dificuldades de aprendizagem que podem encontrar e descobrir soluções, estimulando uma visão positiva da escola.

Nesta perspectiva, compreendemos que as escolas precisam garantir, desde a Educação Infantil, uma prática que conduza a um processo de alfabetização agradável e competente. Na discussão dessas questões, além da introdução e das considerações finais, dividimos nosso trabalho em 4 capítulos da fundamentação teórica e 3 do enquadramento prático.

O primeiro capítulo se refere à introdução do trabalho, considerando quais objetivos e motivações para o desenvolvimento deste trabalho.

O segundo capítulo realiza uma reflexão teórica sobre as emoções, enfocando a importância das relações sociais como um dos aspectos básicos do desenvolvimento humano global. Este capítulo está dividido em 4 momentos que consideramos importantes para a compreensão da leitura, são eles: 1. Afetividade: Reflexões; 1.2. A Aprendizagem e Afetividade na Visão de Jean Piaget; 1.3. A Aprendizagem e Afetividade na Visão de Lev Vygotsky; 1.4. A Aprendizagem e Afetividade na Visão de Henri Wallon e 1.5. Inteligência Emocional, Aprendizagem e Afetividade.

O terceiro capítulo visa enfatizar a importância da afetividade no processo de ensino da criança com necessidades educacionais especiais, uma vez que este atendimento a esta clientela necessita ser empático e ter uma visão observadora, ao mesmo tempo afetiva, sendo assim os subtópicos se dividem em: 2.1. A importância da Afetividade na Educação Inclusiva e 2.2. A Afetividade na Família.

O quarto capítulo discute a importância da afetividade no desafio de implementar uma educação verdadeiramente inclusiva para crianças e jovens com necessidades educacionais especiais. Considerando que a educação inclusiva deve representar não só o direito à matrícula, mas também a participação efetiva nas atividades escolares sem isolamento. Com os subtópicos: 3.1. Inclusão Escolar: Algumas Características - Contexto Histórico; 3.2. Educação Infantil – Fundamentos; 3.3. Afetividade: Um dos Possíveis Caminhos para a Inclusão Escolar e 3.4. O Professor Afetivo e a Didática.

O primeiro capítulo do enquadramento prático, refere-se à definição metodológica da pesquisa. Nesta seção, apresentaremos algumas discussões para comprovar a metodologia utilizada, bem como a escolha das escolas e participantes da pesquisa. A seguir, apresentaremos as ferramentas utilizadas e explicaremos como a análise de dados é realizada.

O segundo capítulo, se enquadra no prático, aborda os resultados das entrevistas descrevendo e analisando cada questão proposta.

No terceiro capítulo, temos à consideração final, tentando responder às nossas perguntas e reexaminar os objetivos da pesquisa.

Por conseguinte, ressaltamos que é necessária a realização de pesquisas que analisem a prática afetiva relacionada ao ensino da leitura e da escrita para professores de ed. infantil e sua relação com a aprendizagem de crianças com necessidades educacionais especiais.

PARTE I - Revisão da Literatura

2º CAPÍTULO

Teoria: Desenvolvimento Afetivo na Aprendizagem

"Sem a educação das sensibilidades, todas as habilidades são tolas e sem sentido."(Rubem Alves)

Este capítulo realiza uma reflexão teórica sobre as emoções, enfocando a importância das relações sociais como um dos aspectos básicos do desenvolvimento humano global. Este capítulo está dividido em 4 momentos que consideramos importantes para a compreensão da leitura, são eles: 1. Afetividade: Reflexões; 1.2. A Aprendizagem e Afetividade na Visão de Jean Piaget; 1.3. A Aprendizagem e Afetividade na Visão de Lev Vygotsky; 1.4. A Aprendizagem e Afetividade na Visão de Henri Wallon e 1.5. Inteligência Emocional, Aprendizagem e Afetividade.

1. Afetividade: Reflexões

A afetividade pode determinar como as pessoas veem o mundo e como se manifesta nele, todos os fatos e eventos que aconteceram na vida de uma pessoa trarão memórias e experiências ao longo de sua história. O autor Jean Piaget acreditava que esse estado psicológico chamada afetividade tem um grande impacto no comportamento, aprendizagem e desenvolvimento cognitivo das pessoas, sendo assim a afetividade é um estado mental humano, que pode ou não ser modificado conforme a situação, evidenciando sentimentos, desejos, interesses, tendências, valores e emoções, ou seja, em todas as áreas da vida.

Dessa forma, a presença ou ausência de emoção determina como uma pessoa se desenvolverá, também determina a autoestima das pessoas desde a infância, pois quando uma criança é amada pelos outros, ela vai crescer e progredir com confiança e determinação, sendo assim a afetividade é um todo, uma mistura de todos esses sentimentos, ensina o aprendizado e o manejo correto de todas essas emoções, o que proporcionará ao sujeito uma vida emocional completa e equilibrada.

Em termos de sentimento e emoção, alguns autores relatam que a afetividade está relacionada ao instinto de sobrevivência. Araújo (2003, p. 156) elaborou o seguinte sobre a afetividade: “A afetividade, portanto, seria um termo genérico que dá qualidade ao que é afetivo, que dá significado ao conjunto de afetos que sentimos em relação a nós mesmos e aos demais, à vida, à natureza etc.”.

A afetividade, então, se torna uma parte inerente da interação humana dentro e fora da sala de aula. Por isso, é importante entender que essa prática emocional não é necessariamente dar carinho, há uma fundamentação científica e teórica que precisa ser estudada e evidenciada. Na prática, isso significa, na verdade, atentar para a intenção por trás de cada atitude, e verificar se essas práticas ajudam a construir um percurso educativo, que difere em cada etapa. Essa relação é permeada pelo contrato afetivo, de forma que o professor ainda é uma figura de autoridade e referência. Pino (2000, p. 128) afirma que:

“Os fenômenos afetivos representam a maneira como os acontecimentos repercutem na natureza sensível do ser humano, produzindo nele um elenco de reações matizadas que definem seu modo de ser no mundo. Dentre esses acontecimentos, as atitudes e as reações dos seus semelhantes a seu respeito são, sem sombra de dúvida, os mais importantes, imprimindo às relações humanas um tom de dramaticidade. Assim sendo, parece mais adequado entender o afetivo como uma qualidade das relações humanas e das experiências que elas evocam (...).” (Pino, 2000 p. 130-131).

A afetividade faz parte da nossa psique e é responsável pela maneira como sentimos e percebemos a realidade. Logo, é a parte psicológica responsável pelo significado emocional de tudo em que vivemos, se o que experimentamos é agradável ou doloroso. Sendo assim, as emoções geradas através do afeto, ternura e apreço são essenciais para o bom desenvolvimento do grupo.

1.2. A Aprendizagem e Afetividade na Visão de Jean Piaget

Sabemos que Jean Piaget, (1896-1980), foi o nome mais evidenciado no campo da educação na segunda metade do século XX, se tornando um símbolo da pedagogia e do desenvolvimento infantil. Piaget foi um psicólogo que dedicou sua vida à rigorosa observação científica do processo do ser humano, principalmente das crianças, adquirindo e compartilhando conhecimento ao mundo todo. Principal representante da psicologia da aprendizagem, com foco no estudo da estrutura cognitiva, Jean Piaget defendeu a visão de que o conhecimento não existe: esse nome é um conjunto de habilidades intelectuais hierárquicas, o que requer uma perspectiva científica mais global. Teve como objetivo estudar a evolução das ideias da infância à adolescência, procurando compreender os mecanismos psicológicos que os indivíduos utilizam para captar o mundo.

A teoria de Piaget, concentra-se no desenvolvimento infantil, por isso é chamada de teoria do desenvolvimento, ele relatou em várias pesquisas que a infância é o período mais criativo da vida humana, baseada na pesquisa do desenvolvimento humano e cognitivo é chamada de "epistemologia genética" por ele mesmo. Sua teoria é a base para o surgimento de

tendências construtivistas, o autor acreditava que a criança é uma pessoa enérgica que sempre interage com a realidade, (Piaget, 1974).

De acordo com Piaget, as crianças passam por quatro estágios de desenvolvimento antes de entrar na puberdade. Essas etapas estão relacionadas à capacidade cognitiva humana, são:

Desenvolvimento	Processo
Estágio sensório-motor (dos 0 aos 2 anos)	Indica que nessa fase as sensações e a coordenação motora da criança são desenvolvidas. Ainda que a capacidade de cognição seja limitada, nesse momento, ela começa a perceber o mundo ao seu redor dando início ao reconhecimento de objeto;
Estágio pré-operacional (dos 2 aos 7 anos)	Com o desenvolvimento da fala, a criança começa a nomear os objetos que a rodeiam ao mesmo tempo em que passa a ter uma capacidade mental de lembrar deles (representação mental). O raciocínio começa também a ser desenvolvido, embora esteja em sua fase inicial;
Estágio das operações concretas (dos 7 aos 11 anos)	Essa fase está relacionada com a capacidade cognitiva de resolução concreta de alguns problemas. Nela, a criança começa a ter uma capacidade maior de interpretação e, portanto, já consegue resolver alguns problemas básicos. Alguns conceitos são interiorizados, por exemplo, dos números e das operações matemáticas;
Estágio das operações formais (dos 11 anos aos 14 anos)	Já na adolescência, o raciocínio lógico se desenvolve e o indivíduo já começa a pensar por si só, ao mesmo tempo em que tem a capacidade de criar teorias e refletir sobre as possibilidades do mundo. Trata-se, portanto, de uma fase de autonomia.

FONTE: (Piaget, 1972)

Não importa em que estágio o ser humano se encontre, Piaget acreditava que a aquisição do conhecimento ocorre por meio da relação sujeito/objeto. Essa relação é dialética e se dá em um desenvolvimento integrado recíproco e gradativo por meio do processo de assimilação, adaptação e equilíbrio (Abreu, 2010). Piaget pensava que o desenvolvimento psicológico é único em suas dimensões ativa e cognitiva, pois para ele existe uma relação

equivalente entre emoção e estrutura cognitiva na vida de um indivíduo. Com relação à psicologia emocional das crianças e à pesquisa de inteligência, ele esclareceu os aspectos emocionais e intelectuais das mesmas sobre julgamento moral, reações rebeldes, obediência e medos.

Para o autor, a afetividade não se limita a emoções e sentimentos, mas também inclui tendências e desejos infantis, ou seja, as emoções e todos os comportamentos são projetados para se adaptar, porque o desequilíbrio se reflete em impressões emocionais e consciências específicas. Pela emoção, entendemos os sentimentos, o prazer e a infelicidade, a simpatia e a repulsa, principalmente as emoções e os vários elementos que acompanha, como as tendências superiores, principalmente a vontade (Piaget, 1972).

O psicólogo Jean Piaget defendia a equivalência entre afetiva pessoal e a estrutura cognitiva, pois, para o mesmo, a reação, obediência, emoção e ternura estão inter-relacionadas. Emoção e inteligência têm propriedades diferentes, mas ambas são a base para a interação entre o sujeito e o objeto. Para o autor, o afeto não é apenas emoções e sentimentos, mas também tendências e desejos infantis, o que também afetará o conceito de interesse por "mim" e pensamentos sobre os outros. No plano emocional, está a construção dos sentimentos iniciais da criança, que está relacionado à satisfação de suas necessidades (Piaget, 1972).

Em relação a necessidades educativas especiais, Jean Piaget admitia que distúrbios emocionais podem dificultar o funcionamento das atividades cognitivas, assim como a motivação emocional aumenta a operacionalidade intelectual. Nas circunstâncias reveladas por Jean Piaget, já é possível perceber que a intensidade do afeto são aspectos que vão além da nossa imaginação: resistência aos contratempos, capacidade de compreender a complexidade, amor, respeito e adaptação ao mundo e mudanças (Piaget, J. E Fraisse, P, 1969). Se tornando um contexto a ser considerado dentro de um ambiente inclusivo, também enfatiza que a natureza da afetividade e da inteligência são diferentes, ou seja, a energia do comportamento vem da emoção, e a estrutura vem da função cognitiva, portanto, todo o campo reúne sujeito, relacionamento e objeto ao mesmo tempo, o que são todos fundamentais. Faça com que o comportamento e a interação entre o sujeito e o objeto aconteçam.

1.3. A Aprendizagem e Afetividade na Visão de Lev Vygotsky

Lev Semenovich Vygotsky nasceu em Orsha em 5 de novembro de 1896 e escreveu mais de duzentas obras. Os temas dessas obras vão da neuropsicologia, transtornos mentais à crítica literária. Além de voltar sua atenção para esses campos, Vygotsky também voltou sua atenção para escolas e professores, enfatizando a intervenção docente e o papel dos outros na composição das disciplinas. Vygotsky se dedicou principalmente ao estudo do que chamamos de funções mentais avançadas, ou seja, ele tenta compreender os mecanismos psicológicos mais complexos típicos dos humanos, que envolvem controle consciente do comportamento, ação consciente e liberdade e o presente em ambiente social (Prestes e Tunes, 2012).

Vygotsky tentou delinear a transição da emoção primitiva original para a experiência emocional avançada, pois, segundo o mesmo, a vida emocional dos adultos é mais refinada do que a das crianças. Para Vygotsky, 1934, o fato central da psicologia é o fato do comportamento intermediário, pensamos, sentimos e geramos emoções a partir de conceitos, o que significa que um definido sistema, determinada forma de pensar e emoções foram elaboradas, estabelece antecipadamente o conteúdo final e é-nos apresentado pelo ambiente que nos rodeia. O que pode ser chamado de emoções culturais, como parte da prática social e da construção de relacionamentos, pode ser definido como comportamentos aceitáveis relacionados às emoções físicas. (Vygotsky, 1988)

Vygotsky apontou que o afeto e o desenvolvimento cognitivo são indissociáveis, um grande problema da psicologia tradicional é a ruptura entre inteligência e o afeto, pois o pensamento vem do que ele denominou de campo da motivação, que corresponde a necessidades, interesses, sentimentos, emoções e assim por diante. A educação inclusiva é estruturada na perspectiva da teoria do desenvolvimento social construtivista de Vygotsky, que defende a visão de que, para que os alunos construam seu próprio conhecimento, é necessária uma interação social adequada, que envolve a afetividade. O autor defendia que é na vivência com outras pessoas, que o indivíduo vai construir, a sua relação entre conhecimento e objetos de pesquisa (Rego, 2002).

Ao enfatizar a importância das relações sociais, Vygotsky considerava a mediação e a internalização os aspectos básicos da aprendizagem e acreditava que a construção do conhecimento ocorre no processo de intensa interação entre as pessoas. Portanto, as crianças desenvolvem-se a partir de sua integração à cultura por meio da interação social com as pessoas ao seu redor (Vygotsky, 1987). Ela usa práticas estabelecidas culturalmente para evoluir de uma forma de pensamento básica para uma forma mais abstrata, o que a ajudará a compreender e controlar a realidade. Nesse sentido, Vygotsky não só enfatizou a importância

do outro no processo de construção do conhecimento, mas também a relevância na composição do sujeito e de seu comportamento.

Vygotsky acreditava que as crianças processam os conceitos cotidianos de forma espontânea, porque sua atenção está sempre voltada para os objetos. Por sua vez, os conceitos científicos envolvem a atitude mediadora do sujeito em relação aos seus objetos, criando uma estrutura para o movimento ascendente dos conceitos cotidianos. Vygotsky se referia à linguagem como a ferramenta básica de socialização entre indivíduos e objetos. A aprendizagem tem duas funções básicas: uma é a comunicação social e a outra é o pensamento generalizado (Vygotsky, 1987).

Sendo assim, pela visão do autor, as situações cotidianas, por meio do processo de transmissão intelectual e afetivo, se desenvolvem e estão interconectados, logo, pode-se dizer que, de acordo com o raciocínio de Vygotsky, a cooperação sistemática entre professores e alunos proporciona o desenvolvimento de funções mentais avançadas e o posterior desenvolvimento intelectual. Para Vygotsky, (1998, p. 42), as relações afetivas são uma espécie de elemento cultural, que possui particularidades de acordo com cada cultura. Como um elemento importante em todas as fases da vida de uma pessoa, as emoções estão fundamentalmente relacionadas à motivação, avaliação e relação professor-aluno no processo de ensino.

Segundo Vygotsky, desenvolvimento e aprendizagem são mutuamente constrangidos: as pessoas são estabelecidas e desenvolvidas quando há interação social, apropriação e recriação da cultura desenvolvida pelas gerações anteriores. Ele relata também que é através do processo de ensino e aprendizagem que as emoções relacionadas ao afeto se apresentam na transformação do conhecimento antigo em visão ao conhecimento novo. Por conseguinte, podemos perceber que o afeto e a aprendizagem na visão do autor é uma unidade em que os dois polos se complementam e se influenciam por meio de interações sociais e históricas entre as pessoas e entre as pessoas e a natureza (Vygotsky, Luria, e Leontiev, 1998).

Segundo Vygotsky, o processo de internalização envolve uma série de transformações que conectam a sociedade e o indivíduo. Afirma que "todas as funções do desenvolvimento infantil aparecem duas vezes: primeiro no nível social, depois no nível individual; primeiro entre as pessoas (psicologia trans), e depois dentro da criança (mentalidade interna)." (P. 75). Para Vygotsky, a aprendizagem é a meta do processo escolar e a intervenção é um processo de ensino privilegiado. Este tipo de intervenção é realizado de várias maneiras: exhibir, fazer

juntos, agir, apontar, criticar, apoiar etc., todas essas são formas de intermediários. Neste processo, a interação entre professores e alunos é crucial para o desenvolvimento dos indivíduos relacionados. (Rego, 2002)

1.4. A Aprendizagem e Afetividade na Visão de Henri Wallon

Henri Paul Hyacinthe Wallon, (1879-1962), foi um destacado filósofo, médico, psicólogo e político francês, conhecido principalmente por suas pesquisas sobre psicologia infantil. Seu conceito de desenvolvimento inclui as dimensões de inteligência, emoção e movimento de forma integrada. Wallon defendia (1992, p.86) que "[...] a inteligência não se desenvolve sem afetividade, e vice-versa, pois ambas compõem uma unidade de contrários". Consequentemente, o afeto ajuda as crianças a se livrar do subjetivismo e a se tornarem mais objetivas na vida.

Quando o educador francês Henry Wallon estudou o desenvolvimento humano, ele não considerou a inteligência o elemento mais importante nesse processo, mas o efeito combinado de três dimensões psicológicas: movimento, afetividade e cognição, integração de equipamentos orgânicos humanos e funções corporais humanas. O ambiente em que vivem é responsável por permitir/ajudar cada um a desenvolver seu próprio potencial.

Para Wallon, (1989):

“A afetividade, com esse sentido abrangente, está sempre relacionada aos estados de bem-estar e mal-estar do indivíduo. A afetividade se desenvolve, podendo ser identificada, em duas etapas, sendo a primeira de base mais orgânica, e a outra de base mais social. Quando os motivos que provocam os estados de bem-estar e mal-estar, já não são limitados às sensibilidades inteiro, próprio e eterno, mas já envolvem a chamada sensibilidade ao outro, a afetividade passa para um outro patamar, já que de base fortemente social. Assim a afetividade evolui para uma ordem moral e seus motivos são originados das relações indivíduo-outrem, sejam relações pessoais ou sociais” (Wallon, 1989, p. 53).

Wallon, (1995), descreve como a afetividade se manifesta no psíquico das crianças:

“[...] a afetividade favorece a precocidade nas manifestações psíquicas da criança, encontrando-se ligada às suas necessidades e automatismos elementares, imediatamente consecutivos ao nascimento. Parece difícil não lhe atribuir, como expressão de mal ou bem-estar, o primeiro comportamento muscular e vocal da criança de peito. As próprias gesticulações a que também se entrega parecem, ao mesmo tempo, indício e fonte de prazer” (Wallon, 1995, p. 128).

Wallon, (1968), distinguia o conceito de emoção e afetividade. O autor acreditava que a emoção é a manifestação de um estado subjetivo, mas possui um componente orgânico. Ao defender as características biológicas das emoções, ele enfatizou que elas se originavam de

funções nutritivas. Cada mudança emocional causa flutuações na tensão muscular dos órgãos internos e do tecido muscular superficial e, dependendo da natureza da emoção, pode causar uma mudança muscular. Por outro lado, a afetividade constitui um conceito mais amplo, envolvendo uma gama mais generalizada de manifestações, incluindo sentimento (origem psicológica) e emoção (origem biológica). As emoções correspondem aos estágios finais da evolução da criança, quando os elementos simbólicos aparecem. De acordo com o mesmo, é com essas ocorrências que as emoções se transformam em sentimentos (Wallon, 1968).

Segundo Wallon, o desenvolvimento humano é dividido em cinco etapas, nas quais as características de cada espécie são expressas e todos os elementos que constituem o homem são revelados:

ETAPAS	DESENVOLVIMENTO
Impulsivo-emocional (de 0 a 1 ano):	Onde o sujeito revela sua afetividade por meio de movimentos, do toque, numa comunicação não-verbal;
Sensório-motor e projetivo (1 a 3 anos)	A criança já fala e anda, tendo o seu interesse voltado para os objetos, para o exterior, para a exploração do meio;
Personalismo (3 a 6 anos):	Fase da diferenciação, da formação do “eu”, da descoberta de ser diferente do “outro”;
Categorial (6 a 10 anos):	Organização do mundo em categorias leva a um melhor entendimento das diferenças entre o “eu” e o “outro”.

Fonte: Wallon, (1968)

Para Wallon, (1954, p. 288), a afetividade é um domínio funcional e seu desenvolvimento depende do papel de dois fatores: orgânicos e sociais. Sendo assim, há uma relação mútua entre esses dois fatores, o que impede qualquer decisão no desenvolvimento humano, para que a estrutura fisiológica da criança ao nascer não se torne a única lei de seu destino futuro, sendo influenciada em grande medida pelo meio social em que se encontra, onde não falta escolha pessoal.

Até certo ponto, pode ser entendido, pela interação mencionada por Wallon, que as emoções cognitivas motoras também estão entrelaçadas na interação com o meio ambiente, porque o indivíduo se move e responde aos estímulos que recebe, o meio ambiente e as outras pessoas que se conectam a ele. Depois de receber a mensagem do professor, a interação emocional é mostrada pelo modelo como os professores transferem conhecimento, mediam

conceitos e falam com alunos na sala de aula. Conjunto cognitivo será responsável por receber informações transmitidas pelo professor para explicar a resposta em detalhes e entender o conceito.

1.5. Inteligência Emocional, Aprendizagem e Afetividade

A inteligência emocional é um conjunto de habilidades relacionadas à capacidade de processar emoções e saber gerenciá-las. Basicamente, refere-se à medida em que uma pessoa pode controlar seus medos, inseguranças e outros sentimentos para alcançar o sucesso em tarefas e objetivos. Daniel Goleman é um estudioso responsável por popularizar o conceito de Inteligência Emocional em todo o mundo por meio de seu livro "Inteligência Emocional", publicado em 1986, nesta obra seu principal estudo era como identificar que a capacidade das nossas emoções influencia em nosso meio social (Woyciekoski e Hutz, 2009).

Aprender de forma significativa é compreender os elementos que influenciam em nosso ambiente, sempre tem um componente pessoal. Desta maneira, aprender sem atribuição significativa não tem nada a ver com conhecimento pré-existente, é mecânico e sem sentido. No aprendizado de máquina, o novo conhecimento é armazenado arbitrariamente e literalmente na mente do indivíduo. Sua tese é que a inteligência emocional pode promover níveis mais baixos de ansiedade e estresse; maior compaixão pelos outros; mais equilíbrio emocional; objetivos de vida e habilidades de tomada de decisão mais claros; melhor gerenciamento do tempo; aumento da produtividade e compromisso com os objetivos; e maior autoestima e confiança. Além disso, ele acredita que esse tipo de inteligência pode ser aprendido e desenvolvido por meio de exercícios diários (Goleman, 1995). Para o autor, a inteligência emocional é desenvolvida através de 5 habilidades que são:

HABILIDADES	DEFINIÇÕES
Autoconhecimento emocional:	É a capacidade de reconhecer as próprias emoções e sentimentos. As pessoas com esta habilidade são melhores “pilotos” das suas vidas;
Controle emocional:	É a habilidade de lidar com os próprios sentimentos, adequando-os a cada situação vivida;
Automotivação:	É a capacidade de dirigir emoções a serviço de um objetivo ou realização pessoal. Se nos deixarmos levar pela ansiedade e pelos aborrecimentos, dificilmente conseguiremos nos concentrar na tarefa que estamos realizando;

Reconhecimento das emoções em outras pessoas:	Diz respeito à habilidade de reconhecer as emoções no outro e ter empatia de sentimentos. Empatia é outra habilidade que constrói o autoconhecimento emocional;
Relacionamentos interpessoais:	É a habilidade de interação com outros indivíduos, utilizando competências sociais. O relacionamento é, em grande parte, a habilidade de gerir sentimentos de outros;

Fonte: Goleman, (1995).

As emoções fornecem informações valiosas sobre a pessoa, o ambiente, a situação e outras pessoas. O uso de informações sobre emoções, comportamento e raciocínio pode ser alterado para reverter ou se adaptar à situação. É um fator muito importante para o sucesso ou fracasso pessoal. A situação de trabalho abrange as relações interpessoais e a qualidade dessas relações, sendo amável, compreensiva e gentil, facilitando o sucesso na carreira e na vida pessoal. Em 1997, Mayer e Salovey propuseram o seguinte conceito de inteligência emocional:

“Habilidade que permite perceber, apreciar e expressar corretamente nossas emoções; a habilidade para acessar e ou gerar sentimentos quando estes facilitam nossos pensamentos; a habilidade para compreender as emoções e os conhecimentos emocionais; e a habilidade para regular as próprias emoções, no intuito de favorecer o crescimento emocional e intelectual. (1997. p.10).”

Para Afonso e Miranda, (2007), o conceito de inteligência é múltiplo, levando em consideração o background cultural, os valores e os momentos históricos específicos de uma sociedade, enfocando diferentes perspectivas. Alguns teóricos trabalharam muito para definir o significado de inteligência, baseado nessas conceituações teóricas sólidas, mostrando como ajudar o pensamento a compreender as emoções e o conhecimento emocional, e como controlar reflexivamente para promover o crescimento dessas emoções e da inteligência.

Segundo LeDoux, (2011), existem algumas teorias que identificam as emoções como respostas físicas desenvolvidas ao longo da evolução como parte da luta pela sobrevivência. Outra teoria é que os estados mentais causados por reações físicas são percebidos pelo cérebro. As emoções são sobre os pensamentos das pessoas sobre a situação em que se encontram. Para outras teorias, as emoções são construções sociais que ocorrem nas relações entre os indivíduos, não se limitando aos mesmos.

Por todas essas análises e estudos, depreende-se que pessoas com essas competências são de fácil integração e relacionamento, além de se adaptarem com sucesso à dinâmica organizacional, sendo, sem dúvida, uma ferramenta indispensável no cenário em que todos os

profissionais devem se buscar e se desenvolver. A melhor forma de autoconhecimento não é apenas no ambiente de trabalho, mas também na vida pessoal.

Com base nesses conceitos, o plano pressupõe que não fazer julgamentos de valor para cada emoção é útil para a compreensão e aceitação, e pode aumentar a possibilidade de crianças ou jovens falarem mais francamente sobre seus sentimentos ou pensamentos. Todas as emoções são entendidas como importantes para a manutenção da vida, porque percebemos que não podemos controlar nossos sentimentos, mas podemos escolher como lidar com eles.

Ao analisar o conceito de afetividade em Wallon e Vygotsky, (1992), fica claro que os autores são consistentes com o conceito básico de fenômenos emocionais. Com isso em mente, os autores tomam o conceito de desenvolvimento humano como um guia a partir de perspectivas emocionais, orgânicas, culturais e sociais.

A afetividade é um sentimento extremamente importante para a saúde mental de todos os humanos porque afeta o desenvolvimento geral, o comportamento e o desenvolvimento cognitivo. A ideia resultante é que o afeto é transformado por seus significados verdadeiramente complexos, que se refletem fundamentalmente na psicologia humana. Com essa recompensa das emoções no processo de aprendizagem, também é necessário perceber que os sentimentos de cada aluno são individuais e únicos.

Foi observado que Wallon e Vygotsky têm muito em comum em termos de emoções. Ambos assumiram suas características sociais e possuem um método de desenvolvimento que prova, à sua maneira, que as expressões emocionais e, portanto, as características orgânicas, estão se tornando cada vez mais complexas e começando a funcionar no universo simbólico. Dessa maneira, a forma de expressão se expande e se constitui em um fenômeno emocional. Do mesmo jeito, defendem a intimidade que existe entre o meio cultural/social e os processos emocionais e cognitivos, e apontam que os dois estão relacionados, inter-relacionados e se influenciam mutuamente.

As emoções positivas podem ser despertadas para aumentar a motivação durante o processo de aprendizagem. Muitos métodos podem ser usados para garantir um nível mais alto de sucesso, como estimular o interesse pessoal por um assunto, construir confiança de que os objetivos podem ser alcançados, eliminar comparações entre alunos e estabelecer uma conexão com a realidade (Darling-Hammond, 2003).

“Um dos papéis do educador emocionalmente inteligente consiste em estimular as competências emocionais de seus alunos [...] o verdadeiro aprendizado se dá não quando compreendemos, mas quando sentimos” (Chabot, D.; Chabot, M., 2005, P.131).

A educação não deve se concentrar apenas no ensino de conteúdo cognitivo, os problemas de aprendizagem também têm componentes emocionais. As emoções positivas geram motivação, interesse, colaboração, perseverança e criatividade. Além de prejudicar a percepção, a concentração e a memória, as emoções negativas também podem levar ao abandono, absenteísmo, procrastinação, conflito interpessoal e insegurança (Chabot E Chabot, 2005).

Goleman, (1996), defendeu a inteligência emocional no currículo padrão da escola e, ao falar em alfabetização emocional, percebeu que algumas escolas com currículo muito intenso promoveram a disseminação de cursos emocionais e de relacionamento. “Em educação, o aprendizado, aliás, é definido como a aquisição e incorporação de novos conhecimentos, visando sua reutilização funcional” (Tardif, 2005 Apud (Chabot, D.; Chabot, M., 2005, P. 10). Atualmente, alguns estudos científicos e teóricos apontam para outra direção, pois acredita-se que as emoções são a causa do estado de atenção das crianças. Quando as emoções são ignoradas, sua evolução no processo de aprendizagem é lenta ou não ocorre.

O papel das emoções no cotidiano escolar contribuirá para o amadurecimento, e proporcionará aos professores e alunos habilidades para criar um equilíbrio entre processos de ensino e aprendizagem qualificados para além de suas funções, conseqüentemente em suas vidas pessoais. Para Henri Wallon, compreender as emoções nos constitui, elas não podem ser ignoradas, na verdade, são importantes para a evolução da própria inteligência, o que mostra que os professores precisam estar totalmente preparados para ensinar comportamentos. De acordo com a autora Alzina, (et al 2009), saber lidar com as emoções e as utilizar como estratégias favorece as relações com os demais, seja no âmbito educacional ou profissional.

Pires, (2007, p.52,) discorreu sobre a importância das emoções no ambiente escolar, e apontou a necessidade de implementação de planos emocionais nas escolas: as emoções desempenham um papel tão importante em nossas vidas que deveriam tornar-se em cada escola cursos em todos os níveis. Precisamos aprender a reconhecer os movimentos que sentimos e tentar descobrir e analisar as causas deles, para que possamos nos proteger dos

efeitos negativos da emoção sobre a razão. Mas, na verdade, ainda somos "analfabetos emocionalmente". Normalmente, só nos importamos com nossas emoções quando elas mudam muito e causam danos à nossa saúde ou aos nossos relacionamentos. Não é tarefa simples listar a inteligência emocional como disciplina obrigatória nas escolas, mas pode transformar a educação em um melhor processo evolutivo da disciplina, desde a educação infantil até o ensino superior.

O aumento da prevalência de ansiedade, insegurança, desatenção e estresse entre os alunos têm levado à necessidade das escolas de melhorar sua inteligência emocional. Além disso, uma vez que a incerteza trazida pela pandemia de Covid-19 exacerbou essas emoções, é mais importante encorajar a discussão de habilidades socioemocionais em um ambiente educacional, porque crianças e jovens podem ter espaço para entender o que está acontecendo e aprender para lidar com mais informações.

Goleman, (2012, p. 299), destacou em seu livro a importância dos programas de alfabetização emocional nas escolas, pois mesmo que as condições econômicas sejam desfavoráveis, o custo compensará os interesses dos próprios alunos e das próprias instituições de ensino. Aprender por meio de diferentes tendências e perspectivas deve fornecer aos alunos conhecimentos que sejam significativos para suas vidas. De acordo com Alzina e Escoda, (2012), a educação emocional deve começar cedo em um ambiente familiar e depois prosseguir para a escola. Com efeito, este tipo de desenvolvimento deve partir da família, através do clima de confiança e afeto, para transmitir segurança emocional (Marchesi, 2006).

Segundo Almeida, (1999), a escola é vista como a continuação da família, portanto, nessa fase do desenvolvimento das crianças, a professora é muitas vezes chamada de tia pelas mesmas em sala de aula. Portanto, a escola deve ser um espaço acolhedor, seguro e de confiança para que as crianças tenham a oportunidade de vivenciar e expressar suas emoções.

A experiência, vivência, bagagem emocional e cultural e o ambiente em que a disciplina está inserida, possibilitam diferentes situações de aprendizagem. "A psicologia define a aprendizagem como uma mudança relativamente permanente no comportamento ou potencial comportamental, produzida por exercício ou experiência de vida."

Bock, Furtado e Teixeira, (2008, p.179), relatam que:

“Somos seres pensantes. Pensamos sobre as coisas passadas, projetamos o nosso futuro, resolvemos problemas, criamos, sonhamos, fantasiemos, somos até capazes de pensar em nós

mesmos, isto é, somos capazes de nos tornar objetos de nossa própria investigação. O processo de ensino e aprendizado quando associado à inteligência emocional, proporciona não só ao aluno, mas também aos profissionais da educação, consciência das emoções, facilitando nas atividades e na aquisição dos conhecimentos específicos e facilitadores, inerentes ao contexto escolar. “

“A consciência emocional se refere à capacidade de perceber, identificar e dar nomes aos sentimentos e emoções próprios e aos dos outros”. O desenvolvimento de habilidades emocionais inclui estar atento às emoções de si mesmo e dos outros, controlar corretamente as próprias emoções, ter uma atitude positiva, boa autoestima, senso de responsabilidade e habilidades socioemocionais para a vida (Alzina, 2009). A compreensão do mundo pelo aluno torna-se o facilitador deste processo, e a sensibilidade do professor em compreender o contexto da vida do aluno e a história que ele traz.

3º CAPÍTULO

Sobre Afetividade das Crianças com NEE

"O ideal da educação não é aprender ao máximo, maximizar os resultados, mas é antes de tudo aprender a aprender, é aprender a se desenvolver e aprender a continuar a se desenvolver depois da escola."

PIAGET, Jean.

O terceiro capítulo visa enfatizar a importância da afetividade no processo de ensino da criança com necessidades educacionais especiais, uma vez que este atendimento a esta clientela necessita ser empático e possuir uma visão observadora, ao mesmo tempo afetiva, sendo assim os subtópicos se dividem em: 2.1. Breve Abordagem sobre as Necessidades Educacionais Especiais; 2.2. A Importância da Afetividade na Educação Inclusiva; 2.3. A Afetividade na Família.

3.1 Breve Abordagem sobre as Necessidades Educacionais Especiais

O conceito de necessidades educacionais especiais - NEE - foi adotado e revisado após a Declaração de Salamanca (1994) e passou a englobar todas as crianças e jovens que apresentam deficiência ou dificuldades de aprendizagem. A denominação Necessidades Educacionais Especiais (NEE) refere-se a pessoas que apresentam problemas sensoriais, físicos, intelectuais e emocionais e que demonstram dificuldades de aprendizagem, devido a fatores orgânicos e/ou ambientais.

Quadro 4 – Tipos de Necessidades Educacionais Especiais

Permanentes	Na maioria ou na totalidade da vida escolar dos alunos, o currículo escolar precisa ser ajustado de forma geral e deve ser adaptado às características dos alunos.
Temporárias	Parte do currículo escolar precisa ser alterado para adaptá-lo às características de desenvolvimento dos alunos em um determinado período.

Fonte: Elaborador, (2021).

Mazzotta (1998) acrescentou que os indivíduos com necessidades especiais são caracterizados por fatores e limitações internas e externas, e precisam mudar e ajustar o ambiente para atingir sua capacidade máxima. De acordo com Borges (2005),

[...] um aluno tem necessidades educacionais especiais quando apresenta dificuldades maiores que o restante dos alunos da sua idade para aprender o que está sendo previsto no currículo, precisando, assim, de caminhos alternativos para alcançar este aprendizado (Borges, 2005, p. 03).

A Conferência Mundial sobre Educação Especial realizada em Salamanca, Espanha, em 1994, criou discussões sobre o denominado "movimento inclusivo" e sua reação, e o conceito de necessidades de educação especial foi comprovado. Foi traçado um importante documento, denominado "Declaração de Salamanca", que propunha aspectos inovadores da política educacional e das reformas institucionais.

De acordo com a legislação brasileira, com base na Resolução nº 2 de 11 de setembro de 2001, foi formulada as Diretrizes Nacionais de Educação Básica para Educação Especial (Brasil, 2001), que devem fornecer atendimento ao público de forma particularizada conforme os seguintes princípios da Declaração de Salamanca (1994):

Art. 6º Para a identificação das necessidades educacionais especiais dos alunos e a tomada de decisões quanto ao atendimento necessário, a escola deve realizar, com assessoramento técnico, avaliação do aluno no processo de ensino e aprendizagem, contando, para tal, com:

- I – a experiência de seu corpo docente, seus diretores, coordenadores, orientadores e supervisores educacionais;
- II – o setor responsável pela educação especial do respectivo sistema;
- III – a colaboração da família e a cooperação dos serviços de Saúde, Assistência Social, Trabalho, Justiça e Esporte, bem como do Ministério Público, quando necessário (Brasil, 2001, p.70).

A política de incorporação de alunos com necessidades educacionais especiais ao sistema escolar formal inclui, não só a permanência física desses e demais estudantes, mas também representa a ousadia de rever conceitos e paradigmas, além de desenvolver o potencial dos mesmos em respeitar suas diferenças e atender às suas necessidades.

3.2 A Importância da Afetividade na Educação Inclusiva

Na educação inclusiva, a maioria das mudanças sociais são impulsionadas pela afetividade, portanto, neste contexto há um sentimento pelo mundo e tudo que está envolvido nele, mais importante do que o próprio conhecimento conteudista, sendo o foco no conhecimento coletivo, ações de caridade e parcerias com outras pessoas.

Nessa condição, temos que a aprendizagem é um processo que apresenta efeitos sobre as mudanças comportamentais no indivíduo. Tais efeitos podem ser observados nas novas experiências que são construídas através de fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais. O professor entra nesse processo como um mediador, com liberdade de intervenção que promove aprendizagens, com diálogo, colaboração e criatividade (Michels, 2010).

Compreendemos que a educação inclusiva é um modelo aplicável a todas as áreas da educação. Visando que as relações são eternas e devem existir para todas as pessoas, sejam elas crianças, adolescentes, adultos ou idosos, favorecendo o desenvolvimento gradual e será mais efetivo, relacionados à cognição e a inteligência emocional. As afetividades e as interações na Educação Inclusiva são pilares no processo de aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais e seus efeitos são o objeto desta pesquisa para compreender o movimento entre o ensino e a aprendizagem, e em que medida o afetivo e as interações entre os sujeitos podem afetar o processo educacional.

Diante das informações descritas até aqui, podemos compreender que um dos maiores desafios da educação no Brasil é a falta de vínculo e sentido entre as pessoas envolvidas no processo de ensino. Atualmente, a desconexão entre professores e alunos dificulta diretamente o sucesso da aquisição de conhecimento. Há diversos fatores que podem ocasionar a exclusão de um aluno em sala de aula, umas delas são os sentimentos que impedem de o aluno ser quem ele é dentro da casa, considerando todas as suas particularidades.

Podemos enfatizar que a timidez impede que os alunos participem ativamente da recitação e façam amizade com os colegas. Algumas pessoas se tornam agressoras, outras são intimidadas. Portanto, neste nível, os professores que participam efetivamente do processo de inclusão tendem a buscar promover a alfabetização afetiva-emocional e a autoestima destes alunos para que eles, de fato, possam aprender conteúdos escolares.

Quando há essa ausência, é necessário pensar em estratégias, sendo assim para suprir essa falta de conectividade, é necessário adotar uma sugestão didática que possa motivar e atrair educadores e alunos a participarem e despertar a vontade de ensinar e aprender (Cunha, 2008, p. 119).

É neste contexto que é necessário apostar no ensino emocional, aliando qualidade social e emocional à qualidade científica. Um exemplo dessa preocupação com as emoções é

a definição da educação socioemocional como parte importante do ensino da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Desta forma é:

“O importante é compreender que a vida afetiva – emoções e sentimentos – compõe o homem e constitui um aspecto de fundamental importância na vida psíquica. As emoções e os sentimentos são como alimentos de nosso psiquismo e estão presentes em todas as manifestações de nossa vida. Precisamos deles porque dão cor e sabor a nossa vida, orientam-nos e nos ajudam nas decisões”. (Bock e colaboradores, 1999, p. 198)

De uma forma geral, o ambiente escolar é claramente afetado por essa interação, pois não são apenas os alunos que se beneficiam com a afetividade, já que a humanização da relação orienta o professor a ampliar sua capacidade educacional. Visto que, diante das incompreensões dentro da sala de aula, a sensibilidade contribui para esse caminho e mostra para onde o aprendizado pode ir.

3.3. A Afetividade na Família

A afetividade é a relação mais profunda e complexa de que o ser humano pode participar, ela inicia-se antes mesmo do nascimento na vida intrauterina, no momento em que o filho se liga a mãe, por um sentimento único que traz o seu núcleo um ao outro, de uma forma complexa e profunda. Tem-se que a afetividade é a mistura de vários sentimentos. Aprender a cuidar adequadamente de todas essas emoções é que vai proporcionar ao sujeito uma vida plena e equilibrada. Podendo reforçar essa ideia por Lopes, (2010), quando afirma que:

“Ao lado da família, a escola assume o papel da educação formal. E se a educação familiar for embasada no afeto e no respeito e a educação formal seguir a mesma linha de equilíbrio e afetividade, facilitando a adaptação de características sociais, formando cidadãos reflexivos, críticos e participativos, provavelmente estará preparando o indivíduo não apenas para o trabalho, mas contribuindo com a sua formação como pessoa, de equilíbrio e preparo para a vida em todos os seus aspectos”. (Lopes, 2010, p. 16)

Representar a relação entre ensino e aprendizagem começa com o vínculo entre as pessoas e o ambiente familiar. O alicerce dessa intimidade é emocional, faz com que a criança mobilize o adulto por meio de uma forma de comunicação afetiva para garantir os cuidados de que necessita. A prática do afeto familiar na família é complexa e abrangente.

Dessa forma, é essencial para o crescimento dos filhos, e para sua relação escolar, embora seja inegavelmente vital a afetividade escolar, principalmente na Educação Infantil, ela nunca poderá substituir as necessidades afetivas dos pais. Em vista disso, o vínculo afetivo estabelecido entre adultos e crianças mantém as etapas iniciais do processo de aprendizagem.

Seu estado é crucial nos primeiros meses de vida e determina seu desenvolvimento emocional, intelectual e motor durante sua escolarização. Logo, relações afetivas mudam com o desenvolvimento do conhecimento das crianças, e os humanos aprendem por meio de sua cultura e da interação com as pessoas ao seu redor. Este sentimento é a força motriz da atividade cognitiva, Piaget, (1896-1980), também dizia que a emoção é a energia que impulsiona a ação, enquanto a racionalidade permite ao sujeito reconhecer diferentes desejos e sentimentos e alcançar o sucesso na ação.

Da mesma forma, é na relação com os outros, por meio dos laços afetivos, que as crianças são expostas ao mundo simbólico nos primeiros anos e, assim, fazem avanços significativos no campo da cognição. Nesse sentido, para as crianças, o papel do vínculo afetivo tornou-se importante e fundamental, e continua em expansão. Na relação ensino-aprendizagem na escola, a imagem do professor é particularmente importante.

Segundo Mahoney, (1993): a criança, ao se desenvolver psicologicamente, vai se nutrir principalmente das emoções e dos sentimentos disponíveis nos relacionamentos que vivencia. São essas relações que definem as possibilidades que as crianças buscam nas alternativas que seu ambiente e cultura lhes proporcionam, realizando suas potencialidades, ou seja, sempre se projetando para buscar as possibilidades de quem elas podem se tornar. Pais e educadores têm praticado um importante consenso reconhecido na neurociência por meio de gestos cotidianos: o amor dado às crianças nos primeiros anos de vida moldará sua personalidade e ajudará a combater a ansiedade, a depressão e outras doenças. A negligência emocional pode deixar rastros que podem levar a distúrbios emocionais.

É na família que as crianças lidam com a afetividade, conseguindo decodificar situações carregadas de amor e de dor, amor e ciúmes, amor e medo. É no ambiente familiar que ela vai aprender a conviver e vencer esses conflitos, compreendendo que lá ela vai encontrar o maior amor. O estado afetivo pode ser manifestado por emoções positivas (amor e alegria) e, ainda, por emoções negativas (raiva, tristeza e medo); a predominância dos aspectos positivos ou negativos vai depender do alicerce familiar. É nas relações entre as pessoas que a criança começa a criar dentro dela sentimentos dominantes, que serão manifestados pelo comportamento (Castro, 2011, p. 28).

A afetividade está sempre nas experiências empíricas vividas pelos seres humanos. As relações afetivas exercem uma influência essencial e absoluta em todas as formas do nosso comportamento e atitudes diante da sociedade em seu processo evolutivo. Nesse contexto, as

dimensões cognitivas e afetivas do funcionamento psicológico têm sido tratadas, ao longo da história da Psicologia como ciência, de forma separada, ou seja, corresponde a diferentes tradições, no entanto, percebe-se uma tendência de reuniões desses dois aspectos, numa tentativa de recomposição do psicológico completo.

Entretanto, é no ambiente familiar que a criança vivencia suas maiores sensações de amor, prazer, alegria e felicidade, também é neste espaço que elas experimentam sensações desagradáveis como os ciúmes, medos, as tristezas, brigas, dores e raivas.

4º. CAPÍTULO

Essa Afetividade na Inclusão com Criança NEE na Educação Infantil

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Paulo Freire

O quarto capítulo discute a importância da afetividade no desafio de implementar uma educação verdadeiramente inclusiva para crianças e jovens com necessidades educacionais especiais. Considerando que a educação inclusiva deve representar não só o direito à matrícula, mas também a participação efetiva nas atividades escolares sem isolamento. Com os subtópicos: 3.1. Inclusão Escolar: Algumas Características - Contexto Histórico; 3.2. Educação Infantil – Fundamentos; 3.3. Afetividade: Um dos possíveis caminhos para a Inclusão Escolar e 3.4. O Professor Afetivo e a Didática. Considerando que a influência significativa nos princípios humanos está baseada nos vínculos afetivos, a orientação educacional é um elemento básico da educação destes indivíduos.

4.1. Inclusão Escolar: Algumas Características - Contexto Histórico

O objetivo desta pesquisa é mostrar formas de incluir as pessoas com deficiência na educação e na sociedade. Com o tempo, os humanos aprenderam que todos devem ter oportunidades iguais para que possam viver uma vida digna como todas as outras pessoas.

A inclusão é genericamente o ato de incluir alguém em determinado convívio social, respeitando as capacidades e diversidades de todos os envolvidos, desta forma, a inclusão teoricamente deveria ocorrer em todos os ambientes, mas nem sempre acontece ou ocorre da maneira que deveria. O conceito de inclusão é baseado em uma filosofia que reconhece e aceita a diversidade da vida social. Isso significa garantir que todos tenham acesso a todas as oportunidades, independentemente da particularidade de cada pessoa e/ou grupo social (Aranha 2000, p. 2).

“Situações inclusivas, voltadas para a Cultura, a Educação, o Lazer e demais setores sociais, contemplando a diversidade da condição humana, são construídas no dia a dia das relações interpessoais, sociais e políticas e tendem a reduzir os perversos efeitos das situações discriminatórias, preconceituosas, excludentes a que qualquer pessoa, com deficiência ou não, está exposta na vida social”. Mazzotta, (2011)

Inclusão é um tema muito amplo, pois abrange também todos os excluídos socialmente pelas condições econômicas impostas pelos padrões sociais, bem como idosos, negros e

peessoas com deficiências físicas, como cadeirantes, deficientes visuais e auditivos e pessoas com deficiência intelectual. Cada área possui legislações específicas, como cotas universitárias para negros e leis que tratam da inclusão da pessoa com deficiência no mercado de trabalho.

“A educação inclusiva deve ser entendida como uma tentativa a mais de atender as dificuldades de aprendizagem de qualquer aluno no sistema educacional e como um meio de assegurar que os alunos, que apresentam alguma deficiência, tenham os mesmos direitos que os outros, ou seja, os mesmos direitos dos seus colegas escolarizados em uma escola regular”. (Sánchez, 2005, p. 11)

Ao falarmos de inclusão, necessariamente devemos falar de exclusão, pois apesar da inclusão ser assegurada por lei, e indispensável atualmente, a exclusão infelizmente ainda ocorre todos os dias na vida dos indivíduos de forma maldosa e cruel. Desta forma, se faz necessário que a escola, como agente transformador do ser humano, possua práticas cada vez mais inclusivas, inserindo-as no dia a dia das crianças, para que se torne algo comum, rotineiro e enraizado.

Quando analisamos a história da educação inclusiva, vemos que está marcada pela exclusão dos indivíduos portadores de necessidades especiais. As pessoas que apresentavam algum tipo de deficiência, ficavam à margem da sociedade, marginalizadas e excluídas. A partir do Século XX, quando surgem maiores interesses por conhecimento médico e técnico sobre pessoas com deficiência, demonstram-se os primeiros sinais de responsabilidade social. Em 1994, a Declaração de Salamanca firma os direitos quanto à educação e a sociedade passa a reconhecer cada vez mais a importância de ambientes inclusivos. Desta forma, compreendemos que a educação especial no Brasil sofreu muitas modificações ao longo dos anos e era concedida separadamente do ensino oferecido àqueles que não tinham nenhuma deficiência.

Na Constituição de 1988, a Educação Especial ganha um novo destaque, através do artigo 208, o Estado assume o dever de assegurar a educação inclusiva efetivamente, com atendimento educacional especializado para os indivíduos portadores de necessidades especiais, preferencialmente no ensino regular. Essa lei foi o pontapé inicial para que a efetivação da inclusão começasse a dar os primeiros passos.

O Movimento Global de Educação Inclusiva é uma ação cultural, política, social e pedagógica que visa a defesa dos direitos de todos os alunos de se unirem, participarem e aprenderem em um ambiente educacional sem qualquer forma de discriminação. O

movimento de educação inclusiva baseou-se na Declaração de Salamanca, (1994). O movimento acredita que as escolas devem assumir o compromisso de educar cada aluno e aplicar pedagogias diversificadas, pois todos os alunos devem estar na escola regular, independentemente de sua condição social, étnica ou linguística, origens das pessoas (Guimarães, 2017).

A história mostra que conceitos e práticas relacionados ao cuidado de pessoas com necessidades educacionais especiais evoluíram ao longo do tempo. No entanto, isso também relata uma política extrema em que muitos elementos são excluídos pela sociedade. Pessoti, (1984), destacou que embora este momento histórico não tenha trazido muitas referências às pessoas com deficiências na literatura, é sabido que em Esparta as crianças com deficiência física ou mental não eram consideradas humanas, portanto, pode-se analisar que infelizmente não existiu um processo de interação com essas pessoas, ocasionando grandes desafios atualmente em várias questões sociais.

Na Idade Média, os deficientes começam a escapar do abandono e da exposição, passando a ser acolhidos em conventos ou igrejas sob a ambivalência, castigo e caridade. Mendes, (1995), destacou que a Idade Média foi uma fase de institucionalização, durante a qual as pessoas com deficiência foram isoladas e protegidas em instituições residenciais. Nessas instituições, o tratamento varia de acordo com a principal concepção caritativa ou punitiva da comunidade onde vive a pessoa com deficiência.

Com o advento do Renascimento, quando a cultura e os valores se voltaram para as pessoas, esse estágio de ignorância e rejeição dos deficientes mudou, e as pessoas começaram a falar sobre os direitos e obrigações dos deficientes. Maria Montessori, (1870 – 1952), como uma das principais construtoras da ideia de uma educação infantil, destacou-se com a criação de materiais adequados à exploração sensorial pelas crianças e específicos a cada objetivo educacional. Propôs, ainda, a diminuição do tamanho do mobiliário usado pelas crianças nas pré-escolas e miniaturização dos brinquedos na casinha da boneca (Oliveira, 2001).

Vários acadêmicos têm cooperado na integração das pessoas com deficiência no ambiente social, na educação e no seu desenvolvimento. Um dos pioneiros que sempre foi chamado de "pai da educação especial" foi o médico Jean Marc Gaspard Itard. Ele é conhecido por desenhar o primeiro programa sistemático de educação especial, e tem experiência em reabilitação e tentativa de educar o menino Vitor de Aveyron, o "menino selvagem".

Esta experiência é um marco na história da educação especial, uma vez que vários projetos foram realizados para acomodar e desenvolver pessoas com deficiência no mundo. Algumas instituições e hospitais foram criados em todo o mundo para cuidar de pessoas com deficiência, demorou algum tempo no Brasil e foi implantado no então governo imperial, no século XIX.

Desde o final dos anos 60 do século passado, Portugal tem encorajado a educação de estudantes com deficiência em meios educativos regulares. Como é habitual, essas primeiras tentativas começaram com pessoas com deficiência visual e auditiva. Após a Revolução dos Cravos, que, em abril de 1974, pôs fim à Guerra Colonial e ao regime de ditadura que o país vivia, todo esse impulso cresceu, e a integração passou a beneficiar cada vez mais políticas que potencializaram sua disseminação. Dessa evolução, surgiram as equipes de educação especial, formadas por professores que apoiavam a matrícula e o atendimento de todos alunos – com ou sem deficiência – na escola regular.

Após essa etapa, os especialistas perceberam que não basta uma instituição de tratamento e educação para os deficientes, e sim que o desenvolvimento e a inclusão devem acontecer juntos na escola normal e na sociedade. Foi nessa época que os países europeus e americanos começaram a incluir pessoas com deficiência nas escolas públicas.

Em 1991, publica-se uma lei que organiza o atendimento às Necessidades Educativas Especiais (NEE). Essa norma representa um grande avanço por consagrar a possibilidade de existirem diferentes currículos em função das condições de deficiência e por indicar a escola comum como resposta adequada para a educação de todos. Em 1997, e por influência direta da Declaração de Salamanca, site externo proclamada pela UNESCO, começa a ser usada na legislação a palavra “inclusão”. A essa altura, já existia um sistema de educação especial bem desenvolvido em Portugal e milhares de estudantes com diversos tipos de deficiência (nomeadamente deficiência intelectual) a serem educados na rede regular.

Em 2006, criam-se quadros específicos nas escolas para professores de educação especial e em 2008, funda-se a Associação Nacional de Docentes de Educação Especial (Pró-Inclusão). No mesmo ano, é instituída a legislação que organiza os apoios educativos para a inclusão de alunos com NEE. Como fruto desse esforço continuado, Portugal se tornou um dos países com as mais elevadas percentagens de pessoas com Necessidades Educativas Especiais em escolas comuns, com uma taxa de cerca de 98%. Atualmente, a escola formulou

regulamentações livres de barreiras, como a construção de rampas, elevadores, corrimãos e outros elementos que facilitam a vida das pessoas com deficiência. As diretrizes também incorporam o ensino excelente nos currículos do ensino superior, bem como outras ações destinadas a promover a inclusão nas escolas.

De acordo com David Rodrigues e Nogueira, (2011), como em quase todos os países europeus, o domínio da educação especial e inclusiva em Portugal sofreu mudanças rápidas e profundas, alterando a natureza da região que há muitos anos é solidária e caritativa. Portanto, é um fato novo pensar a educação de alunos com deficiência dentro de parâmetros educacionais rígidos, e ainda é uma inovação em muitos aspectos.

A sociedade que precisa ser construída é uma via de mão dupla, ou seja, uma sociedade inclusiva, dar um passo em direção aos deficientes. Somente com base em mudanças de atitudes e novas percepções da diversidade humana ela pode ser reinventada. Se considerarmos que os alunos com deficiência são um grupo homogêneo, somos imprecisos, pois as necessidades educacionais da escola são diferentes ou iguais para todos. Ao se buscar o início da convivência das pessoas com deficientes e dos ditos neurotípicos, pode-se dizer que é a partir deste ponto o momento de se preocupar com a aprendizagem, com o fato de esses alunos serem isolados e mantidos em instituições exclusivas, então o direito de entrar na rede formal foi concretizado.

O preconceito é o maior obstáculo à verdadeira tolerância. Por muito tempo, toda deficiência era uma sentença, e as crianças cegas eram consideradas incapazes de aprender como as crianças com visão normal. Se for uma deficiência intelectual, não há necessidade de estudá-la. O termo deficiência intelectual é usado para se referir a crianças e jovens com deficiência intelectual e alta capacidade, esse termo durou até a década de 1980. Desde a década de 1990, o termo "crianças especiais" tem sido usado para se referir a esses alunos (em oposição aos chamados alunos "normais"). À medida que a sociedade vê o amplo leque de possibilidades para esses alunos, a forma como são mencionados também mudou. No início dos anos 2000, o termo "deficiente" era comum. No entanto, foi rapidamente abandonado porque a deficiência não é algo para se carregar uma vez e não outra.

Parte da perspectiva de satisfação do avanço do conhecimento e da luta social, visa a formulação de políticas públicas que promovam uma educação de qualidade para todos os alunos. Historicamente, a característica da escola é que a visão educacional delineia a educação escolar como um privilégio de grupo, o que legitima políticas educacionais que

reproduzem a ordem social e a exclusão na prática. A partir da perspectiva dos direitos humanos e do conceito de cidadania a partir da compreensão das diferenças, a educação especial passou a se organizar. Do ponto de vista das teorias histórico-sociais aceitas, se a transformação social pode mudar as funções cognitivas e reduzir o preconceito e o conflito social, então esses processos psicológicos são essencialmente sociais (Vygotsky, 1991, p.214).

O processo de ensino deve ser entendido como uma política cultural, ou seja, uma carreira docente que leva a sério as relações de raça, classe, gênero e poder na produção e legalização de sentidos e experiências. Tradicionalmente, esse processo reproduziu as relações de produção capitalistas dominantes e legitimou a ideologia ao ignorar questões importantes relacionadas à relação entre Conhecimento X Poder e Cultura X Política. O produto do processo de ensino é o conhecimento.

Escolas, sejam elas públicas ou não, devem oferecer a seus alunos, além de acompanhamento pedagógico, auxílios multidisciplinares que contribuem para o desenvolvimento efetivo de cada indivíduo que faz parte desse processo de inclusão. Desta maneira, estimulariam não só a linguagem, mas principalmente a socialização e as habilidades de cada um. Criar escolas exclusivas para pessoas com necessidades especiais, seria o fim da inclusão social, que zela justamente por esse convívio sem exceções de nenhuma espécie. É esse convívio que fortalecerá a segurança daqueles que hoje acabam ficando à margem dos demais.

A inclusão escolar está relacionada a movimentos sociais mais amplos, que exigem maior igualdade e acesso mais justo a bens e serviços. Associada a uma sociedade democrática baseada no mérito pessoal e na igualdade de oportunidades, a inclusão propõe o uso do tratamento desigual como forma de restaurar a igualdade que foi rompida com a separação da educação especial e da educação convencional (Mantoon, 2006, p.16).

Em uma pesquisa realizada por Aarons e Gittens, (1992), com abordagem qualitativa de estudo de caso, buscou analisar os efeitos da inclusão bem-sucedida em estudantes com autismo. Suas descobertas indicaram que os alunos autistas que são educados em salas de aula inclusivas têm melhores habilidades sociais, exibem maior engajamento e assimilação, podem dar e receber níveis mais elevados de apoio, têm uma rede social maior e metas educacionais mais concretas (Aarons & Gittens, 1992).

O desafio da inclusão deve incorporar a possibilidade de pessoas sem necessidades especiais experimentarem as formas de perceber o mundo daqueles que portam algum tipo de

dificuldade, para que possam, dessa forma, compreender alguns comportamentos, desenvolver estratégias de apoio e se motivar a ajudar e incluir as pessoas que veem o mundo de uma forma diferente (Candeias, 1993, p.28).

4.2. Educação Infantil - Fundamentos

Segundo Oliveira (2001), a ideia de educar crianças menores de 6 anos de diferentes condições sociais já era tratada por Comenius, pedagogo considerado o fundador da didática moderna. Para o referido teórico, a educação de crianças deveria utilizar matérias a partir de modelos e coisas reais de modo a auxiliá-las no futuro a fazerem aprendizagem abstratas.

Na segunda metade do século XX, crianças com idade entre 0 e 5 anos, começaram a ser reconhecidas como sujeitos ativos no que diz respeito à educação institucionalizada. O processo ocorre a partir de ações que partem de partilhar de experiências no âmbito educacional, juntamente a um adulto que na época em sua grande maioria eram mulheres. Assim, a Educação Infantil – que antes era direito apenas de crianças de mães trabalhadoras – com a Constituição de 1988, passou a ser direito de todas as crianças.

Com a Constituição, a Educação Infantil passou a ter seu espaço e a ser uma instituição pública. A década de 1970, foi marcada por grandes movimentos sociais para a ordem legal da educação, visando a implantação de novas políticas e um processo de redemocratização no país. Já na década de 1980, houveram inúmeras reformas na área da educação, fato marcado pelos direitos das crianças a creches e pré-escolas regidas na Constituição Federal.

Faria (2002), destaca que, na virada dos séculos XVIII para XIX, a partir da organização da sociedade burguesa, é que as crianças passaram a ser percebidas como seres sociais com necessidades próprias, dignas de atenção familiar e social.

A origem das instituições de Educação Infantil está entrelaçada com o desenvolvimento urbano e industrial. Inicialmente, as creches eram lugares onde os operários deixavam seus filhos enquanto estavam no trabalho, caracterizando assim, as instituições de Educação Infantil como assistencialistas, ou seja, elas tinham o dever de manter a criança segura, alimentada e higienizada. Assim, historicamente, foram os médicos higienistas que se alertaram, direcionando-se para a infância, em razão do alto índice de mortalidade infantil. Com isso, a Educação Infantil começou a se desenvolver e criar espaço, levando em conta as questões de saúde e o assistencialismo. Anos atrás, o objetivo da Educação Infantil era agir

sob a ótica do assistencialismo, então, as creches possuíam direção filantrópica e seguiam o modelo das creches francesas, tendo a finalidade de cuidar das crianças pobres, com idade de 0 a 2 anos, para que as mães pudessem trabalhar.

A construção da identidade e da autonomia se dão pelos processos de socialização e nas interações, partindo daí vínculos afetivos vão sendo construídos entre professores e alunos de modo que aprendam uns com os outros a partir de suas diferenças. Um ambiente de acolhimento é de suma importância para o processo de ensino-aprendizagem das crianças na Ed. Infantil e cabe ao professor o papel de incentivar a aprendizagem e a linguagem, para que as crianças saibam conviver com os que estão a sua volta, sempre procurando meios para resolver os problemas com os quais se deparam no dia-a-dia.

Por esses fatores, entendemos que a afetividade é parte integrante do indivíduo, sendo importante por toda a vida, porém, quando se diz que na infância é um fator determinante, queremos expressar que, a criança é um indivíduo que está em pleno desenvolvimento e precisa de estímulos, de pessoas que acompanhem o seu crescimento e aprendizado, e mostrem para essa criança que a maneira como ela progride, é significativa.

No que diz respeito às afetividades da educação infantil, significa acolher a criança em um ambiente completamente diferente de sua casa, proporcionar troca de experiências, estimular o aprendizado e despertar a motivação, não se trata de abraçar e expressar amor o tempo todo. Nesta fase inicial, os professores devem estar atentos a todos os aspectos que afetam o desenvolvimento cognitivo das crianças, pois o ambiente escolar é afetivo, seguro e confortável. A Educação Infantil é a etapa em que a criança começa a construir sua identidade, e nesse momento é de suma importância que a mesma se sinta amada, acolhida, aceita e ouvida para que possa despertar para a vida, a curiosidade e a busca pelo conhecimento.

4.3. Afetividade: Um dos Possíveis Caminhos para a Inclusão Escolar

A infância é um período em que os modos de pensar e estilo de vida dos humanos são formados, e esses modos são afetados por seu contato pessoal na escola e na família. Segundo Ariès, (1973), a infância é um fenômeno histórico e não necessariamente natural, através do qual as características da criança podem ser esquematicamente delineadas pela dependência ao adulto em troca de proteção.

A afetividade é um sentimento que está baseado na confiança, no carinho, no respeito, na admiração e que faz com que nossa autoestima eleve, assim em sala de aula o aluno consegue mostrar se gosta ou não de estar na escola. A falta desse sentimento traz problemas e consegue que a criança fique totalmente negada a tudo.

“Se a educação não conseguir promover a construção do conhecimento por meio do afeto, do respeito às dificuldades e aos sentimentos do aluno, não será à base do autoritarismo e do castigo que formará cidadãos coerentes. Pois o afeto entre educador e educando é como uma semente lançada em terra fértil: germina numa rapidez surpreendente e produz frutos de qualidade”. (Bonfim, 2011, p. 9)

A afetividade promove a autoconfiança, autoestima, o apoio mútuo, desenvolvimento e impacta positivamente na saúde do corpo e da mente. As atitudes irão te ajudar a levar a vida com mais afetividade, a fim de fortalecer o seu relacionamento com as outras pessoas, consigo mesmo e com o mundo ao seu redor. O professor ocupa um papel muito importante como mediador na vida e na aprendizagem do aluno, favorecendo a construção do seu conhecimento, e o afeto é um meio pelo qual o professor pode usar para se aproximar dos alunos, valorizando suas experiências trazidas de casa.

“A forma como se comporta, a confiança com que enfrenta novos problemas, o interesse que demonstra na aprendizagem de novas coisas - tudo é função de sua autoimagem. Sua atitude acerca de si mesma se reflete em suas respostas emocionais às outras pessoas. Pode-se tratar de uma criança feliz, afetuosa, comunicativa, que simpatiza rapidamente com os demais e se dispõe a partilhar seus brinquedos e a dar-se bem com seus companheiros de brincadeiras. Ou pode tratar-se de uma criança ansiosa, cabisbaixa, tímida ou hostil, que assim expressa sua raiva e seu medo diante da maneira com que o mundo a vem tratando”. (Pulaski, 1986, p. 141)

Sabendo que a escola tem a função de conduzir o aluno a adquirir um conhecimento sistematizado, mas levando em conta o contexto social de hoje, a escola acaba assumindo também a responsabilidade de desenvolver habilidades sociais, que antes eram só de responsabilidade da família. Dessa forma, a relação família e escola é importante no desenvolvimento integral do indivíduo.

A Educação Inclusiva tem como fundamento que todas as crianças devem ser integradas na vida social e educacional da escola, e não foram excluídas pelo sistema educacional antes. Isso significa fazer algo para mantê-los na escola, incluindo a necessidade de considerar a particularidade, também significa considerar as crenças, mitos e valores de todos, bem como considerar as emoções envolvidas no relacionamento. Segundo Mazzota, (2017 apud Guimarães, 2017), a abordagem inclusiva pressupõe uma amostra, ou seja, cada criança é importante para garantir a riqueza do acervo, sendo aceitável que todos os tipos de

alunos fiquem na classe normal. Dessa forma, espera-se que as escolas busquem de forma criativa recursos para manter diferentes alunos no espaço escolar e permitir que eles alcancem resultados satisfatórios no desempenho escolar e social.

O desenvolvimento do ser humano como existência plena não ocorre de forma linear e contínua, mas apresenta um movimento de integração, conflito e alternância que implica nas vantagens do conjunto de funções. Em relação à emoção e à cognição, essas coleções se revezam em termos de popularidade ao longo do estágio de desenvolvimento. Nas fases de emoção impulsiva, individualismo e adolescência, o auto movimento é o principal, e o grupo função emocional é mais comum. Nas fases de movimento sensorial, projeção e classificação, o movimento externo ocorre no outro conhecimento, o conjunto dominante é o conjunto de funções cognitivas (2008, apud Ferreira; Acióly-Régner, 2010, p. 4).

A interação social - entre alunos e professores - no ambiente escolar passa a ser entendida como condição necessária para que os alunos produzam conhecimentos, especialmente aqueles que permitem o diálogo, a cooperação e a troca mútua de informações, o confronto de diferentes pontos de vista e a divisão de tarefas que implica que todos são responsáveis, que juntos levarão a um objetivo comum. Portanto, o professor deve não apenas permitir que elas aconteçam, mas também promovê-las no cotidiano da sala de aula (Vygotsky apud Rego, 1995, p.110).

Para nortear as características a serem desenvolvidas na escola, é definido um conjunto de ações que juntas formam o indivíduo equilibrado, sendo assim em base do que já produzimos até aqui nesta pesquisa, foram elaborados os princípios que a Educação Inclusiva na Educação Infantil deve promover aos seus estudantes. Elas são:

PRINCÍPIOS DO AFETIVO
Conhecimento
Transformação
Autonomia
Responsabilidade
Solidariedade
Respeito
Direitos e Deveres
Sensibilidade
Ensino Dinâmico
Empatia
Sensibilidade

Fonte: Elaborador, (2021)

A educação deve favorecer o fortalecimento dos vínculos entre as pessoas. Por conseguinte, é possível identificar que os discursos dos educadores sugerem que a relação educadora e educando se constitua espaço significativo dentro do processo de aprendizagem, haja vista que, as relações interpessoais implicam em um enorme poder de impacto afetivo tanto nos educadores quanto nos educandos, podendo ser positivo ou negativo, dependendo da forma como essas interações são vivenciadas.

“...o local que possibilita uma vivência social diferente da do grupo familiar, tem um relevante papel, que, não é como já se pensou o de compensar carências (culturais, afetivas, sociais, etc.) do aluno, e sim, oferecer a oportunidade de ter acesso a informações e experiências novas e desafiadoras capazes de provocar transformações e de desencadear processo de desenvolvimento e comportamento”. (Rego, 2005, p.62)

O processo de ensino e aprendizagem é favorecido por interações em sala de aula baseadas em afetividade, portanto, é necessário pensar em uma prática pedagógica que leve em consideração os aspectos afetivos. Nessa perspectiva, Cunha (2008, p. 51), diz que: Em qualquer caso, a primeira forma de chamar a atenção do aluno é a emoção. É um meio para promover a educação. Rompe áreas que normalmente estão fechadas às possibilidades acadêmicas. Considerando o grau de dispersão nas escolas hoje, os conflitos familiares e pessoais, e até mesmo o comportamento agressivo, é difícil encontrar outros mecanismos de apoio ao professor mais eficazes.

O desenvolvimento da criança deve ser levado em consideração, juntamente com o fato de que ela está inserida em uma sociedade e deve conviver com ela, se adaptar, criar meios de interação e iniciar o seu processo de aprendizagem. Conforme discutido, adentramos no universo da criança, primeiramente entendendo sobre a construção da infância, do contexto que foi gerado para que hoje ela pudesse ter os direitos à educação, à saúde, mantendo a responsabilidade do desenvolvimento psicossocial para o Estado, a sociedade e a família.

Para que uma escola seja inclusiva, ela precisa abrir espaço para todas as crianças, sendo elas portadoras de necessidades especiais ou não. Quando a criança portadora de deficiência começa a ter convívio com outras crianças, ela deixa de ser excluída e passa a ser parte integrante daquele meio social, garantir que o processo de inclusão possa fluir da melhor forma possível é responsabilidade da equipe gestora – formada pelo diretor, coordenador pedagógico, orientador e vice-diretor, quando houver – e para isso é imprescindível que tenham conhecimento e condições para aplicá-lo nas atividades rotineiras da escola.

“Educação inclusiva não significa educação com representações e baixas expectativas em relação aos alunos, mas sim a compreensão do papel importante das situações estimulantes, com graus de dificuldade e de complexidade que confrontem os professores e os alunos com aprendizagens significativas, autênticos desafios à criatividade e à ruptura das ideias feitas, como foi o caso dos grandes pioneiros da educação que acreditaram no grande papel que a educação representava no acesso à cidadania dos mais desfavorecidos, sendo, então (como agora), chamados de loucos”. (Sanches, 006, p. 73)

A rede regular de ensino deve oferecer educação especial para qualquer aluno com deficiência, esse processo exige transformações na forma de conduzir as aulas e no modo de se relacionar com as turmas e famílias. Para que a escola esteja preparada para atender os alunos portadores de deficiência, se faz necessário que ofereça condições mínimas de acessibilidade como: rampas de acesso, corrimões, sala multifuncionais, portas com larguras adequadas para cadeirantes, banheiros adaptados, material didático adequado etc.

“A inclusão rompe com os paradigmas que sustentam o conservadorismo da escola, o principal desafio que têm os pais, professores e profissionais que trabalham com crianças que apresentam dificuldades, é ajudá-las a adquirir confiança em si mesma, acreditar nas suas capacidades”. (Gomes; et al; 2010, p. 7)

Num panorama de Escola Inclusiva, é indispensável compreender que incluir não é unicamente matricular um aluno em um ambiente escolar e achar que a inclusão já esteja efetivada. Se assim for, ou seja, se o investimento na qualidade de ensino não se tornar uma ação constante, a demanda das matrículas desse aluno na classe comum pode resultar em rejeição cada vez mais proeminente e em desencadear maior dificuldade de estudar junto com os outros alunos. Em virtude disso, a escola deve oferecer oportunidade para esses alunos desenvolverem suas habilidades e aprendizagens, condizentes com suas limitações ou superdotações.

De acordo com Mantoan, (2006), a inclusão total e irrestrita é uma oportunidade para revertermos a situação na maioria das escolas. Essas situações atribuem ao aluno as deficiências causadas pelo ensino que oferecem, sempre avaliando o que o aluno aprendeu,

ele não sabe o quê, mas muito “menos análise do "o quê" e do "como" ensinado pela escola”, para que os alunos não sejam punidos por repetição, evasão, discriminação ou exclusão (Mantoan, 2006, p. 18).

Podemos perceber que construir uma escola inclusiva não é uma tarefa fácil, é necessário acreditar nas possibilidades de aprendizado, e vencer obstáculos diários. Muitas vezes, esses obstáculos nos impedem de valorizar e executar a educação com ênfase na diversidade, no entanto, é necessário que nos sensibilizemos com a história de luta desse público-alvo em busca de direitos de igualdade.

O processo de negação mais difícil é quando os alunos com alguma deficiência entram para a escola regular, no qual são comparados com crianças normais ou sofrem algum tipo de exclusão, Fonseca (1995), salienta que essa é uma situação crítica vivida pelos mesmos, pois é a ruptura entre o envolvimento familiar e o envolvimento social, daí a importância de a entrada na escola ser prevista o mais cedo possível, com medidas adaptativas, com profissionais preparados para lidar com estas situações.

A escola é um local de aprendizado que vai além da alfabetização, para Fonseca, (1995), a escola não pode esquecer que a criança é um conjunto de pensamentos e de movimentos: comportamento na escola, no recreio, na família, com outros grupos, deve ser conhecido e compreendido antes de se esboçar qualquer desajustamento emocional. Cabe à escola adequar um envolvimento às necessidades da criança, nunca desenvolvendo funções seletivas, mas, pelo contrário, integrativas. Bechtold e Weiss, (2012), salientam que a escola não pode permanecer como um espaço social que não reflete o que realmente é a sociedade, pois é dentro dela que se dá grande parte das aprendizagens humanas e como não aprende dentro dela, a convivência com as diferenças.

A escola inclusiva se trata de um espaço no qual as pessoas aprendem juntas, de forma que isso é totalmente possível, independentemente de qualquer fator. Assim, a escola inclusiva precisa estar preparada para receber pessoas com distintas necessidades, atendê-las de forma adequada, consciente de que existem diferentes pessoas que aprendem em ritmos diferenciados e tem específicas capacidades. O conceito de inclusão diz respeito a isso, uma educação de qualidade assegurada independentemente de tais diferenças.

Tornar o ambiente escolar um espaço inclusivo, significa que todos os alunos sem exceção têm direito à educação, recebendo oportunidades educacionais adequadas, próprias às

suas habilidades e necessidades. Do mesmo modo, é imprescindível que o aluno e professor recebam todo o auxílio que precisam para promover este ensino.

A inclusão do aluno na vida social da escola é parte importante da educação inclusiva, para os relacionamentos e as interações sociais. Para desenvolver relações de amizade e respeito, faz-se necessário que a criança com deficiência tenha oportunidades constantes e contínuas da inserção social entre as demais crianças, possibilitando ao aluno portador de necessidades especiais, tornar-se membro integrante e valorizado em sala de aula.

Neste ambiente, é extremamente essencial que o educador respeite e valorize o ritmo de cada criança ao realizar as propostas, pois cada indivíduo é um diferencial na educação e assim, tem seu ritmo dentro de seu crescimento escolar.

Não basta aceitar a presença de um aluno com deficiência na sala de aula, é preciso que o professor se comprometa em elaborar sua prática educativa, propiciar situações que permitam que ocorra a inclusão, estimulando a interação nas atividades propostas, além de diversificar seu método de avaliação para que possa valorizar a capacidade individual de seus alunos, também adaptar materiais, com a finalidade de facilitar o desempenho dos mesmos conforme suas necessidades.

Ensinar é compromisso com os outros, a tolerância escolar desafia a mudança de atitudes em relação aos outros, já não é um indivíduo qualquer, mas uma pessoa vital para a construção da sociedade que queremos formar, (Silveira; Nascimento, 2011, p. 13). Para tornar-se uma escola inclusiva, não deve apenas acolher e promover a interação social, faz-se necessário oferecer condições de aprendizagem, bem como um espaço físico adequado, meios que facilitem seu acesso, profissionais capacitados, apoio por parte da família e da sociedade.

“É necessário percebermos a mudança que já está ocorrendo em nossos sistemas de ensino e, conseqüentemente, influenciaram a sociedade como um todo. Preparar-nos e preparar os alunos para a convivência harmoniosa e respeitosa uns com os outros é o importante papel da escola inclusiva”. (Silveira; Nascimento, 2011, p. 13)

Tratando-se de necessidades educacionais especiais que dizem respeito a todos num âmbito escolar, torna-se necessário investimento na formação a todos os níveis, não só nas universidades, mas também nas escolas superiores de educação, desenvolvendo uma carreira atraente e intrinsecamente motivadora, estimulando em simultâneo, a investigação e a

comunicação, promovendo a formação de equipes, no qual a gestão escolar composta pelo diretor, supervisor e orientador tem o dever de orientar e mediar situações que acontecem no decorrer do caminho.

Os educadores sempre têm desafios a superar e, para alunos especiais, é possível superar esses desafios apenas por meio da participação genuína e da transferência emocional. Muitas iniciativas de professores individuais em todo o mundo tiveram sucesso com crianças e jovens com deficiência.

Observamos como o diálogo é importante em sala de aula na mediação do conhecimento, entretanto, para que haja diálogo é necessário ter uma relação positiva e afetiva para haver trocas de experiências, questionamentos sobre o tema e aprendizado em conjunto. Os alunos se sentirão confortáveis para expressar conhecimentos e dúvidas.

A criança precisa ser ouvida, ter sua opinião valorizada, ter seu ritmo e seu tempo respeitados, receber estímulos e ser motivada para que possa se desenvolver e aprender de forma efetiva, construir sua autoestima, autonomia e pensar de forma crítica. Assim, o professor deixa de ser um transmissor do conhecimento para ser um mediador na aprendizagem em sala de aula, contribuindo para a preparação de crianças inteligentes e felizes.

Uma situação de confronto que as escolas enfrentam ao aceitar crianças com certos tipos de deficiência é a postura dos pais, que geram aprendizagem emocional por meio de palavras e ações, principalmente dos padrões que proporcionam ao lidar sozinhos com seus próprios sentimentos. A comunicação emocional com os membros da família e a forma como é estabelecida permitem que as crianças desenvolvam uma autoestima positiva. Os pais de crianças e adolescentes com deficiência tendem a superproteger essas crianças e impedi-las de tomar decisões para o resto da vida.

É importante referir que muitos pais tentam encobrir as necessidades educacionais de seus filhos, alegando que os delírios que cultivaram durante o difícil processo, se contornados, parecem ser mais brandos. As observações desses pais costumam ser de falta de informação, e é difícil lidar com a mais terrível síndrome de discriminação. Para mostrar uma sensação de segurança aos filhos, eles tentam superar a ansiedade e o medo. Quando um educador profissional recebe um aluno com deficiência, ele precisa entender que ele é uma pessoa complexa, contextual e pensante. Seu processo de aprendizagem tem dimensões

emocionais e cognitivas. Para compreender o aprisionamento da inteligência, é necessário analisar o jogo entre os fatores que afetam a construção do conhecimento (Fernandez, 2001).

Para tanto, o educador profissional precisa entender a criança como sujeito de aprendizagem, uma existência única, ela traz uma história de vida, vem de um ambiente psicológico, familiar e cultural específico, e possui habilidades cognitivas específicas. Os educadores precisam avaliar e perceber que crianças ou adolescentes com dificuldades de aprendizagem nem sempre indicam deficiência ou déficits cognitivos, o que pode estar relacionado às consequências de práticas pedagógicas inadequadas. Os educadores precisam cultivar empatia, perceber que seus sentimentos contaminarão os alunos e estabelecerão uma comunicação emocional.

É importante referir que, em Portugal, os alunos com necessidades mais complexas estão matriculados em unidades específicas do ensino regular. Em sala de aula têm cerca de seis alunos, um ou dois professores de educação especial e um assistente de operações. As atividades neste espaço ocupam parte do tempo letivo de crianças e jovens, prevendo-se que também frequentem aulas regulares com colegas sem deficiência.

Sob certas circunstâncias, um Curso Específico Pessoal (CEI) é preparado, que usa adaptações que podem não ser cursos normais como referência. Estas unidades especializadas não são salas especiais, porque são espaços onde os alunos com mais dificuldades podem obter apoios específicos, mesmo que frequentem o maior número de cursos regulares possível. Três anos antes de os alunos com necessidades educacionais especiais deixarem o sistema educacional, desenvolvemos um Plano de Transição Pessoal (PIT) para prepará-los para a vida após a escola. Esses documentos planejam a experiência e o conhecimento da escola sobre o ambiente de trabalho e são projetados para evitar transições repentinas e não planejadas.

Entendemos que a relação afetiva no ambiente da educação infantil é essencial porque traz benefícios importantes para toda a vida da criança. Na prática pedagógica, o desenvolvimento da emoção escolar é uma ferramenta que auxilia no cuidado e na atitude dos professores, de modo que não afetará as crianças de forma negativa. Portanto, o diálogo e o afeto familiar são os elementos básicos da formação da pessoa, do exercício do diálogo, e uma forma de despertar o afeto familiar e desenvolver comportamentos de escuta, respeito, compreensão, aprendizagem e ensino. Nesse sentido, as emoções estão relacionadas às diversas experiências que o sujeito pode ter, seja na família, no ambiente escolar, na comunidade ou na sociedade.

O cérebro humano não é apenas um mecanismo de processamento de informações cognitivas, mas um sistema complexo com emoções e funções cognitivas inseparáveis. Segundo Piaget (1976), a emoção é a base do raciocínio e do desenvolvimento intelectual, a vida emocional e a vida cognitiva são inseparáveis, embora diferentes. São indissociáveis, pois toda troca com o meio ambiente tem como premissa estrutura e valor. É por isso que não se pode raciocinar sem experimentar certos sentimentos, inclusive na matemática, por outro lado, sem um mínimo de compreensão, não há emoção (Piaget, 1976, p. 16).

Aceitar que a escola é um lugar que propicia uma interação significativa de aprendizagem para todos os alunos acaba sendo um equívoco. Não é fácil administrar a educação inclusiva, como afirma Silva, (2011), principalmente quando algumas pessoas têm problemas complexos, quando os próprios recursos estão distantes, inclusive (Silva, 2011). Compreender o mundo é a base de estar nele. Essa compreensão da realidade se realiza por meio da sensibilidade e da reflexão, só é possível construir o pensamento, o sentimento, a imaginação e a ação no próprio reino da realidade. Refletir este processo, é entender o que a vida emocional - emoções e sentimentos - constituem as pessoas e um aspecto vital da vida social. Emoções e sentimentos são o alimento de nossa alma e existem em todas as manifestações de nossas vidas (Bock; Furtado; Teixeira, 1999, p. 198).

O processo de aprendizagem deve acontecer com alunos e professores ao mesmo tempo, com as relações afetivas, conforme relata o autor Demo, (2007), para se melhorar a aprendizagem dos alunos, devemos promover a aprendizagem dos professores. Sendo assim, é fundamental que os professores tenham o hábito de ler, aprender, pesquisar e elaborar, de forma a fornecer aos alunos um mecanismo para desenvolver uma aprendizagem autônoma.

4.4. O Professor Afetivo e a Didática

Wallon (1968), acredita que a emoção é o primeiro e mais forte vínculo entre as pessoas. Gestos, pantomimas, expressões faciais, devem ser observadas porque fazem parte da atividade emocional. A comunicação afetiva ameniza esses momentos, porque uma pessoa se posiciona do outro lado para expressar apoio e afeto. Nessas situações, precisamos expressar amor. O educador deve possuir conhecimentos técnicos resultantes de sua formação e de uma atitude de objetividade em relação às crianças sob seus cuidados. Desta forma, cabe ao educador proteger as crianças de suas próprias emoções fortes e agressivas, exercendo orientação necessária na situação imediata, quando da necessidade da criança em resolvê-los (Winnicott, 1985).

Quando os professores estão engajados em sua profissão, eles devem considerar a formação da personalidade dos alunos, não apenas em termos de inteligência, mas também em termos de moralidade, sentimento e fisicalidade. Como resultado das tarefas escolares, os alunos desenvolvem a capacidade de observar, examinar objetiva e criticamente os fatos e fenômenos das relações naturais e sociais, bem como as habilidades de expressão oral e escrita. Portanto, a unidade ensino-educação se materializa na formação de atitudes e crenças em relação à realidade no processo de ensino. O processo de ensino deve estimular o desejo e o gosto pela aprendizagem, evidenciando a importância do conhecimento para a vida e o trabalho (Libâneo, 1994).

Nesse processo, os professores devem criar situações que incentivem os indivíduos a pensar, analisar e conectar o que aprenderam com a realidade que vivenciaram. Esta realização consciente das tarefas de ensino e aprendizagem é a fonte de crenças, princípios e ações. Essas crenças, princípios e ações estarão vinculados às práticas educativas dos alunos e propõem situações reais que permitem aos indivíduos refletir e analisar a partir da sua realidade (Tavares, 2011).

No entanto, a natureza da educação está relacionada ao objetivo do ensino crítico, que se realiza no processo de ensino. É por meio desse processo que a formação da consciência crítica individual permite que ele pense de forma independente, por isso a educação crítica está diretamente implícita nas políticas sociais e nos objetivos do ensino, bem como nos conteúdos e métodos de seleção e organização. Segundo certa postura no contexto das relações sociais com a prática social vigente (Libâneo, 1994).

O afeto é um ato que nos humaniza, nos permite construir laços entre amigos, familiares e colegas, e torna a vida mais significativa. O professor deve ter um olhar sensível para o aluno, em sua prática pedagógica, avaliando de forma muito atenciosa, tentando compreender seus valores e transformando isso em atividades em sala de aula, para desenvolver o ensino aprendizagem de cada um. E esta sensibilidade faz com que o professor seja capaz de entender os estágios de crescimento da criança, proporcionando estratégias em sala de aula, que produzam resultados satisfatórios. Promovendo atividades dinâmicas, com a participação do aluno, o aprendizado poderá ser surpreendente.

Quando os alunos têm objetivos e são incentivados a alcançá-los, eles se sentirão melhor consigo mesmos e, quando o fizerem, seu desempenho acadêmico será melhor. Eles também criarão relacionamentos melhores com outros alunos. Além disso, quando os

educandos têm autoestima suficiente, eles serão capazes de suportar os possíveis efeitos negativos da pressão dos colegas.

Desta forma, uma aprendizagem significativa envolve muito mais a forma de ensinar estabelecida e construída pelo professor do que o próprio conteúdo. O educador deve atrair seus alunos pelo próprio prazer demonstrado ao ensinar, fornecendo-lhes elementos afetivos para que eles saibam conviver e resolver as mais diversas situações do dia-a-dia e tirar delas conhecimentos significativos por toda a vida.

O método de ensino afetivo busca o desenvolvimento cognitivo por meio da interação emocional, tornando o aprendizado mais agradável e significativo. Para estabelecer seu papel em sala de aula, os educadores finalmente optaram por uma postura firme e rígida. O ambiente humanizado preconizado pela educação emocional propõe uma mudança na postura dos professores, pois a flexibilidade e a valorização são mais adequadas ao espaço do conhecimento. Desta forma, uma relação harmoniosa é formada entre professores e alunos.

O professor afetivo pode explicar a seus alunos porque pode reconhecer os motivos do comportamento da classe e está sempre preparado para possíveis reações no grupo. Além disso, o afeto familiar dos educadores reflete os desejos individualizados dos alunos, cria um ambiente de sala de aula suficientemente confortável e estimula a curiosidade e a automotivação dos alunos.

Analisar as questões afetivas em sala de aula, seja por meio da interação professor-aluno e/ou dimensões de ensino, significa analisar as condições oferecidas para estabelecer uma conexão entre o sujeito (aluno) e o objeto (conteúdo escolar), ou seja, na discussão deste tema, a emoção, a própria relação sujeito-objeto, é discutida em um de seus aspectos básicos: as relações afetivas que os alunos vivenciam em sala de aula influenciam o conhecimento (Leite; Tassoni, 2002, p. 15).

A interação em sala de aula consiste em uma série de ações complexas em diferentes formas, que são estabelecidas entre as partes relevantes (professor e alunos). Uma forma de comportamento está intimamente relacionada ao desempenho anterior e determina primeiro o próximo comportamento. Na verdade, é por meio do somatório de várias formas de atuação nas atividades docentes que os professores podem determinar a relação que se estabelece entre os alunos e os diversos objetos de conhecimento.

Nesse contexto, a escola constitui-se como espaço essencialmente educativo, cuja função principal é a de mediar o conhecimento, possibilitar ao educando o acesso à construção do saber. Essa função é essencial, pois a transmissão de conhecimento se dá na interação entre pessoas. Assim, nas relações estabelecidas, professor/aluno, aluno/professor, aluno/aluno, o afeto sempre estará presente. Esses componentes são essenciais para que esta relação seja significativa e representa uma parceria no processo de ensino aprendizagem.

Portanto, os professores são agentes de estimulação do aluno. Ele não apenas os parabenizou por suas realizações, mas também aprendeu uma lição sutil com os contratempos inevitáveis. Crianças e adolescentes podem não estar preparados para decepções, mas além de estarem preparados, os professores também vão lidar com a situação da melhor maneira, destacando o desenvolvimento da autoconfiança e da coragem dos alunos. Embora as emoções na sala de aula pareçam indicar falta de controle, os professores de emoções dominam a questão da restrição. Portanto, são profissionais confiantes e bem preparados que podem se comunicar com a nova geração e entender as tendências contemporâneas. Pela continuidade entre discurso e atitude, os professores de pedagogia emocional são referência quando dizem "não" e cultivam nos alunos a consciência de atitudes inadequadas à vida social.

As ações descritas acima fazem com que os educadores de educação emocional se tornem profissionais com comportamentos adequados para promover a convivência de crianças e jovens. Por meio de sua série de comportamentos, o professor consegue combater as violações disciplinares em sala de aula e aproveitar a aula em grupo, portanto, educa o grupo. Os componentes básicos do planejamento de ensino são: objetivos, conteúdo, procedimentos de ensino, recursos didáticos e avaliação. O objetivo é uma descrição clara do resultado esperado da atividade, e é sempre o aluno e o objetivo do aluno. Esses objetivos são divididos em educacionais e de ensino. Metas educacionais são valores mais amplos que a escola se esforça para alcançar. Por outro lado, os objetivos de ensino são proposições mais específicas, referindo-se às mudanças de comportamento esperadas de uma determinada turma.

Piletti (1991), acredita que para manter a continuidade interna do trabalho escolar, devemos primeiro atentar para a seleção de metas de ensino que correspondam às metas globais do campo de aprendizagem, e essas metas devem ser coerentes. Cooperar com os objetivos educacionais do plano curricular, portanto, os objetivos educacionais devem ser consistentes com o pensamento da entidade visada pelo plano.

Os professores devem utilizar as habilidades pedagógicas no planejamento da sala de aula, que é um método específico para estimular o entusiasmo dos alunos no processo de aprendizagem. Ao planejar o processo de ensino, não basta simplesmente listar as tecnologias que serão selecionadas para palestras, trabalhos de orientação etc., mas o professor deve prever como o conteúdo selecionado será utilizado para atingir os objetivos propostos.

O programa não é apenas uma coleção de tecnologias isoladas. São mais abrangentes porque envolvem todas as etapas do desenvolvimento da própria atividade docente. Os procedimentos de ensino selecionados pelos professores devem ser diversos, condizentes com os objetivos propostos e os tipos de aprendizagem previstos nos objetivos; adaptar-se às necessidades dos alunos; estimular os alunos a participarem das descobertas e dos desafios atuais (Piletti, 1991).

4.5. A Ludicidade e Afetividade como Caminho para Aprendizagem

A educação inclusiva é baseada em um estudo aprofundado dos métodos educacionais clássicos e modernos. Portanto, as sugestões pedagógicas buscam melhorar a qualidade cognitiva e a qualidade social dos alunos, e objetivam realizar um treinamento integral por meio de atitudes emocionais. A educação inclusiva enfatiza todos os aspectos da vida em grupo e o papel dos indivíduos nas mudanças éticas, históricas e políticas sociais contemporâneas. Além disso, destaca-se também a formação da identidade pessoal, o que contribui diretamente para o exercício da cidadania.

“As relações de mediação feita pelo professor, durante as atividades pedagógicas, devem ser sempre permeadas por sentimentos de acolhimento, simpatia, respeito e apreciação, além de compreensão, aceitação e valorização do outro; tais sentimentos não só marcam a relação do aluno com o objeto de conhecimento, como também afetam a sua autoimagem, favorecendo a autonomia e fortalecendo a confiança em suas capacidades e decisões”. (Leite; Tassoni, 2002, p. 20)

Em seguida, os alunos desenvolvem suas competências e habilidades em um ambiente acolhedor, o que aumenta sua força e os torna conscientes de suas limitações e obrigações como cidadãos. Grande parte da preparação de crianças e adolescentes para o futuro está relacionada à educação emocional - afetiva, ou seja, ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Por sua vez, Wallon (1978), apontou que as crianças entram no mundo do simbolismo por meio de expressões emocionais, que permeiam o intermediário estabelecido entre as crianças e os adultos ao seu redor. Acredita que a emoção é a fonte do conhecimento.

Nesta perspectiva de habilidades socioemocionais, podemos citar a BNCC é uma política pública que define os direitos de aprendizagem de todos os alunos do Brasil, da educação infantil ao ensino médio. Para orientar o trabalho de escolas e professores em cada etapa do ensino, a BNCC tem como pilares 10 competências gerais que vão além do conhecimento cognitivo (conhecimento pautado por componentes curriculares como português e matemática). A habilidade geral aponta para as necessidades de desenvolvimento geral dos alunos.

De acordo com a definição da BNCC, competência é “mobilizar conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (prática, cognição e emoções sociais), atividades e valores para resolver as necessidades complexas da vida diária e exercer plenamente a consciência cívica e o mundo do trabalho.”

A recomendação da BNCC é colocar intencionalidade no desenvolvimento dessas habilidades. É importante ressaltar que uma instituição de ensino não é apenas um lugar dedicado a expor o conhecimento, mas também um lugar de construção de uma pessoa, que chamamos de lugar de desenvolvimento global. Na prática, isso significa que o aluno deve utilizar seus conhecimentos para lidar com o cotidiano, sempre respeitando princípios universais como ética, direitos humanos, justiça social e sustentabilidade ambiental.

Essas habilidades são projetadas para cultivar a capacidade dos cidadãos de resolver problemas, trabalhar em equipes, argumentar, defender suas opiniões, respeitar os outros e se tornar cada vez mais críticos. Portanto, podemos classificar as habilidades em aspectos cognitivos, emocionais, sociais e morais para que possamos trabalhar juntos na sala de aula e na família.

Habilidades cognitivas referem-se à capacidade de entender ideias e aplicá-las ao mundo. Eles envolvem as técnicas motoras das crianças e sua percepção da realidade. O exercício da curiosidade para compreender problemas e propor soluções, bem como a capacidade de ouvir tarefas e planos nas diferentes fases, são competências cognitivas.

Habilidades emocionais referem-se a formas de processar, reconhecer e nomear sentimentos e emoções. Cada pessoa tem diferentes formas de compreensão e reações emocionais, por exemplo, uma pessoa congela em certas situações de medo, enquanto outras podem enfrentar situações semelhantes. Para uma pessoa, a resposta do corpo às emoções nem sempre é previsível. Portanto, é importante saber reconhecê-los e entender como eles

afetam seu comportamento. Esse tipo de prática de autoconhecimento pode começar na infância, seja no ambiente doméstico ou escolar.

Habilidades sociais referem-se à capacidade de compreender, compreender e gerenciar regras, funções e convenções sociais e saber como responder ao estado emocional do outro de maneira emocionalmente saudável. Isso pode ser chamado de empatia. Por exemplo, o comportamento mais apropriado em um clube de bilhar é diferente do comportamento mais apropriado em uma reunião. É importante que os jovens entendam desde cedo que o respeito a certas normas ambientais está sempre relacionado com uma boa convivência, não apenas imposta.

A socialização e a criatividade se destacam porque garantem um bom relacionamento entre as pessoas do jogo, citado acima, e as pessoas perante a sociedade. Por meio desses objetivos, os alunos criam seu próprio mundo de fantasia e os orientam para se conhecerem. Como os brinquedos são itens que têm papel fundamental na vida das crianças, isso faz com que o trabalho docente possa estimular os sentimentos das crianças, e é por meio dele que os alunos vão mostrar seus sentimentos e necessidades. Logo, os educadores devem incluir atividades interessantes relacionadas ao desenvolvimento global dos alunos em seus projetos educacionais, para que possam compreender seu verdadeiro valor na sociedade.

A BNCC é um passo importante para o Brasil melhorar a qualidade da educação, estabelece um marco importante no desenvolvimento social e orienta a composição das sugestões pedagógicas. O desenvolvimento de habilidades socioemocionais na educação faz parte da proposta da BNCC. Como vimos, os professores podem exercê-los sob a cooperação e coordenação da família de diferentes formas no ambiente escolar.

É tarefa do educador assegurar o fornecimento de atividades lúdicas satisfatórias para ajudar a criança a guiar suas próprias emoções para canais construtivos e para adquirir habilidades eficazes. Hillal (1985), afirma que a educação afetiva deve caminhar passo a passo com a educação intelectual, visando sempre a educação integral. Ela considera que nenhuma atividade infantil deve ser realizada sem que haja o devido respeito pela utilização da afetividade.

Hoffmann (2011), mostra qual o significado de respeitar a criança:

“Respeitar a criança é não limitar suas oportunidades de descoberta, é conhecê-la verdadeiramente para proporcionar-lhe experiências de vida ricas e desafiadoras, é procurar não fazer por ela, auxiliando-a a encontrar meios de fazer o que quer, é deixá-la ser criança.

Respeitá-la é oferecer-lhe um ambiente livre de tensões, de pressões, de limites às suas manifestações, deixando-a expressar-se da maneira que lhe convém e buscando entender o significado de todas as suas ações”. (Hoffmann, 2011, p.13)

Desse modo, a criança adquire as habilidades essenciais para sua sobrevivência na interação afetiva com as pessoas de seu contexto sociocultural, demonstrando assim, a importância da afetividade na aprendizagem. Assim como em um ambiente familiar, os alunos devem ter um lugar seguro na escola, sentir-se amados, confiáveis, não julgados, ter sentimentos, ganhar empatia e ter seu desenvolvimento pessoal respeitado.

4.6. Possíveis Contribuições

Por meio de um relacionamento seguro e afetivo com a escola, os alunos com necessidades educacionais especiais na educação infantil, podem desenvolver autoconfiança e autoestima, além de desenvolverem conhecimentos cognitivos puros. Como instituição de ensino, as escolas não devem se concentrar apenas no trabalho dos conteúdos das disciplinas, mas também no desenvolvimento humano.

De acordo com a pesquisa dos autores Roberts (et al 2002) e Pacileo (2020), nos indicam, cientificamente, que a inteligência emocional contribui para o processo de aprendizagem, portanto, as emoções podem não apenas fortalecer o relacionamento consigo mesmo e com os outros, mas também construir um futuro profissional promissor. As habilidades sociais e emocionais que norteiam toda a formação são as mesmas exigidas pelo mercado de trabalho atual, que requer profissionais emocionalmente equilibrados para se prepararem para os desafios do dia a dia. Sendo assim podemos concluir que:

“É por meio do amor que se obtém a saúde mental e emocional. É em razão do amor que sabemos se somos felizes ou não. É por sua ação que nossos alunos são encorajados a romperem seus limites em voos mais altos e a respeitarem voluntariamente os limites estabelecidos para sua disciplina e aprendizagem”. (Cunha, 2008, p. 16).

A autonomia ampliada no ambiente escolar reflete um compromisso com a aprendizagem, tornando os alunos conscientes de suas limitações inerentes e geralmente atribuindo importância à aprendizagem. Além disso, esse compromisso com as atividades escolares evita situações desconfortáveis entre alunos e responsáveis e mantém a continuidade do aprendizado fora da escola, longe de traumas, como fazer a lição de casa e se preparar para as avaliações.

O foco no compromisso cultivado por meio das atividades escolares ajuda os alunos a dar sentido às suas tarefas no futuro. Quer seja no trabalho, na participação da família ou nas

necessidades de aprendizagem do ensino superior, os alunos de pedagogia emocional reconhecem o valor de participar de atividades depois que crescem. Portanto, como indivíduos, os alunos estão prontos para se tornarem ótimos pais, excelentes pesquisadores e excelentes profissionais.

Nessa perspectiva, pensar, refletir, aprender e esquecer o conceito de mudança são essenciais. Na formação de profissionais na área da educação inclusiva e da psicoeducação, deve haver temas como formação humanística, identidade, heterossexualidade, educação múltipla e diversidade. Pensar em promover a integração de conceitos e práticas em torno da discussão inclusiva é considerar a possível contribuição da psicopedagogia para a necessária revisão do paradigma, que se expressa como preocupação no processo de busca pela ampliação do conhecimento e da prática.

Desse modo, a cooperação entre professor e aluno em favor da construção do conhecimento deve ocorrer naturalmente quando há um objeto em comum, e o caminho para alcançá-lo se torne mais tranquilo quando os sujeitos estão em sintonia, envolvidos com respeito, compreensão e carinho, assim a aprendizagem será feita de uma forma afetiva, pois, “as ações, tanto do professor quanto do aluno, não são ações isoladas, mas convergentes entre si, onde as discussões e trocas colaboram ou não para que se alcance os objetivos desejados”. (Tassoni, 2000, p. 24).

É importante ainda ter em mente que o desenvolvimento afetivo faz desenvolver as emoções e é sua expressão externa, que começa na infância e progride ao longo da adolescência. Ele engloba a consciência e o discernimento das emoções de si e as dos outros, a capacidade de conectar emoções com as dos outros, demonstrar emoção e gerenciar as próprias emoções (Goleman, 1999). Pela perspectiva desse modelo teórico e aplicadas às atividades realizadas durante o projeto, pode-se dizer que os alunos puderam experimentar as emoções em três componentes: sentimento, cognição e comportamento. O ato de sentir foi a sensação fisiológica experimentada; a cognição relacionou pensamentos subjetivos para acompanhar a sensação; e o comportamento inclui uma variedade de ações, como exibição facial e posicionamento corporal, relacionadas aos sentimentos e pensamentos.

Os professores desempenham o papel de mediadores no processo educativo, por isso é necessário compreender o desenvolvimento psicológico das crianças e, posteriormente, as suas necessidades. As pessoas precisam vivenciar suas emoções e, para isso, é necessário despertar o potencial de todos. É importante proporcionar uma relação pedagógica interativa

entre professores e alunos, e estabelecer um clima de confiança e segurança entre os sujeitos da educação, ou seja, uma relação dialógica de respeito, amizade, apreço, incentivo e participação para promover a aprendizagem.

Mesmo que existam diferenças entre os alunos com deficiência, quando eles têm boa autoestima, eles terão motivação para aprender, e precisam de ações planejadas, treinamento teórico e sensibilidade para cada participante. Quando a autoestima de um aluno é negativa, ela pode ser recuperada a qualquer momento durante o processo de treinamento. Os educadores precisam ter um olhar atento para fortalecê-la quando necessário. Esta pesquisa procura mostrar que um ambiente de confiança e respeito mútuo, proporcionado pela valorização da emoção e da autoestima, cria condições favoráveis para a aprendizagem.

No contexto da educação especial, mais discussões e medidas são necessárias para remover as barreiras existentes entre as várias fases do processo de educação escolar. Incluir alunos com deficiência nas escolas não é apenas promover sua integração em atividades sociais com outras crianças, mas não interagir uns com os outros, aceitando plenamente as diferenças para melhorar sua autoimagem e autoestima.

Segundo Libâneo (1994), o ensino é parte integrante de um processo de educação mais global, por meio do qual os membros da sociedade se preparam para participar da vida social. Com essas palavras, Libâneo esclareceu o importante e imprescindível papel do professor na inserção de todos na formação e na construção social. Os educadores devem assumir um compromisso maior e fundamental com a sociedade e cultivar os alunos para que se tornem cidadãos ativos, críticos, reflexivos e participantes da vida social.

O professor no processo de ensino e aprendizagem é uma ponte intermediária entre os alunos formados e seu meio social, pois orienta seus alunos na vida social por meio de orientações, conteúdos e métodos. Sendo a educação um fenômeno social necessário à existência e ao funcionamento de toda a sociedade, os professores precisam de habilidades técnicas e teóricas para transmitir esse conhecimento em todos os momentos, o que é essencial para a manutenção e o progresso social.

O processo educacional, especialmente os objetivos de ensino, o conteúdo do ensino e o trabalho dos professores, são todos governados por uma série de requisitos sociais, e os requisitos sociais da educação são os vários componentes do ensino que atendem plenamente às suas ansiedades e necessidades. No entanto, a prática educativa não se limita às necessidades da vida social, mas inclui também o processo de promoção de indivíduos com

conhecimentos e experiências culturais para que possam atuar no meio social e transformá-los de acordo com as carências econômicas, sociais e políticas, coletivo (Libâneo, 1994 p.17). Os professores devem treinar para a emancipação pessoal, reflexão, criticidade e desempenho social, não para submissão ou autoindulgência.

Dessa forma, podemos concluir que o sucesso na educação de todas as crianças, inclusive das crianças com deficiência grave, requer professores e sua formação profissional, pois são eles que atuam diretamente com os alunos em sala de aula. Deve ser propício ao estabelecimento de interação social voltada para a aprendizagem dessas disciplinas, para que as ações que vêm sendo realizadas em prol da inclusão e os objetivos estabelecidos pela política educacional possam alcançar o sucesso esperado. Portanto, as questões de treinamento de professores precisam ser discutidas extensivamente, incluindo educação especial e treinamento de professores de educação geral. A dicotomia que se estabelece entre a educação especial e a educação geral acaba por refletir a formação dos professores e seu comportamento no ambiente escolar (Oliveira, 2008, p. 168).

PARTE II – Enquadramento Prático

CAPÍTULO 1

Metodologia e Procedimentos

"A tarefa essencial do professor é despertar a alegria de trabalhar e de conhecer".

Albert Einstein

Neste tópico apresentaremos as especificidades desta pesquisa, bem como, o referencial teórico metodológico que utilizaremos para a análise de dados.

1.1. Caracterização do Caso

Considerando que a educação infantil, é a primeira etapa da educação básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Ao contrário de outros níveis de ensino, não existe um currículo formal para a educação infantil.

Seguindo desta forma desde 1998, o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil se equipara aos parâmetros curriculares nacionais de apoio às demais vertentes da educação básica. De acordo com os materiais de referência, o papel da educação infantil é cuidar das crianças nos espaços formais, incluindo alimentação, limpeza e lazer (brincadeira). A educação também tem como responsabilidade, sempre respeitar a diversão das atividades e valorizar o desenvolvimento integral das crianças, considerando todos os aspectos afetivos e emocionais da criança.

Este trabalho visa analisar como se dá a conexão dos professores da Educação Infantil e quais as relações de afetividade existem com os alunos que possuem necessidades educacionais especiais, e compreender como os vínculos afetivos estão sendo construídos no processo de ensino aprendizagem da alfabetização entre estes estudantes e os profissionais da Ed. Infantil.

O objetivo desse tipo de pesquisa é encontrar padrões, ideias ou hipóteses, não é testar ou confirmar uma dada hipótese, mas fazer uma descoberta. A técnica de entrevistas é bastante utilizada e nos permite fazer uma análise dos resultados obtidos, fornecendo dados qualitativos e quantitativos, embasando a elaboração de técnicas de aprendizagem ou melhoramento das já existentes.

1.2. Caracterização da Investigação e Objetivos

A pesquisa exploratória avaliará quais teorias ou conceitos existentes podem ser aplicados a um problema particular, ou se novas teorias e conceitos devem ser desenvolvidos.

Aspectos que caracterizam o trabalho incluem: o uso de técnicas relacionadas a métodos exploratórios, como as entrevistas e observações dos seus resultados; a interação contínua entre o pesquisador e o objeto de pesquisa, sendo o pesquisador a principal ferramenta de coleta e análise de dados; a ênfase no processo e não o produto ou resultado final; atenção ao significado e viagens de campo. Esses aspectos são adotados neste trabalho porque buscamos compreender o processo de alfabetização em contexto e analisar como essas práticas ocorrem.

Além de estudar as concepções de diferentes autores sobre o tema, também realizamos uma análise de pesquisa acadêmica sobre o tema de pesquisa, que apareceu na primeira parte deste artigo. O uso de diferentes fontes visa facilitar a análise comparativa dos dados coletados, pois a comparação é a base dos dados, dos métodos e da triangulação teórica (GREEN, ET AL, 2005).

1.3. Caracterização da População-Alvo

O presente trabalho tem como alvo de investigação docentes que lecionam na Educação Infantil, no processo de alfabetização com experiência na vivência com alunos com necessidades educacionais especiais. A fim de identificar potencialidades e desenvolver estratégias para promover o trabalho sócio afetivo nas salas de aulas.

1.4. Opções Metodológicas

Para realizar esta pesquisa e buscar atingir os objetivos propostos, foi realizado o processo de entrevista, de caráter exploratório e estudos bibliográficos. A entrevista exploratória pode ser conduzida usando uma variedade de técnicas, geralmente usando pequenos grupos de pessoas, permitindo aos pesquisadores definir com mais precisão suas questões de pesquisa e formular suas hipóteses. Também permite que ele escolha a tecnologia mais adequada para sua realização e determine as necessidades, preste atenção e investigue os problemas detalhadamente, verificando as dificuldades, sensibilidades e áreas de resistência que pode encontrar.

Um estudo pode ser considerado exploratório quando envolve levantamentos bibliográficos, entrevistas com pessoas que têm experiência prática com a questão de pesquisa

e exemplos analíticos que promovem o entendimento. A pesquisa exploratória visa fornecer uma visão geral de um dado fato de tipo geral.

Sendo assim, percebendo que através da nossa motivação de compreender o contexto de afetividade na Educação Infantil com alunos com necessidades educacionais especiais, através de uma pesquisa bibliográfica e uma entrevista aplicada a professores deste segmento, podemos perceber que na pesquisa exploratória, esses dados de fundo são a base para a compreensão do fenômeno sob investigação, mostrando que não é neutro, mas está relacionado a uma política mais ampla e à formação de professores.

1.5. Técnicas de Recolhas de Dados

Levando em consideração a natureza dos objetivos a serem alcançados, este estudo tem levado à aplicação de métodos de investigação qualitativa, pois coloca maior ênfase na descrição e compreensão dos fenômenos sociais por meio da interpretação de seu significado.

Com base no contexto da nossa investigação, estabelecemos os seguintes objetivos:

- Analisar o trabalho sócio afetivo entre os docentes;
- Avaliar as técnicas de inclusão que estes professores desenvolvem em sala de aula;
- Compreender como é que os professores constroem os vínculos afetivos durante a aprendizagem;
- Observar as contribuições que as relações sócio afetivas podem desenvolver.

Com base nesses objetivos, formulou-se a questão central desta pesquisa:

- Como funciona o aspecto afetivo na E. Infantil, qual a sua relevância e contribuição na aprendizagem das crianças com necessidades especiais e como esse processo de inclusão acontece?

A característica da pesquisa qualitativa é exploratória, pois permite ao entrevistador se familiarizar e compreender melhor a realidade que vivencia no ambiente de trabalho. Portanto, levando em consideração as medidas preventivas da Covid 19, 32 professores participaram desta entrevista remotamente, usando questões abertas e de múltipla escolha e respostas rápidas.

O primeiro método e procedimento utilizado para a coleta de dados é a entrevista, que visa compreender os métodos de ensino utilizados por professores para alunos com

necessidades educacionais especiais e inclui três partes: reconhecimento social, formação de professores, métodos utilizados e tratamento desses alunos.

No presente estudo foi utilizado um instrumento de recolha de dados: as entrevistas, através do qual foi utilizado um guião com 15 questões, para, ao final, analisarmos os resultados.

2º CAPÍTULO

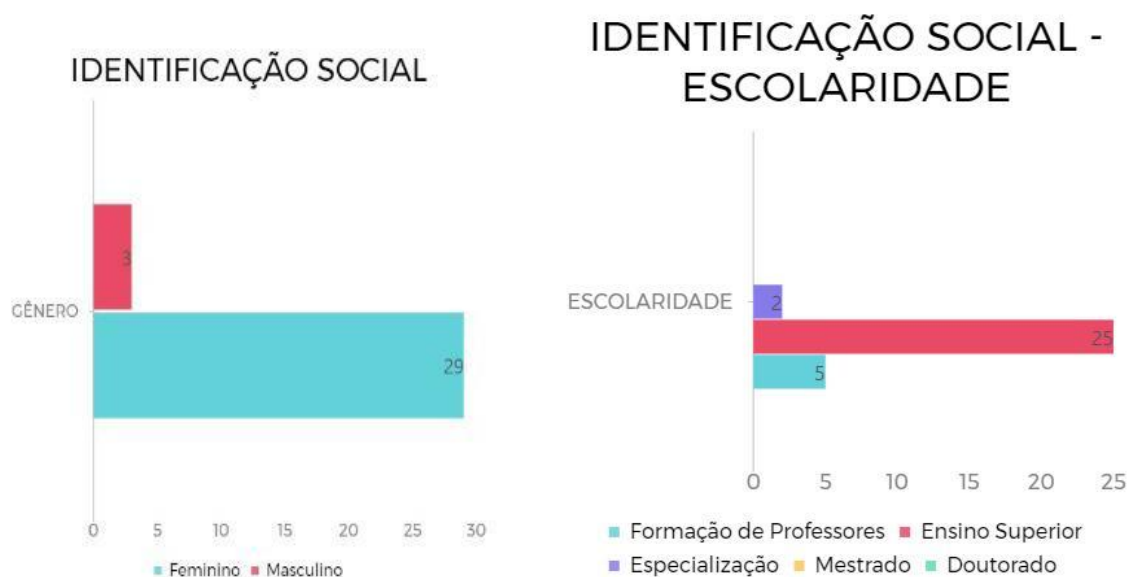
Análise dos Resultados

Este capítulo visa analisar as respostas dos entrevistados, a fim de compreender como se desenvolvem as relações afetivas em sala de aula e como isso pode contribuir no processo de alfabetização da Educação Infantil, levando em consideração os estudantes com Necessidades Educacionais Especiais. Vale ressaltar que os critérios de escolha para investigação foi encontrar professores que vivenciam a prática inclusiva com experiência na alfabetização e que desenvolvessem um trabalho diferenciado na mesma, sendo um dos critérios estabelecidos para esta pesquisa.

2.1 Análise Dos Resultados

2.1.1 Identificação Social

Figura 1 - Identificação Social - Entrevista



Fonte: Elaborador, (2021).

Contribuíram para a realização desta entrevista: 32 profissionais da área da Educação atuantes na Educação Infantil, sendo assim, no gráfico acima, podemos compreender que dos 32 professores colaboradores, 3 deles são do gênero masculino e 29 do gênero feminino, com variação de idade entre os 26 anos a 60 anos.

No gráfico 2, podemos observar que dos 32 professores, 2 possuem especialização, uma é em Alfabetização e o outro profissional é especializado na Área de Gestão Escolar, dos 25 professores graduados, todos eles possuem Pedagogia e apenas 5 deles possuem Formação de Professores – Ensino Médio - Técnico. Em relação ao tempo de experiência vivida com

estudantes com Necessidades Educacionais Especiais, os resultados variam entre 10 anos a 6 anos de atuação.

2.2. Atuação Pedagógica

Este tópico visa compreender as estratégias e os procedimentos que os professores entrevistados e a escola onde atuam realizam no processo de alfabetização dos estudantes, sendo assim foi proposto 15 perguntas relacionadas às atividades práticas e pedagógicas a fim de obter dados para a construção de nossa triangulação.

Considerando que o tema principal a ser pesquisado neste trabalho, na prática pode ter diferentes concepções e reflexões dos profissionais, foi realizado um guião que visa compreender e traduzir informações de práticas diárias, como é a relação afetiva dos professores da Educação Infantil em relação aos alunos com Necessidades Educacionais Especiais e o que eles consideram em relação a isso. A primeira etapa do trabalho é constituída pela identificação social e a segunda etapa possui as 15 questões referentes ao que foi estudado na revisão teórica e o que pretendo traduzir com os resultados.

Sendo assim, a **primeira questão** do questionário visa compreender quais as metodologias de ensino que se destacam na unidade escolar do professor entrevistado, uma vez que é a metodologia que dita a relação professor e aluno em sala de aula. Portanto, vale ressaltar que os métodos de ensino incluem todos os modelos utilizados pelos educadores para que os alunos possam desenvolver e ampliar seus conhecimentos, por isso a curiosidade de analisar a metodologia predominante nas escolas.

A **segunda questão** visa assimilar quais são as estratégias que os professores realizam ao receber um aluno com necessidades educacionais especiais, uma vez que, diante do referencial teórico, acolher uma criança com alegria, entusiasmo e afetividade fortalece os vínculos favorecendo a confiança e aprendizagem dos alunos. Desta forma, seguindo para a **terceira questão**, através da qual buscamos identificar quais procedimentos os profissionais da Educação Infantil utilizam para a interação sócio afetiva do estudante com a turma.

A **quarta questão** pretende entender o quanto que estes profissionais consideram a relação afetiva em sala de aula, pois apesar de ser uma teoria bastante difundida por grandes autores como Piaget, Vygotsky e Wallon, pode ocorrer dela sofrer falsas interpretações, uma vez que ter relação afetiva com um estudante não é o proteger de todos os erros, desgostos e

frustrações que podem acontecer em sala de aula, mas sim demonstrar confiança suficiente para o estudante reconhecer o professor como mediador de seu conhecimento.

A **quinta questão** visa compreender como está o processo de acessibilidade do espaço escolar, considerando que uma estrutura adequada também favorece as questões sócio afetivas, emocionais e intelectuais de todos que compõem tal ambiente. Diante deste fato, a **sexta questão** visa compreender o que estes profissionais consideram importantes de desenvolvimento dentro de uma sala de Educação Infantil, com base no tema de alfabetização e letramento.

Nas **questões 7º e 8º**, procuramos saber o que estes profissionais utilizam de recursos e estratégias para que o processo de alfabetização e letramento desses alunos sejam eficazes e significativos, considerando os recursos de Tecnologia Assistivas que, muitas das vezes, favorece a aprendizagem de diversas necessidades educativas.

Na **questão nove**, procuramos compreender qual a relação que os entrevistados têm com a família do estudante, uma vez que diversos autores relatam a importância da parceria e da participação da família na escola. Levando em consideração que não é somente a parceria da família que promove o ensino de um estudante, há vários elementos que fundamentam este processo. Ainda nessa questão, buscamos analisar as porcentagens em que os responsáveis destas crianças estão presentes na escola. A **questão dez** foi elaborada, a fim de assimilar quais as dificuldades que ainda estão presentes no contexto escolar.

A **questão onze** busca interpretar em que medida a grade curricular, o ambiente social e a estrutura organizacional da escola atendem às necessidades dos alunos, e na **questão doze**, considerando o tempo de experiência de cada professor, buscamos analisar o que estes profissionais consideram importantes em um contexto escolar inclusivo para aprendizagem eficiente de um aluno com necessidades educativas especiais. Na **questão quatorze**, de forma direta, buscamos avaliar o que estes profissionais consideram, na perspectiva do ensino afetivo na alfabetização, para ser base fundamental nas construções de sujeitos críticos e afetivos na sociedade.

De forma resumida, com os objetivos de cada questionário, fica evidente que a principal finalidade da pesquisa é analisar as práticas que estes profissionais optaram por seguir para realizar a alfabetização e letramento para os alunos com necessidades educacionais especiais, e o quanto as relações de afetividade aparecem em suas respostas, a

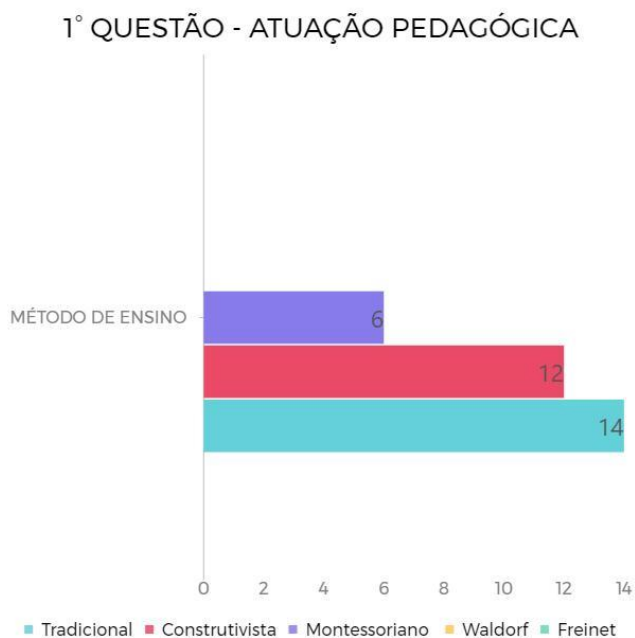
fim de produzir uma triangulação com a pesquisa da fundamentação teórica e análise de dados do questionário.

1º QUESTÃO

- Qual é o método de ensino da escola onde você atua?

Opções para escolha: Tradicional - Construtivista – Montessoriano – Waldorf – Freinet

Figura 2 – Resultado da 1º questão.



Fonte: Elaborador, (2021).

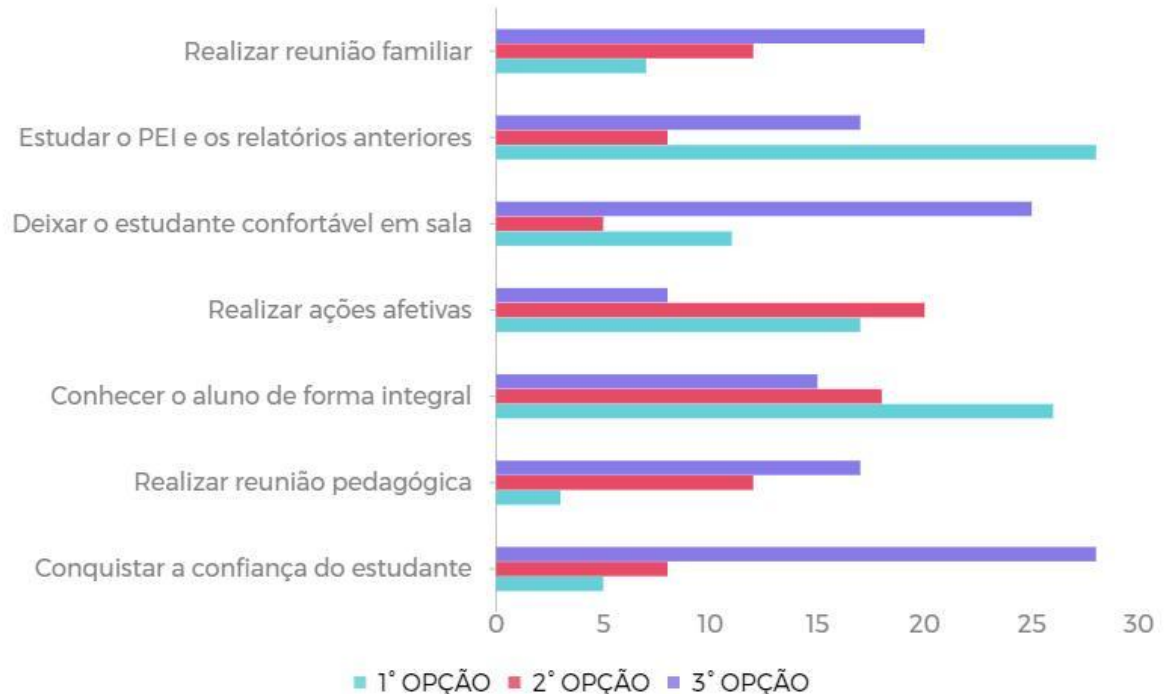
Com base nos resultados desta questão, é possível perceber que o método de ensino mais utilizado é o método tradicional, o segundo é o construtivista e o terceiro é o montessoriano.

2º QUESTÃO

- Ao receber um aluno com Necessidades Educacionais Especiais quais são as primeiras intervenções que você faz?

Figura 3 – Resultado da 2º questão.

2° QUESTÃO - INTERVENÇÕES COM ESTUDANTES COM NEE



Fonte: Elaborador, (2021)

Com o resultado do gráfico acima, é possível perceber que os professores utilizam como estratégias ganhar a confiança do estudante, e assim estudar os documentos que contém o desenvolvimento social, motor e afetivo do mesmo como os relatórios de ensino e multidisciplinar e o PEI, caso o estudante for transferido de escola, para que assim possa realizar uma reunião pedagógica com a família para traçar estratégias, ficando em segundo plano os processos de ações afetivas.

3° QUESTÃO

- **Quais procedimentos você utiliza para interação do estudante com os demais alunos?**

Figura 4 – Resultado da 3° questão.

3° QUESTÃO - PROCEDIMENTOS DE INTERAÇÃO



Fonte: Elaborador, (2021).

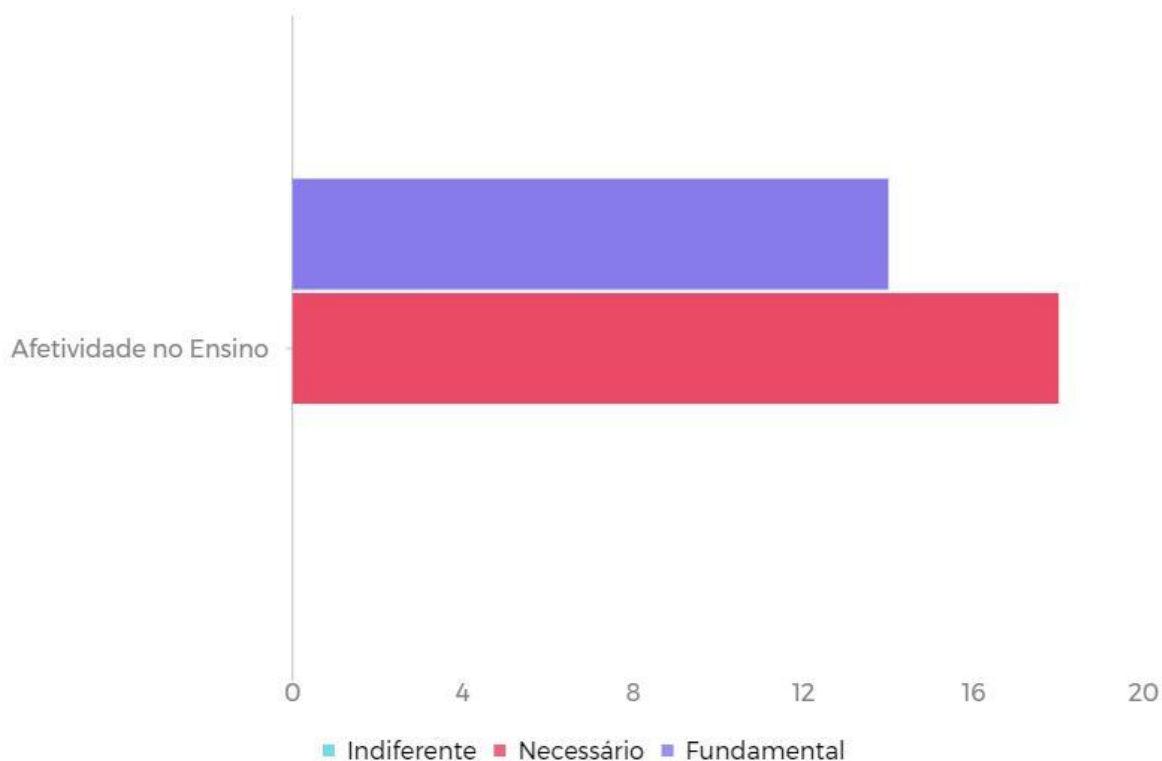
Com o resultado da 3ª questão, podemos analisar que os procedimentos de interação que os professores utilizam são as brincadeiras e as atividades que valorizam a diversidade, podemos considerar que a afetividade está também relacionada com as brincadeiras, porém o ensino afetivo é além do que somente as brincadeiras, está relacionado a toda rotina escolar do estudante, sendo assim podemos perceber uma ausência muito grande dos procedimentos afetivos no resultado na nossa pesquisa.

4° QUESTÃO

• **Como você classifica a importância da afetividade no processo de ensino dos alunos com NEE?**

Figura 5 – Resultado da 4ª questão.

4° QUESTÃO - IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE



Fonte: Elaborador, (2021).

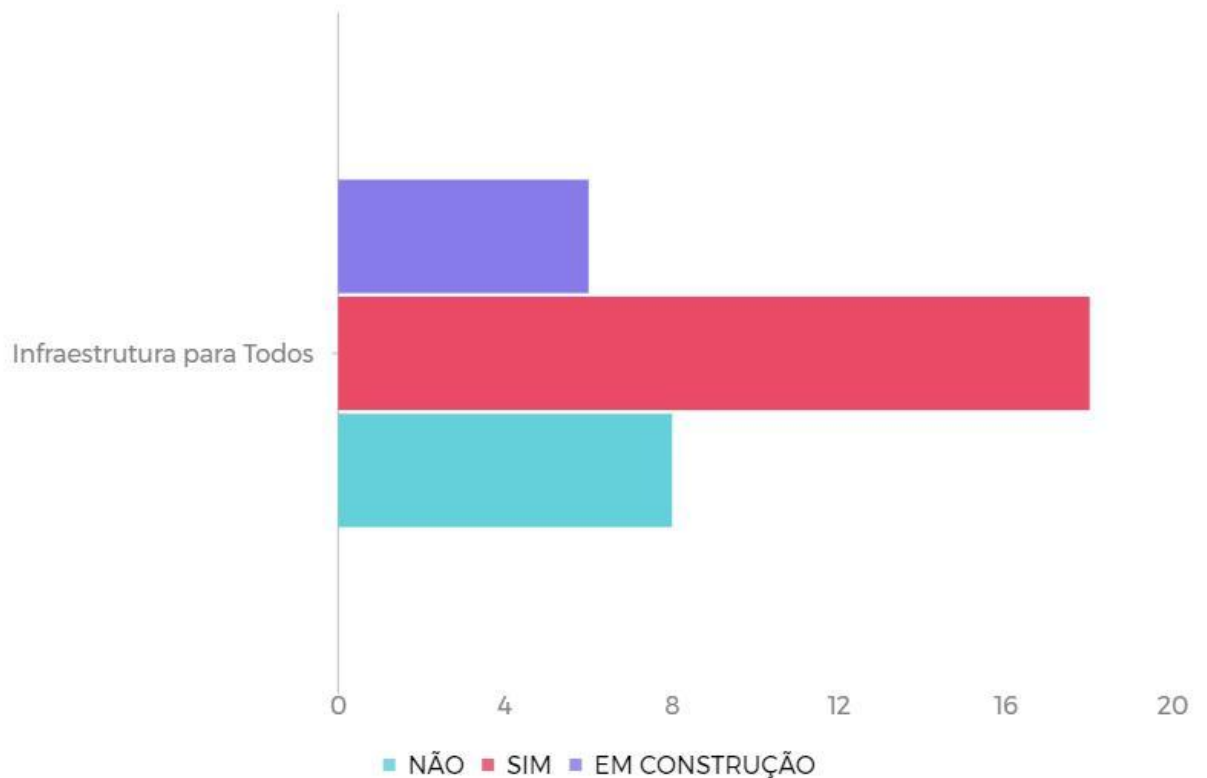
Podemos perceber através dos resultados mostrados nesta questão, que os professores consideram que a afetividade é necessária no ambiente escolar, mas podemos notar pouco conhecimento acerca da teoria da afetividade.

5° QUESTÃO

• **Alguns autores relatam a importância da infraestrutura quando falamos de aprendizado significativo, e ela se torna mais importante quando falamos de acessibilidade aos alunos com NEE, sendo assim você considera o espaço escolar onde você atua adequado para o processo de ensino efetivo de todos os estudantes?**

Figura 6 – Resultado da 5° questão.

5° QUESTÃO - INFRAESTRUTURA



Fonte: Elaborador, (2021).

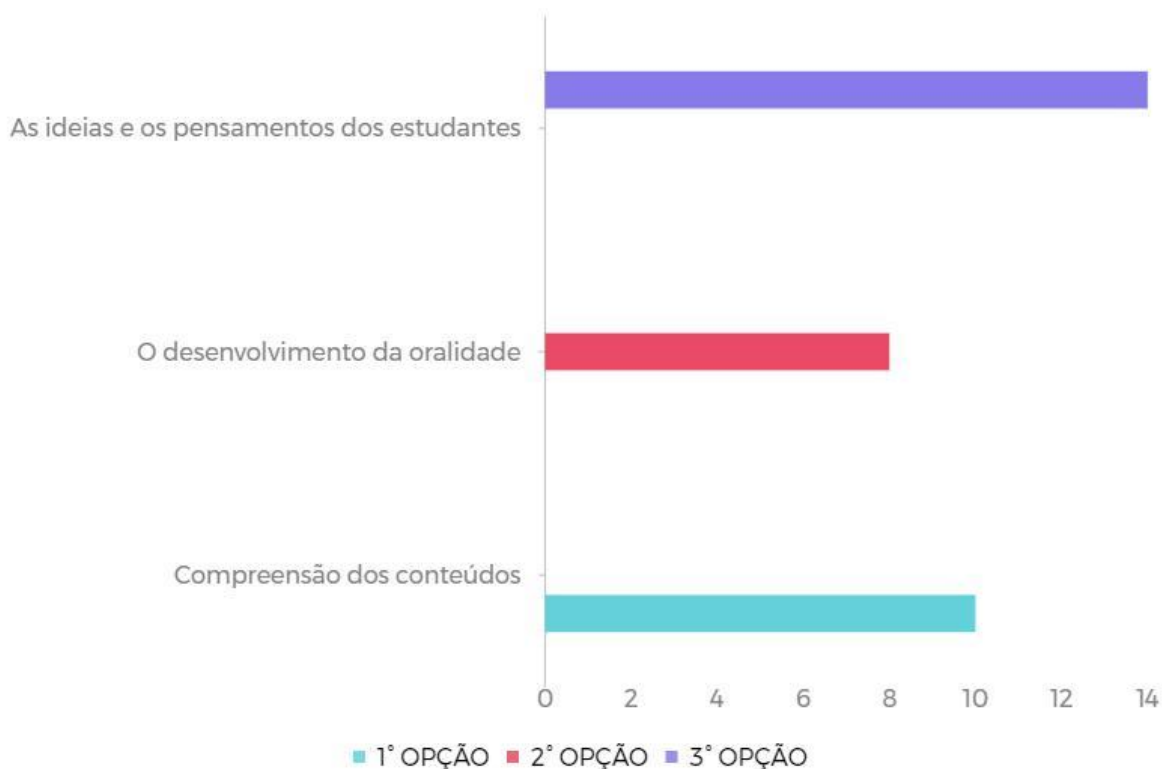
Podemos perceber que os professores entrevistados têm consciência em relação a importância da infraestrutura no ensino de aprendizagem de todos os estudantes, um outro elemento que nos faz perceber que a questão da acessibilidade está sendo levada a sério e quando observamos que há escolas em que está no processo de construção para o desenvolvimento de ambientes inclusivos e adaptados.

6° QUESTÃO

• **Na sua visão, quais são os aspectos mais importantes no processo de alfabetização e letramento na Educação Infantil?**

Figura 7 – Resultado da 6° questão.

6° QUESTÃO - ASPECTOS IMPORTANTES



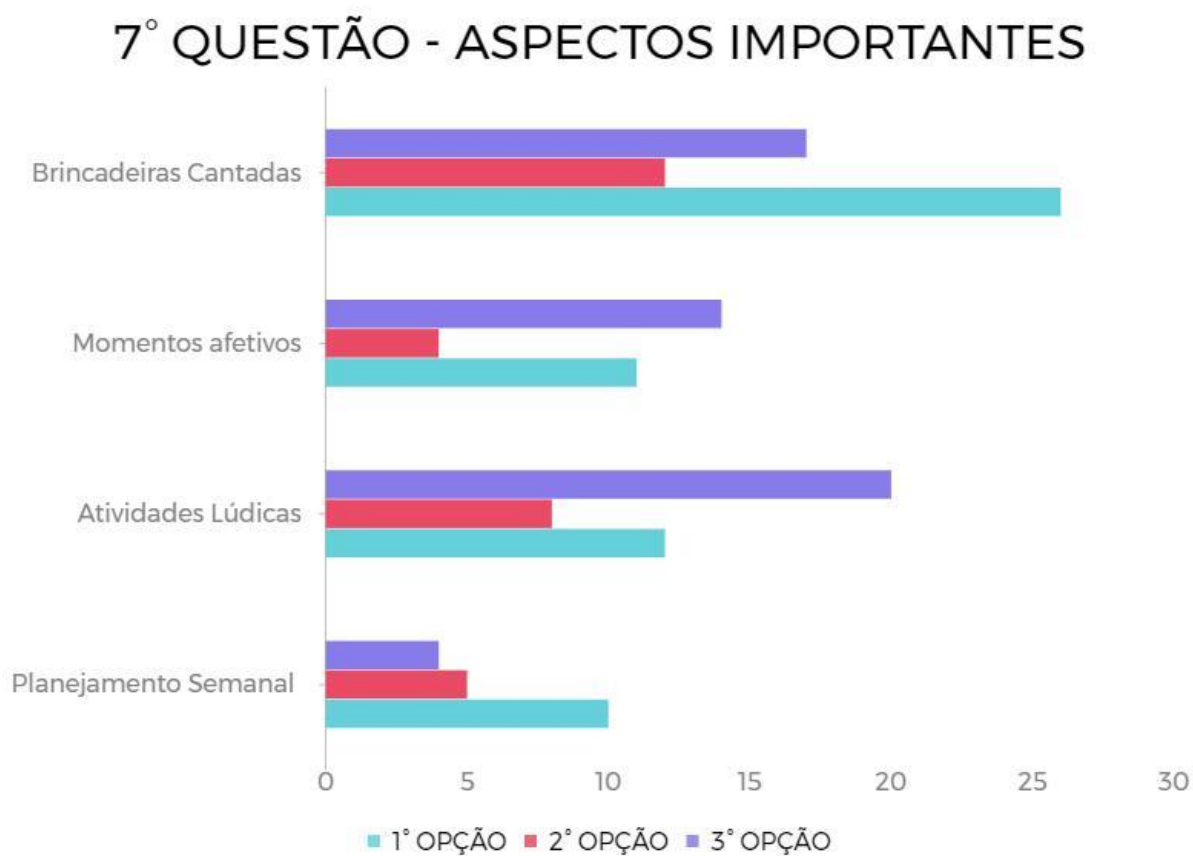
Fonte: Elaborador, (2021).

Em relação com os processos de afetividade, percebemos que os professores mantêm âmbito de relação, uma vez que eles consideram os elementos importantes as questões de pensamentos e ideias que surgem no ambiente escolar, valorizando o eu da criança.

7° QUESTÃO

- **O que é feito para oferecer uma aprendizagem significativa aos estudantes com necessidades educacionais especiais?**

Figura 8 – Resultado da 7ª questão.



Fonte: Elaborador, (2021).

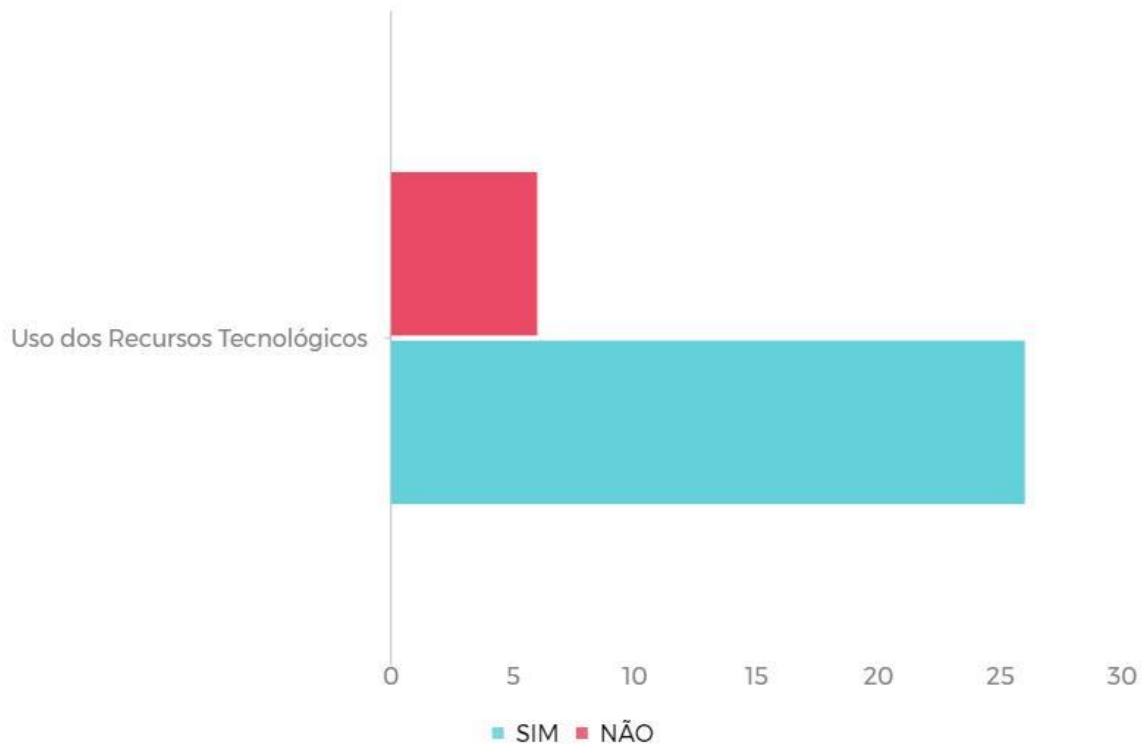
Percebemos que os professores em seu planejamento, buscaram realizar atividades lúdicas que envolvem todos os alunos, considerando também os momentos afetivos que as brincadeiras lúdicas podem oferecer.

8ª QUESTÃO

• **Já trabalhou com alguma Tecnologia Assistiva que visa facilitar o ensino e a aprendizagem do estudante?**

Figura 9 – Resultado da 8ª questão.

8° QUESTÃO - TECNOLOGIA ASSISTIVA



Fonte: Elaborador, (2021).

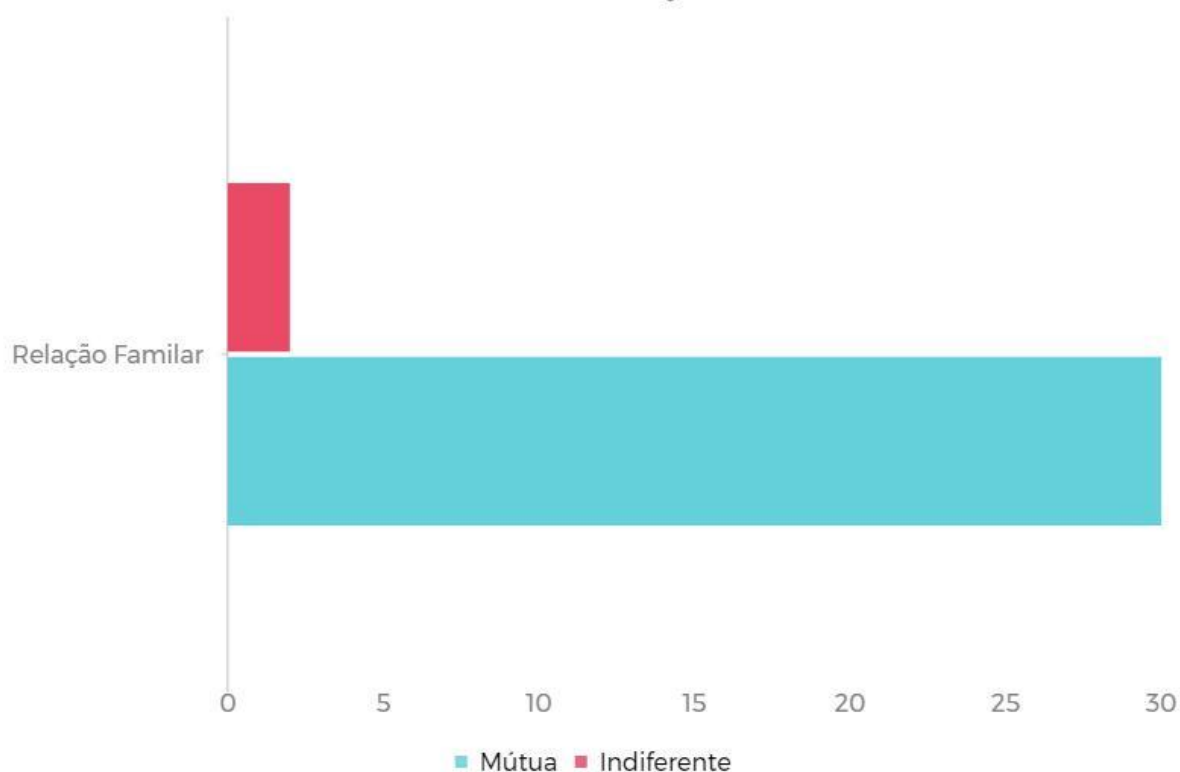
O uso das tecnologias assistivas em tempos de Pandemia avançou de modo surpreendente, os professores se inovaram e o processo de aprendizagem também, alunos estão mais tecnológicos, mas diante da nossa pesquisa teórica nos perguntamos se a consideração destas tecnologias estão sendo caracterizadas de forma correta.

9° QUESTÃO

- **Como é a relação da família no processo de aprendizagem do aluno com NEE?**

Figura 10 – Resultado da 9° questão

9° QUESTÃO - RELAÇÃO FAMILIAR



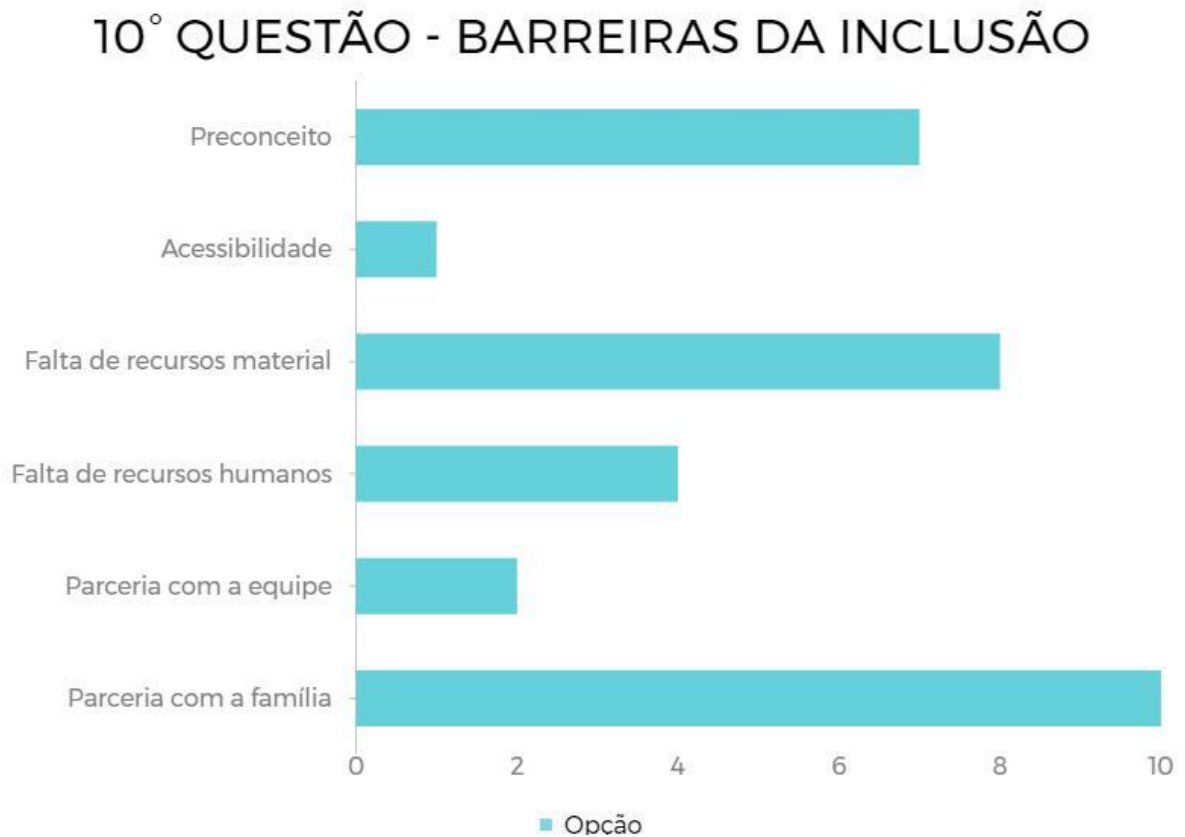
Fonte: Elaborador, (2021).

É fácil notar que as relações familiares são importantes para o aprendizado do aluno com NEE, sendo assim os professores entrevistados relatam que as experiências Familiares X Alunos são mútuas e com grandes significados.

10° QUESTÃO

• **Quais as maiores dificuldades que você já encontrou ao alfabetizar um aluno com NEE?**

Figura 11 – Resultado da 10ª questão

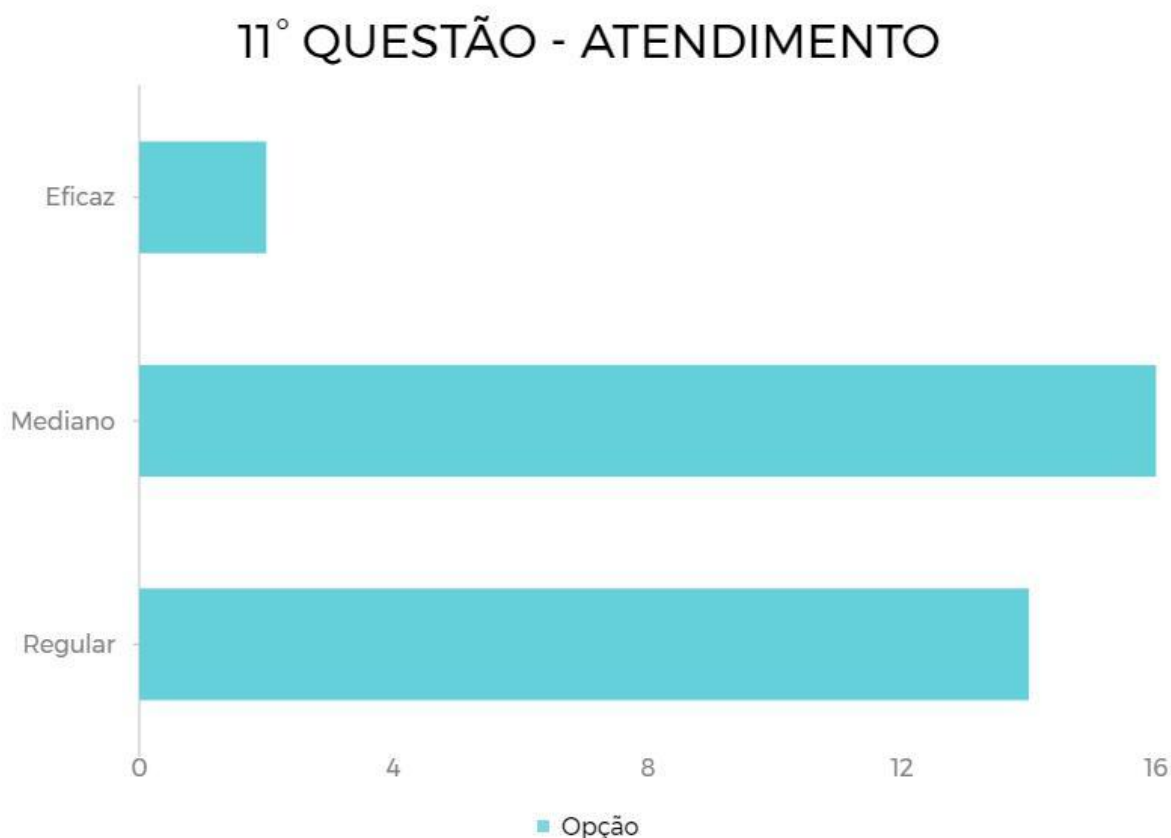


Fonte: Elaborador, (2021).

11ª QUESTÃO

- **Em que medida a grade curricular, o ambiente social e a estrutura organizacional da escola atendem às necessidades dos alunos?**

Figura 12 – Resultado da 11ª questão



Fonte: Elaborador, (2021).

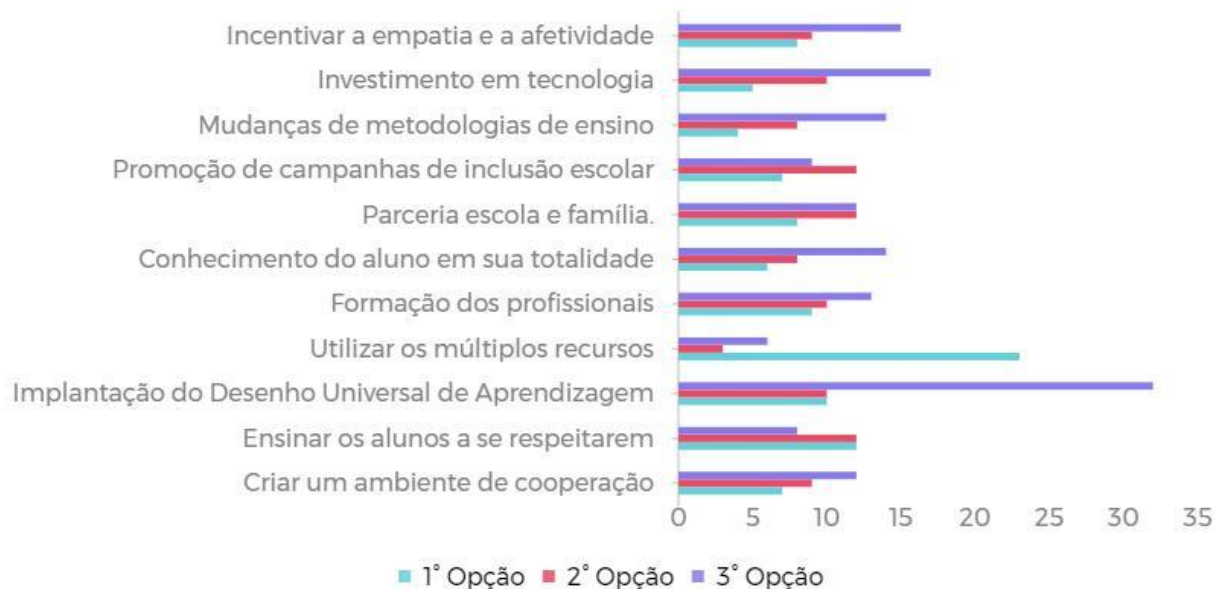
Atender todos os alunos de forma eficiente e significativa é um direito que o aluno possui, sendo assim a aprendizagem especial está relacionada a todas as tecnologias e recursos usados para que todas as crianças e jovens tenham as mesmas oportunidades. A diversidade de alunos deve ser respeitada e valorizada, logo o papel das escolas na escolha de atividades e procedimentos de relacionamento englobando alunos, funcionários, docentes e gestores é essencial para que possam gerar espaços inclusivos, sem distinções, para que todos se sintam parte e entenda sua importância no cenário escolar.

12° QUESTÃO

• **Considerando o seu tempo de experiência, assinale o que poderia ser feito para que o processo de inclusão seja totalmente eficaz?**

Figura 13 – Resultado da 12ª questão

12° QUESTÃO - PROCESSO DE INCLUSÃO



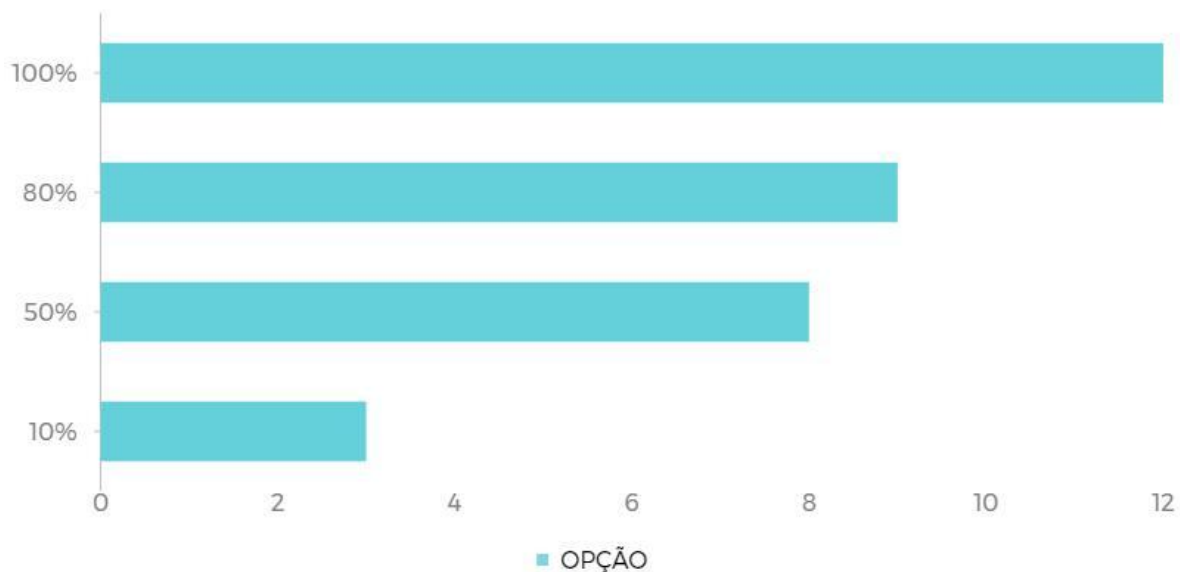
Os professores consideram que a implantação do desenho universal de aprendizagem é essencial para a inclusão, uma vez que todos aprenderam conteúdos de forma horizontal, de forma que respeite a individualidade de cada um.

13° QUESTÃO

• **Em que medida os pais estão envolvidos na educação de seus filhos e quais são os possíveis obstáculos?**

Figura 14 – Resultado da 13° questão

13° QUESTÃO - FAMÍLIA E APRENDIZAGEM



Fonte: Elaborador, (2021).

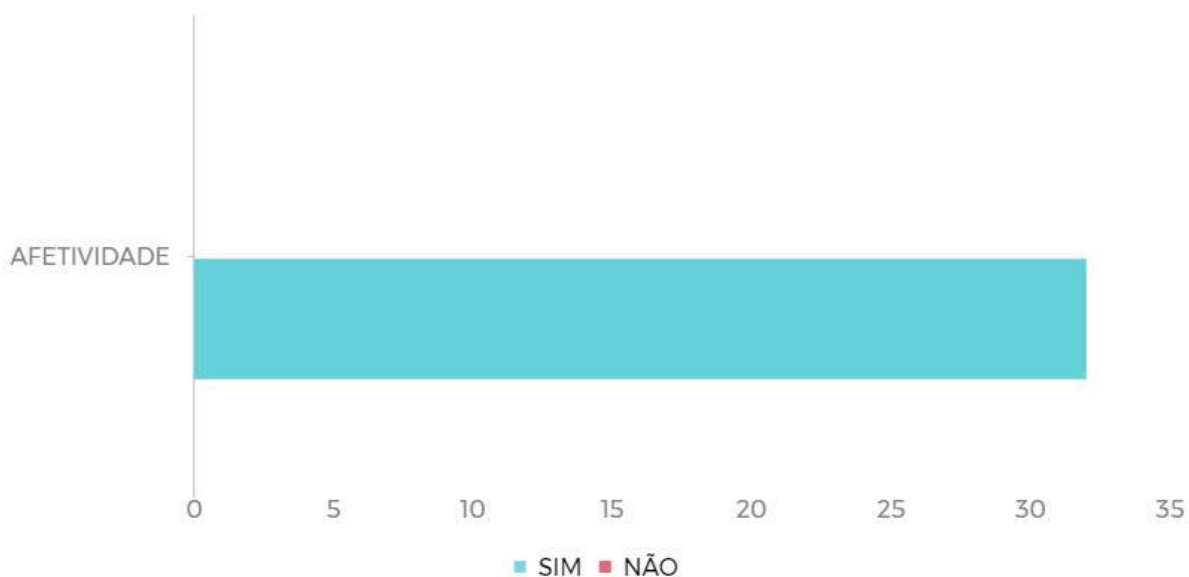
Podemos notar na questão 13, que os professores consideram que a família e aprendizagem caminham juntos, sendo assim fortalecendo o vínculo e os estímulos que os alunos recebem para desenvolver suas potencialidades e habilidades.

14° QUESTÃO

• **Na perspectiva do Ensino Afetivo na Alfabetização, você considera que pode ser base fundamental para construção de sujeitos críticos e afetivos na sociedade?**

Figura 15 – Resultado da 14° questão

14° QUESTÃO - AFETIVIDADE



Fonte: Elaborador, (2021).

Notamos que os professores consideram o ensino com afetividade importante, porém não utilizam de técnicas afetivas em sala de aula, ou pode acontecer de que os professores ainda não conhecem esse método de ensino a fundo.

15° QUESTÃO

- Na sua visão, quais as contribuições que a inclusão oferece para a Educação?

Quadro 6 – Resultado da 10° questão

OPINIÃO DOS PROFESSORES	
1° Professor	<i>“Viver com outro e respeitar suas diferenças é fazer o mundo um lugar melhor.”</i>
2° Professor	<i>“A inclusão leva a uma mudança nas perspectivas educacionais, porque não se limita apenas em ajudar os alunos com dificuldades na escola.”</i>
3° Professor	<i>“As contribuições vão desde as relações semicones afetivas até as sociais.”</i>
4° Professor	SEM RESPOSTA*
5° Professor	<i>“Ao interagir com diferentes colegas no ambiente de ensino regular, as crianças aprendem, encontram o significado e o propósito da aprendizagem e têm uma compreensão mais profunda de muitos assuntos ensinados na escola.”</i>
6° Professor	SEM RESPOSTA*
7° Professor	<i>“Os benefícios da Ed. Inclusiva são para a vida.”</i>

8° Professor	<i>SEM RESPOSTA*</i>
9° Professor	<i>“A inclusão permite que os alunos compreendam e prestem muita atenção ao desenvolvimento de outros jovens com habilidades e necessidades diferentes das suas e, por meio dessa convivência, possam desenvolver melhores habilidades sociais e emocionais como empatia, paciência e colaboração.”</i>
10° Professor	<i>SEM RESPOSTA*</i>
11° Professor	<i>“A inclusão ajuda os alunos a valorizarem a diversidade humana, vivenciarem diretamente suas habilidades, aumentarem seu senso de responsabilidade e melhorarem o aprendizado por meio do ensino entre alunos.”</i>
12° Professor	<i>SEM RESPOSTA*</i>
13° Professor	<i>“As contribuições da inclusão refletem como tratamos o outro, sendo assim, tendo uma inclusão na Ed. Infantil teremos alunos que respeitem as diversidades da vida e a característica de cada pessoa.”</i>
14° Professor	<i>“A inclusão social é importante porque elimina o isolamento social e democratiza as pessoas que não têm acesso a diversos espaços e serviços.”</i>
15° Professor	<i>“Ampliar a consciência das pessoas a respeito da inclusão, tanto dentro da escola, quanto na sociedade.”</i>
16° Professor	<i>SEM RESPOSTA*</i>
17° Professor	<i>“A educação inclusiva pode fornecer uma série de benefícios acadêmicos e sociais para todos os envolvidos.”</i>
18° Professor	<i>“A inclusão social é importante porque elimina o isolamento social e democratiza as pessoas que não têm acesso a diversos espaços e serviços.”</i>
19° Professor	<i>“O respeito na vida em sociedade”</i>
20° Professor	<i>SEM RESPOSTA*</i>
21° Professor	<i>“As contribuições da Ed. inclusiva são para todos.”</i>
22° Professor	<i>SEM RESPOSTA*</i>
23° Professor	<i>“Ela contribuiu para o desenvolvimento étnico e integral da sociedade.”</i>
24° Professor	<i>“Além de desenvolver plenamente as competências e aptidões necessárias à sua educação, a inclusão é essencial para que esses alunos se integrem à sociedade.”</i>
25° Professor	<i>“A inclusão é um processo que ajuda a construir uma nova sociedade livre de preconceitos”</i>
26° Professor	<i>SEM RESPOSTA*</i>
27° Professor	<i>“A educação inclusiva ensina as crianças como aceitar o próximo e inclui seus amigos socialmente.”</i>
28° Professor	<i>SEM RESPOSTA*</i>

29º Professor	<i>“A educação inclusiva incentiva a plena participação de todos os alunos.”</i>
30º Professor	<i>SEM RESPOSTA*</i>
31º Professor	<i>“As contribuições são diversas, ajudando os alunos a ter um olhar diferente para o outro.”</i>
32º Professor	<i>“Respeitar as características de cada pessoa e conviver na diversidade e na cooperação.”</i>

Em base das respostas, podemos concluir que a educação vai além da ideia de consolidar tecnologia ou conhecimento específico, pois tem um importante papel cultural. Especialmente na educação regular, tem a capacidade de mudar a cultura social, mudar práticas que já são comuns no meio ambiente e aumentar a tolerância.

3º CAPÍTULO

Observações

"...educar é realizar a mais bela e complexa arte da inteligência. Educar é acreditar na vida e ter esperança no futuro, mesmo que os jovens nos decepcionem no presente. Educar é semear com sabedoria e colher com paciência". Augusto Cury

3.1 Análise Da Interpretação - Triangulação

Em base dos resultados, podemos iniciar a nossa triangulação de dados e percebermos que a educação inclusiva no Brasil precisa de muitos ajustes. No que diz respeito ao modelo tradicional e ao próprio local de ensino e que devem continuar a se adaptar a um ritmo cada vez mais rápido, mesmo sabendo que, no entanto, muitas mudanças exigem incentivos do governo. Mas enfatizamos que isso não deve ser uma preocupação apenas para o setor privado, mas deve ser estendido a todos os brasileiros indiscriminadamente. Portanto, o desenvolvimento contínuo de políticas públicas relacionadas a esse quadro deve ser incentivado.

Em relação ao processo de alfabetização, notamos que a atenção dedicada ao trabalho com a alfabetização e ao desenvolvimento de uma prática dinâmica em sala de aula através de jogos e brincadeiras lúdicas, é uma das características que estes professores possuem, porém somente com interesse e iniciativa ao fazer essas mudanças que a alfabetização de um aluno com necessidades educativas especiais, será totalmente contido. Entretanto, em controvérsia é possível notar que apesar do reconhecimento do brincar e dos momentos afetivos para as crianças de 6 anos, devido à necessidade e ênfase na alfabetização, o brincar pode ser diminuído no cronograma dos estudantes.

Durante as observações, verificamos que na prática desenvolvida pelos professores, os usos de diferentes recursos tecnológicos, as quais deram certo ao dinamismo para suas aulas em tempo de Covid 19. Sendo assim, podemos perceber que a realização de novas ações educativas amplia os horizontes e, portanto, facilita a ocorrência dessas adaptações. Como resultado, todos ganharam desta forma.

Foi possível observar também o respeito às individualidades, uma vez que cada um tem suas próprias características de aprendizagem, o ideal é que haja uma maneira flexível de considerar todas essas questões. Porém, o resultado é que o método tende a se tornar rígido, o que é mais prejudicial aos deficientes.

Um dos obstáculos é a adaptação à demanda e a plena integração do conhecimento. Mesmo com profissionais bem treinados e interessados em introduzir métodos de ensino diferenciados, muitas escolas têm encontrado um grande problema: a falta ou escassez de recursos específicos. Muitas instituições não possuem salas multimídia, espaços integrados ou mesmo os elementos mais básicos para uma boa experiência. Isso torna algumas ações difíceis de serem colocadas em prática, afetando o processo de aprendizagem.

Embora menos comum, o principal obstáculo é o suporte externo insuficiente. Ou seja, se os pais/responsáveis e a comunidade não participam da educação das pessoas com deficiência, eles podem ter maiores dificuldades na obtenção desse direito.

É preciso contar com a participação de todos para buscar atuações que sempre privilegiam o melhor desempenho dos alunos. Sem esse tipo de colaboração externa, o poder de ensino da escola é limitado. Mais importante ainda, os pais e responsáveis de outros alunos devem participar. Somente promovendo a ação afirmativa, a tolerância e o respeito às diferenças, os resultados podem ser alcançados.

Portanto, de acordo com os resultados desta pesquisa, reconhece-se a problemática dos alunos com necessidades especiais no âmbito social da escola, verifica-se a realidade atual, teórica e prática, ou seja, legislação e teoria vigentes, paralelas ao cotidiano. Nessas perspectivas, absorver novos conhecimentos e mudar sua prática de acordo com a função do novo conhecimento, mas reter o que considera essencial para a aprendizagem da leitura e da escrita, ou seja, o reconhecimento de fonemas.

CONCLUSÃO

Com o resultado desta pesquisa, podemos verificar que o impacto das escolas na habilidade de alfabetização de crianças especiais é um fator importante que pais e educadores devem considerar. Pois, de certa forma, o ambiente escolar é onde essas pessoas se formam, e que através das inter-relações estão sendo preparados para lidar com pessoas e situações em diferentes contextos. Compreender a prática de letramento de crianças da educação infantil é o objetivo desta pesquisa, pois, com o número de anos de educação neste âmbito, crianças de seis anos começam a cumprir os requisitos de idade na segunda fase do ensino básico.

O direito à educação dos alunos com necessidades educacionais especiais e de todos os cidadãos é constitucional. A garantia de uma educação de qualidade para todos os meios, entre outros fatores, o replanejamento das escolas, que inclui não só a aceitação, mas também a ênfase nas diversidades. Essa avaliação é realizada salvando valores culturais, fortalecendo as identidades individuais e coletivas e respeitando os comportamentos de aprendizagem e construção.

Uma das ações necessárias, para garantir a qualidade do ensino, é a construção de um projeto pedagógico inclusivo. Por meio dela, professores e demais funcionários poderão orientar-se ao longo da formação dessas crianças e jovens, o que ajudará a determinar quais alterações e atividades fazer para que o ambiente escolar inclua as mesmas, lembrando que a afetividade da educação infantil é muito importante no processo de ensino e aprendizagem. O vínculo de confiança entre alunos e professores está diretamente relacionado ao sucesso na aquisição de conhecimentos, não apenas na primeira infância.

As escolas precisam fazer alguns ajustes para fornecer educação inclusiva de qualidade, entre eles estão presentes profissionais capacitados que podem ensinar e lidar com os problemas das crianças. Entretanto, em termos de alfabetização de crianças com necessidades especiais, esses profissionais ainda oferecem pouquíssimas cotações, principalmente em cidades distantes dos grandes centros. Portanto, compreender a relevância da afetividade como intermediária para a alfabetização pode proporcionar aos professores e às crianças momentos agradáveis em sala de aula, o que, sem dúvida, ajudará na aprendizagem das mesmas.

Para que um profissional da educação coloque em prática todas as ações pedagógicas afetivas necessárias, ele precisa de uma rede de apoio, isto inclui escolas, profissionais da educação e famílias de crianças. O papel da escola na rede de apoio será fornecer as estruturas físicas e pessoais que essas crianças precisam para se desenvolver. Os familiares têm a responsabilidade de dar continuidade ao trabalho do professor em casa, pois muitas atividades realizadas no ambiente escolar continuam no dia a dia da criança.

Além disso, a presença de professores treinados em alfabetização para crianças especiais garante que elas possam continuar a receber educação à medida que crescem. Não há necessidade de interromper suas atividades com base no nível acadêmico, pois poderá acompanhar seus colegas em atividades personalizadas. A proposta busca o desenvolvimento cognitivo por meio da interação afetiva, tornando uma educação mais interessante e significativa para todas as partes envolvidas.

Através deste estudo, foi possível perceber que as questões afetivas se encontram em segundo plano nas práticas dos professores entrevistados, mostrando uma ausência de conhecimentos sobre o que é, de fato, ensino afetivo e as contribuições que podem favorecer os alunos com necessidades educativas especiais.

Falar sobre Ed. inclusiva e as questões afetivas em uma turma em que há alunos com diversas características físicas, emocionais e intelectuais se torna primordial para o desenvolvimento e crescimento dessas crianças, uma vez que estes elementos estão interligados com a inteligência emocional, o que pode favorecer desde a infância até a vida adulta destas.

Desta forma, esta obra contribui com reflexões acerca das relações que a escola promove aos seus profissionais, estudantes e responsáveis, a metodologia que envolve a escola, as questões de infraestrutura e de acessibilidade, os recursos disponíveis pedagógicos e principalmente, as estratégias alinhadas pelos professores.

Esperamos que essa pesquisa ajude, além de aumentar a investigação sobre este tema, promover a reflexão sobre a necessidade e importância de compreender como funcionam as emoções e como ocorrem os processos de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita na sala de aula. Entender que a alfabetização é um processo complexo, envolvendo diferentes aprendizagens, isso deve ser baseado na imersão das crianças na cultura escrita, e concordamos com Goulart (2011) que, nesse processo, é preciso considerar os aspectos macro, pois ambos têm papel fundamental no significado da leitura e da escrita.

REFERÊNCIAS

- Abreu, M. A. A. (2010) Educação: Um Novo Patamar Institucional. Novos Estudos CEBRAP [online]. 2010;
- Afonso, M; Miranda, M. (2007) Paradigmas Diferencial e Sistêmico de Investigação da Inteligência Humana: Perspectivas sobre o Lugar e o Sentido do Construto. Tese De Doutorado. Faculdade De Psicologia E Ciências Da Educação; Universidade De Lisboa.
- Alzina, R. B et al. (2009). Atividades Para O Desenvolvimento Da Inteligência Emocional Nas Crianças. São Paulo, SP: Ciranda Cultural
- Alzina, B; Escoda, N. (2012) Educación Emocional: Estrategias Para Su Puesta En Práctica. Revista De La Asociación De Inspectores De Educación De España. Revista Nº 16 .
- Almeida, A. R. S. (1999). A Emoção Na Sala De Aula. Campinas: Papirus.
- Araújo, C. M. M. (2003) Psicologia Escolar e o Desenvolvimento de Competências: uma opção para a capacitação continuada. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.
- Aarons, M; Gittens, T. (1992). The Handbook Of Autism: A Guide For Parents And Professionals. London: Routledge
- Aris, P. (1973) História Social Da Criança E Da Família. 2TM Ed., Rio De Janeiro: Guanabara.
- Aranha, M. S. F. (2004) Educação inclusiva: transformação social ou retórica? In: OMOTE, S. Inclusão: intenção e realidade. Marília, SP: Fundepe Publicações.
- Brasil. (2004) Ministério Público Federal. Fundação Procurador Pedro Jorge de Melo e Silva. O acesso de alunos com deficiência às escolas e classe comum da rede regular. 2^a ed. Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão. Brasília.
- Brasil.(1988) Constituição Federal. Rio de Janeiro: FAE.
- Brasil, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Especial. Inclusão: Revista da Educação Especial. Ano I. nº 01. Brasília: MEC/SEESP

- Bezerra, R. J. L. (2006) Afetividade como condição para a aprendizagem: Henry Wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção. Revista Didática Sistemática. UFRS.
- Bechtold, P. B; Weis, S. L. I(SEM ANO) A inclusão das pessoas com necessidades educacionais especiais no mercado de trabalho.
- Bonfim, V. A. (2011) Afetividade Na Escola: Alternativas Teóricas E Práticas. São Paulo: Summus.
- Bock, A; Furtado, O; Teixeira, M. L.(199) Psicologias: Uma Introdução Ao Estudo Da Psicologia. 13ª. Ed. São Paulo: Saraiva.
- Borges, J. A. (2005) As TICs e as tecnologias assistivas na educação de pessoas deficientes.
- Chabot, D.; Chabot, M.(2005) Pedagogia Emocional: Sentir Para Aprender. Trad. Diego Ambrosini E Juliana Montoia De Lima. [S.L.]: Sá Editora, 2005.
- Cunha, A. E. (2008) Afeto E Aprendizagem, Relação De Amorosidade E Saber Na Prática Pedagógica. Rio De Janeiro. Wak.
- Dantas, H. (1992) A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In LA TAILLE, Yves de. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. São Paulo: Summus, 1992.
- Darling-hammond, L. (2003). Keeping Good Teachers: Why It Matters, What Leaders Can Do. Educational Leadership, 60, 6-13.
- Demo, Pedro. (2007) Educar pela Pesquisa. 8 Ed. Campinas: Autores Associados.
- Faria, A.L.G. (2002) Educação Pré-escolar E Cultura. 2. Ed. São Paulo: Cortez; Campinas: UNICAMP.
- Ferreira, A. L.; Acioly-régnier, N. M. (2010) Contribuições De Henri Wallon À Relação Cognição E Afetividade Na Educação. Curitiba: Editora UFPR.
- Fernández, A.(2001) Os Idiomas Do Aprendiz. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Fernández, A. (2001) O Saber em Jogo. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- Fonseca, V. (1995). Introdução às dificuldades de aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Freire, T., Tavares, D. (2011). Influência da auto-estima, da regulação emocional e do gênero no bem-estar subjectivo e psicológico de adolescentes. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 38 (5), 184-188.
- Goleman, D. (1995). *Inteligência Emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Goleman, D. (1998). *Trabalhando com a Inteligência Emocional*. (Trad. M. H. C. Cortês). Rio de Janeiro: Objetiva.
- Green EM, et al. (2005) Replication-independent histone deposition by the HIR complex and Asf1. *Curr Biol* 15(22):2044-9
- Goffman, E. (1999). *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Hoffmann, J. (2011) *Pontos E Contrapontos: Do Pensar Ao Agir Em Avaliação: 11. Ed.* Porto Alegre: Mediação.
- Hillal, J.(1985) *Relação Professor-aluno: Formação Do Homem Consciente*. São Paulo: Ed. Paulinas.
- Libâneo, J. C. (1994) *Didática - São Paulo: Cortez. (Coleção Magistério 2º Grau. (Série Formação do Professor)*.
- Lüdke, M.; André, M. E. D. A. (1986) *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- Ledoux JE (2011) *Molecular Mechanisms Of Fear Learning And Memory*. *Cell* 147:509-524.
- Leite, S. A. S.; Tassoni, E. C. M. (2002) *A afetividade em sala de aula: as condições do ensino e a mediação do professor*. In: AZZI, R. G.; SADALLA, A. M. F. A. *Psicologia e formação docente: desafios e conversas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- Lopes, H. C. R. (2010) *A importância da afetividade na educação infantil. Trabalho de conclusão de curso*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Três Cachoeiras – RS.
- Mazzotta, M. J. S. (2011) *Educação Especial No Brasil: Histórias E Políticas Públicas*. 6ª Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.
- Mantoan, M. T. E. (2006) *Inclusão Escolar: O Que É? Por Quê? Como Fazer?* São Paulo: Moderna.

- Magistretti, F (1968) O mundo afetivo da criança. Edições flamboyante. Rio de Janeiro/São Paulo: Distribuidora record.
- Marchesi, A. (2006) O Que Será De Nós, Os Maus Alunos? Tradução De Ernani Rosa. Porto Alegre, Artmed.
- Mendes, E. G. (1995) Deficiência Mental: A Construção Científica De Um Conceito E A Realidade Educacional. Tese (Doutorado Em Psicologia) Universidade De São Paulo.
- Michels, M.H. (2004) A Formação De Professores De Educação Especial Na UFSC (1998-2001): Ambigüidades Estruturais E A Reiteração Do Modelo Médico-psicológico. 2004, 170 P. Tese (Doutorado Em Educação: História, Política, Sociedade)–pontificia Universidade Católica De São Paulo, São Paulo.
- Mahoney, A. A. (1993) Emoção e ação pedagógica na infância: contribuições da psicologia humanista. Temas em Psicologia. Sociedade Brasileira de Psicologia, São Paulo, n ° 3, p. 67-72.
- Oliveira Filho, D. R. (2001) É A Síndrome De Down (Trissomia Do Cromossomo 21). ABC Da Saúde, Porto Alegre – RS, Novembro.
- Paciléo, A. (2020) A Importância de Desenvolver Inteligência Emocional. Empreendendo Direito - R7.
- Pessotti, I. (1984). Deficiência mental: da superstição à ciência. São Paulo: T.A. Queiroz.
- Piletti, C. (1986) Didática Geral. São Paulo: Ática.
- Piletti, N. (1991) Psicologia educacional. 10 ed. São Paulo: Ática.
- Piaget, J. (1974) La Prise de Conscience. Paris: PUF, 1974. [A Tomada de Consciência. São Paulo: EDUSP/Melhoramentos.
- Piaget, J. (1972) Problèmes De Psychologie Génétique Paris, Denoel-gonthier,
- Piaget, J.; Fraise, P. (1969) Tratado De Psicologia Experimental: A Percepção. Trad. Eliseu Lopes. Rio De Janeiro: Forense, V. 6, 1969.
- Piaget, J.; Fraise, P. I. (1969) Tratado De Psicologia Experimental: Aprendizagem E Memória. Trad. Agnes Cretella. Rio De Janeiro: Forense, V. 4, 1969. 300p.

- Piaget, J.; Fraise, P. (1969) *Tratado De Psicologia Experimental: História E Método*. Trad. Agnes Cretella. Rio De Janeiro: Forense, V. 1, 1969. 188p.
- Pino, A. (1997) O biológico e o cultural nos processos cognitivos, em *Linguagem, cultura e cognição: reflexão para o ensino de ciências*. Anais do encontro sobre Teoria e Pesquisa em ensino de ciências. Campinas: gráfica da Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, p. 5-24.
- Pires, F. C. O. (2012) O Papel Do Professor Orientador Na Efetiva-ção Do Estágio: Múltiplas Visões. In: LEITE, Y. U. F. Et Al. (Org.). *Políticas De Formação Inicial E Continuada De Professores*. 1 Ed. Araraquara: Junqueira&marin Editores.
- Prestes, Z.; Tunes, E. (2012) A Brincadeira Infantil Na Perspectiva Históricocultural. In: ANDRADE, D. B. S. F.; Lopes, J. J. M. *Infâncias E Crianças: Lugares Em Diálogos* (Org.) Cuiabá: EDUFMT, 2012.
- Pulaski, M. A. S. (1986) *Compreendendo Piaget. Uma Introdução Ao Desenvolvimento Cognitivo Da Criança*. Rio De Janeiro: LTC.
- Rego, A. (2002) *Comportamentos De Cidadania Organizacional: Factor De Competitividade E/Ou Engenharia Social?* In: *Competitividade Através Das Pessoas*. Lisboa: RH Editora, P.7-23.
- Rego, A. (2002) *Comportamentos De Cidadania Organizacional*. Lisboa: Mcgrawhill.
- Rego, A. (2003) *Organizações Autentizóticas: Desenvolvimento E Validação De Um Instrumento De Medida*. Relatório De Pesquisa – Universidade De Aveiro, Portugal.
- Roberts, R. Et al. D. (2002) *Inteligência Emocional: um construto científico?*. Paidéia.
- Rodrigues, D; Nogueira, J. (2011) *Educação Especial E Inclusiva Em Portugal: Fatos E Opções*. Revista Brasileira De Educação Especial, Marília.
- Roegiers, X. e De Ketele, (2004), *Uma Pedagogia de Integração, Competência e Aquisições*. Porto Alegre: Artmed
- Salovey, P., & Mayer, J. D. (1990). Emotional intelligence. *Imagination, Cognition and Personality*, 9(3), 185–221. doi:10.2190/DUGG-P24E-52WK-6CDG
- Sánchez, Pilar Arnaiz. (2005) *A educação inclusiva: um meio de construir escolas para todos os no século XXI*.

- Silva, L., Silva, L. (2019). Inclusão escolar e Educação em Direitos Humanos: as concepções dos professores de um aluno cego. *Revista Educação Especial*, 32, e29/ 1-16.
- Silva, L. G. S. (2008) *Inclusão: Uma Questão, Também De Visão. O Aluno Cego Na Escola Comum*. João Pessoa, PB: Editora Universitária.
- Tassoni, E. (2008) Cristina Martins. *A dinâmica interativa na sala de aula: as manifestações afetivas no processo de escolarização*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciências e Cultura / Ministério da Educação e Ciência da Espanha / Coordenadoria nacional para Integração da pessoa portadora de deficiência. (1994) *Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais*. Brasília.
- Vygotsky, L. S. (1988) *Aprendizagem E Desenvolvimento Intelectual Na Idade Escolar*. In: Vygotsky, L. S. Luria, Alexander Romanovich; Leontiev, Alexis N. *Linguagem, Desenvolvimento E Aprendizagem*. Tradução De Maria Da Penha Villalobos. 2. Ed. São Paulo: Ícone, 1988. P. 103-117.
- Vygotsky, L. S. (1988) *A Formação Social Da Mente*. 6. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- Vygotsky, L. (1984). *Pensamento E Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky L. (1987). *História Del Desarrollo Das Funciones Psíquicas Superiores*. La Habana: Ed. Científico Técnica.
- Vygotsky, L. (1998). *A Formação Social Da Mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S.; Luria, A. R.; Leontiev, A. N. (1998) *Linguagem, Desenvolvimento E Aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 1998.
- Wallon, H. (1968) *A Evolução Psicológica Da Criança*. Lisboa: Edições 70.
- Winnicott, D. W. (1985) *O Ambiente E Os Processos De Maturação: Estudos Sobre A Teoria Do Desenvolvimento Emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. W. (1985) *A Criança E O Seu Mundo*. 6 Ed. Rio De Janeiro: Zahar.
- Winnicott, D. W. (1997) *A Família E O Desenvolvimento Individual*. São Paulo: Martins Fontes.

Winnicott, D. W. (1975) O Brincar E A Realidade. Rio De Janeiro: Imago Editora LTDA.

Woyciekoski, C e Hutz, C. S. (2009) Inteligência emocional: teoria, pesquisa, medida, aplicações e controvérsias. Psicologia: Reflexão e Crítica [online]. 2009

Declaração de Salamanca. (1994) Brasília, DF: UNESCO.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. (1996) Brasília: MEC.

Os direitos das pessoas portadoras de deficiência. (1996) Brasília, Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência – Corde.

Plano Nacional de Educação. (1996) Brasília: MEC.

Resolução N° 2, de 11 de setembro de 2001. (2001) Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: CNE/CEB.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO - PROFESSORES

- IDENTIFICAÇÃO

NOME:

SEXO: () FEMININO () MASCULINO

IDADE: ___ ANOS

ESCOLARIDADE: () FORMAÇÃO DE PROFESSORES () ENSINO SUPERIOR ()
ESPECIALIZAÇÃO () MESTRADO () DOUTORADO

ÁREA DE FORMAÇÃO ACADÊMICA: _____

TEMPO DE DOCÊNCIA: ___ ANOS

QUANTO TEMPO DE ATUAÇÃO EM DOCÊNCIA COM ALUNOS COM
NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS (NEE): ___ ANOS.

- ATUAÇÃO

1) QUAL É O MÉTODO DE ENSINO DA ESCOLA ONDE VOCÊ ATUA?

() TRADICIONAL

() CONSTRUTIVISTA

() MONTESSORIANO

() WALDORF

() FREINET

2) AO RECEBER UM ALUNO COM NEE QUAIS SÃO AS PRIMEIRAS
INTERVENÇÕES QUE VOCÊ FAZ?

() CONQUISTAR A CONFIANÇA DO ESTUDANTE	() CONQUISTAR A CONFIANÇA DO ESTUDANTE	() CONQUISTAR A CONFIANÇA DO ESTUDANTE
() REALIZAR REUNIÃO PEDAGÓGICA	() REALIZAR REUNIÃO PEDAGÓGICA	() REALIZAR REUNIÃO PEDAGÓGICA
() CONHECER O ALUNO DE FORMA INTEGRAL	() CONHECER O ALUNO DE FORMA INTEGRAL	() CONHECER O ALUNO DE FORMA INTEGRAL
() REALIZAR AÇÕES AFETIVAS	() REALIZAR AÇÕES AFETIVAS	() REALIZAR AÇÕES AFETIVAS
() DEIXAR O ESTUDANTE	() DEIXAR O ESTUDANTE	() DEIXAR O ESTUDANTE

CONFORTÁVEL EM SALA	CONFORTÁVEL EM SALA	CONFORTÁVEL EM SALA
() ESTUDAR O PEI E OS RELATÓRIOS ANTERIORES	() ESTUDAR O PEI E OS RELATÓRIOS ANTERIORES	() ESTUDAR O PEI E OS RELATÓRIOS ANTERIORES
() REALIZAR REUNIÃO FAMILIAR	() REALIZAR REUNIÃO FAMILIAR	() REALIZAR REUNIÃO FAMILIAR

3) QUAIS PROCEDIMENTOS VOCÊ UTILIZA PARA INTERAÇÃO DO ESTUDANTE COM OS DEMAIS ALUNOS?

- () ATIVIDADES LÚDICAS**
- () ATIVIDADES ADAPTADAS**
- () ATRAVÉS DE RELAÇÕES DE AFETIVIDADE**
- () BRINCADEIRAS**
- () JOGOS COLETIVOS**
- () ATIVIDADES QUE DESENVOLVEM A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL**
- () ATIVIDADES CONSCIENTIZADORAS SOBRE A DIVERSIDADE**

4) COMO VOCÊ CLASSIFICA A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO DOS ALUNOS COM NEE.

- () INDIFERENTE () NECESSÁRIO () FUNDAMENTAL**

5) ALGUNS AUTORES RELATAM A IMPORTÂNCIA DA INFRAESTRUTURA QUANDO FALAMOS DE APRENDIZADO SIGNIFICATIVO, E ELA SE TORNA MAIS IMPORTANTE QUANDO SE FALAMOS DE ACESSIBILIDADE AOS ALUNOS COM NEE, SENDO ASSIM VOCÊ CONSIDERA O ESPAÇO ESCOLAR ONDE VOCÊ ATUA ADEQUADO PARA O PROCESSO DE ENSINO EFETIVO DE TODOS OS ESTUDANTES?

- () NÃO () SIM () EM CONSTRUÇÃO**

6) NA SUA VISÃO QUAIS SÃO OS ASPECTOS MAIS IMPORTANTES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

- () COMPREENSÃO DOS CONTEÚDOS**
- () O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE**

AS IDEIAS E OS PENSAMENTOS DOS ESTUDANTES

7) O QUE É FEITO PARA OFERECER UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA AOS ESTUDANTES COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS?

PLANEJAMENTO SEMANAL

ATIVIDADES LÚDICAS

MOMENTOS AFETIVOS

BRINCADEIRAS CANTADAS

8) JÁ TRABALHOU COM ALGUMA TECNOLOGIA ASSISTIVA QUE VISA FACILITAR O ENSINO APRENDIZAGEM DO ESTUDANTE?

NÃO SIM _____.

9) COMO É A RELAÇÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO ALUNO COM NEE?

INDIFERENTE MÚTUA

10) QUAIS AS MAIORES DIFICULDADE QUE VOCÊ JÁ ENCONTROU AO ALFABETIZAR UM ALUNO COM NEE?

PARCERIA COM A FAMÍLIA

PARCERIA COM A EQUIPE

FALTA DE RECURSOS HUMANOS

FALTA DE RECURSOS MATERIAL

ACESSIBILIDADE

PRECONCEITO

11) EM QUE MEDIDA A GRADE CURRICULAR, O AMBIENTE SOCIAL E A ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA ESCOLA ATENDEM ÀS NECESSIDADES DOS ALUNOS?

REGULAR

MEDIANO

EFICAZ

12) CONSIDERANDO O SEU TEMPO DE EXPERIÊNCIA, RELATE O QUE PODERIA SER FEITO PARA QUE O PROCESSO DE INCLUSÃO SEJA TOTALMENTE EFICAZ?

CRIAR UM AMBIENTE DE COOPERAÇÃO

ENSINAR OS ALUNOS A SE RESPEITAREM

IMPLANTAÇÃO DO DESENHO UNIVERSAL DE APRENDIZAGEM

UTILIZAR OS MÚLTIPLOS RECURSOS

FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS

CONHECIMENTO DO ALUNO EM SUA TOTALIDADE

PARCERIA ESCOLA E FAMÍLIA.

PROMOÇÃO DE CAMPANHAS DE INCLUSÃO ESCOLAR

MUDANÇAS DE METODOLOGIAS DE ENSINO

INVESTIMENTO EM TECNOLOGIA

INCENTIVAR A EMPATIA E A AFETIVIDADE

13) EM QUE MEDIDA OS PAIS ESTÃO ENVOLVIDOS NA EDUCAÇÃO DE SEUS FILHOS?

10%

50 %

80%

100 %

14) NA PERSPECTIVA DO ENSINO AFETIVO NA ALFABETIZAÇÃO VOCÊ CONSIDERA QUE PODE SER BASE FUNDAMENTAL PARA CONSTRUÇÃO DE SUJEITOS CRÍTICAS E AFETIVOS NA SOCIEDADE?

SIM

NÃO

15) NA SUA VISÃO QUAIS AS CONTRIBUIÇÕES QUE A INCLUSÃO OFERECE PARA A EDUCAÇÃO?

